

# Sagrado Coração de Jesus na vida de Arnaldo Janssen

---

Por

Devendra Bhuriya, SVD

Director:

Prof. Dr. D. Pascual Cebollada Silvestre, SJ

Madrid, Mayo 2015



FACULTAD DE TEOLOGÍA  
INSTITUTO DE ESPIRITUALIDAD

# Sagrado Corazón de Jesús na vida de Arnaldo Janssen

---

Por

Devendra Bhuriya, SVD

Vº Bº

Prof. Dr. D. Pascual Cebollada Silvestre, SJ

Fdo.

Madrid, Mayo 2015

## ÍNDICE

ÍNDICE.....	1
INTRODUÇÃO.....	3
<b>1. CAPÍTULO 1: ARNALDO JANSSEN: VIDA, ESCRITOS, DISCURSOS ESPIRITUAIS E LUGAR DA ORAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
1.1. OS ALICERCES DO AMBIENTE FAMILIAR.....	7
1.2. OS SEUS ESCRITOS: HOMILIAS E OUTROS (DISCURSOS, CARTAS E EXORTAÇÕES) .....	11
1.2.1. DISCURSOS, CORRESPONDÊNCIA INICIAL E HOMILIAS.....	11
1.2.2. CARTAS E EXORTAÇÕES.....	24
1.3. A SUA EXPERIÊNCIA DE ORAÇÃO, DEVOÇÕES DO SEU TEMPO E ATIVIDADES DIVERSAS (RETIROS E CONFERÊNCIAS).....	31
1.3.1. A SUA EXPERIÊNCIA DE ORAÇÃO .....	32
1.3.2. AS SUAS DEVOÇÕES E ATIVIDADES DIVERSAS (RETIROS E CONFERÊNCIAS).....	36
<b>2. CAPÍTULO 2: A DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO NA VIDA DE ARNALDO.....</b>	<b>49</b>
2.1. PASSOS DA DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO.....	49
2.1.1. DESDE O SÉC. XII ATÉ AO SÉC. XVII.....	50
2.1.2. DESDE O SÉC. XVIII ATÉ À ATUALIDADE.....	56
2.2. A PRESENÇA DA DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO EM ARNALDO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DESTE HOMEM .....	64
2.3. HERANÇA DE ARNALDO SOBRE O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS..	70
<b>3. CAPÍTULO 3: A TEOLOGIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS NOS ENSINAMENTOS DE ARNALDO.....</b>	<b>80</b>
3.1. SAGRADO CORAÇÃO E VERBO ENCARNADO: QUE RELAÇÃO.....	85
3.1.1. VERBO ENCARNADO E SAGRADO CORAÇÃO: QUE AFIRMAÇÕES EM ARNALDO.....	86
3.1.2. SOFRIMENTO, RESSURREIÇÃO E SAGRADO CORAÇÃO.....	90
3.2. ENSINAMENTOS DA IGREJA SOBRE O SOFRIMENTO, A MORTE E A RESSURREIÇÃO OU A VIDA NOVA.....	96
3.2.1. ENSINAMENTO DA IGREJA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA CRUZ E A MORTE.....	96
3.2.2. ENSINAMENTO DA IGREJA SOBRE A VIDA NOVA.....	102
3.3. A VISÃO DE ARNALDO E POSSÍVEIS CONCLUSÕES.....	105

3.3.1.	COMO DEVE UM CRISTÃO VIVER A MORTE E A RESSURREIÇÃO À LUZ DA DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO.....	106
3.3.2.	COMO DEVE UM MISSIONÁRIO DO VERBO DIVINO VIVER A MORTE E A RESSURREIÇÃO À LUZ DOS ENSINAMENTOS DE ARNALDO SOBRE A DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO.....	110
4.	CONCLUSÃO.....	115
5.	BIBLIOGRAFIA.....	121

## INTRODUÇÃO

Para a minha tese, escolhi o tema «Sagrado Coração de Jesus na vida de Arnaldo Janssen». Arnaldo Janssen era um sacerdote alemão da diocese de Münster. Desde cedo tornou-se devoto do Sagrado Coração. Como sacerdote, trabalhou incansavelmente pelo Apostolado de Oração e fundou uma revista chamada *O Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração*. Também introduziu muitas práticas de devoção ao Sagrado Coração, na Congregação do Verbo Divino.

Compreende-se, que na história da Igreja, quer no passado quer no presente, esta devoção ao Sagrado Coração de Jesus tenha ocupado um lugar importante na religiosidade de muitas nações do mundo. Portugal é um dos países onde esta devoção existe há muitos séculos. A nação portuguesa tem na sua bandeira as cinco quinas, representando as cinco Chagas do Senhor. Como missionário do Verbo Divino, em Portugal, desde que sou sacerdote, comecei a fazer a adoração ao Santíssimo Sacramento com o povo, nas paróquias. Fazia este momento de adoração, oração e reflexão, sobretudo nas primeiras 5<sup>as</sup> e 6<sup>as</sup> feiras, de cada mês, logo após a celebração da eucaristia. No momento da adoração procurava partilhar uma reflexão sobre o Sagrado Coração de Jesus, com o apoio do Apostolado de Oração. Tinha ouvido e lido belas histórias de santos e confidentes do Sagrado Coração, e também histórias das Igrejas e basílicas dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus, em Portugal. E aí foi crescendo o interesse e necessidade de fazer algo mais para o povo e particularmente para mim. Nos primeiros tempos não sabia o que poderia fazer mais. Quando tive a oportunidade de tirar o curso de teologia espiritual, então surgiram ideias mais claras para fazer algo de novo.

Por isso, decidi fazer o meu trabalho de investigação sobre o Sagrado Coração de Jesus na vida de Arnaldo Janssen. Deste modo, não só posso possibilitar conhecer melhor a vida deste santo mas sobretudo ajudar o povo simples das paróquias, e os que estão ligados aos Missionários do Verbo Divino, a crescer no amor ao Sagrado Coração. Há muita devoção ao Sagrado Coração, em Portugal. É um campo rico a cultivar. Ao mesmo tempo quero incentivar e renovar, de alguma forma, nos Missionários do Verbo Divino, a devoção ao Sagrado Coração. Arnaldo Janssen foi o fundador de três congregações religiosas: 1) Missionários do Verbo Divino, 2) Missionárias Servas do

Espírito Santo 3) Missionárias Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua. Arnaldo viveu no séc. XIX e ainda no início do séc. XX. Levou uma vida de intensa oração e trabalho. Foi canonizado no dia 5 de outubro de 2003, juntamente com o primeiro missionário verbita enviado para a China, S. José Freinademetz.

Ao longo da sua vida Arnaldo cultivou muitas devoções. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, sem dúvida uma das preferidas de Arnaldo, devoção que viveu com muita intensidade e profundidade. Neste trabalho de investigação quero aprofundar o porquê desta devoção e a importância que ela teve na vida de Arnaldo. O que pode significar, hoje, esta devoção na vida dum cristão e dum Missionário do Verbo Divino? Como deve ela ser vivida, hoje? Que lugar deve ocupar na vida dum cristão e dum Missionário do Verbo Divino, esta devoção? Ao fazer este trabalho, também pretendo aproximar-me mais do meu fundador e, através dele, ao Sagrado Coração de Jesus, e ajudar todos aqueles que me serão confiados a fazerem este caminho de aproximação ao fundador, mas sobretudo ao Sagrado Coração de Jesus, fonte de todas as graças e sede da Santíssima Trindade.

No passado dia 11 de abril de 2015, véspera do Domingo da Divina Misericórdia, o Papa Francisco veio apresentar a bula: «Misericordiae Vultus» (rosto da misericórdia), com a qual convocou oficialmente o Jubileu da Misericórdia (dezembro de 2015-novembro de 2016). O Papa já tinha anunciado, a 13 de março, a realização do 29º jubileu na história da Igreja Católica, um Ano Santo extraordinário centrado no tema da Misericórdia, entre 8 de dezembro e 20 de novembro de 2016. Penso que este meu trabalho pode ser uma ajuda preciosa para melhor compreender este Jubileu da Misericórdia, porque o Sagrado Coração de Jesus é, de facto, a fonte de toda a misericórdia e amor de Deus para com a humanidade. Ao tomar a decisão de realizar este trabalho, coloquei-me na perspetiva de ajudar as pessoas a aproximarem-se umas das outras e do Deus misericordioso que se encontra no Coração trespassado de Jesus. Também gostaria que esta minha reflexão ajudasse as pessoas a compreenderem que Deus é um Pai misericordioso que cuida e perdoa todos, sem excluir ninguém. Só precisamos confiar plenamente n'Ele.

O objetivo deste trabalho de investigação não é para descobrir algo que os estudos feitos anteriormente não tivessem já encontrado. O meu objetivo é, sobretudo, aprofundar o

conhecimento da devoção ao Sagrado Coração, na vida de Arnaldo e o quanto isso pode ajudar outros cristãos a crescer na devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Ao aproximar-me do P. Arnaldo, gostava que essa proximidade me ajudasse a crescer na devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Deste modo será mais fácil viver a espiritualidade trinitária de Arnaldo. Ele aprofundou e penetrou nessa espiritualidade através da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Sobre a espiritualidade da Congregação do Verbo Divino há vários estudos feitos em Alemão, Inglês e Espanhol. Sobre o Sagrado Coração de Jesus, existem também diversos estudos em Espanhol e Português. Eu decidi fazer este trabalho usando bibliografia em Espanhol, Inglês e Português. Também optei por usar os documentos da Igreja traduzidos em Português. As citações que vão aparecendo neste trabalho foram traduzidas por mim, oriundas do Espanhol ou do Inglês, tomadas dos autores que escreveram sobre Arnaldo e sobre o Sagrado Coração de Jesus.

Dividi este trabalho de investigação em três capítulos: O primeiro capítulo intitula-se “Arnaldo Janssen: vida, escritos, discursos espirituais e lugar da oração”. Neste capítulo darei a conhecer os alicerces do ambiente familiar de Arnaldo: quem foram os seus pais, irmãos e outros familiares; como era a sua família e o ambiente paroquial. Também procurarei facultar algum conhecimento dos seus escritos, sobretudo de discursos, homilias, exortações e cartas. Depois referirei a sua experiência de oração, as devoções do seu tempo e atividades diversas (retiros e conferências) bem como as suas devoções: como e porque as viveu. Deste modo darei a conhecer a pessoa de Arnaldo e aquilo que procurou realizar no seu tempo, como sendo a vontade de Deus por ele reconhecida.

No segundo capítulo procurarei abordar a devoção ao Sagrado Coração na vida de Arnaldo. Na primeira parte deste capítulo apresentarei sinteticamente uma breve história da devoção ao Sagrado Coração, na história da Igreja. Nesta breve história vou apresentar algumas personagens que tiveram um papel importante na Igreja, no seu tempo, durante diversas épocas. Também apresentarei a voz da Igreja, através dos tempos, sobre a devoção ao Sagrado Coração, na pessoa de sucessivos Papas. Essa voz estará implícita nas suas doutrinas, mensagens, exortações e encíclicas sobre o Sagrado Coração de Jesus. Na segunda parte deste capítulo abordarei a devoção de Arnaldo ao Sagrado Coração, assim como as suas consequências na vida deste homem. Será ainda referida a mudança ocorrida na vida de Arnaldo, a partir do momento que iniciou a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Na terceira parte deste capítulo apresentarei a

herança de Arnaldo sobre o Sagrado Coração de Jesus. Também irei aduzir como os missionários receberam essa mesma herança, como a guardaram e viveram no passado e como a guardam e vivem na atualidade.

Finalmente, no terceiro capítulo, abordarei a teologia do Sagrado Coração de Jesus, segundo os ensinamentos de Arnaldo. Este capítulo constará de três partes: cada parte terá duas sub-divisões. Antes de entrar verdadeiramente na temática das três partes, procurarei apresentar um breve recorrido do sentido do «Coração», entendido na Bíblia, e como Arnaldo entendia o Sagrado Coração de Jesus. A primeira parte deste capítulo versará sobre a relação do Sagrado Coração com o Verbo Encarnado. Procurarei apresentar as afirmações de Arnaldo sobre o Verbo Encarnado e o Sagrado Coração e como vê Arnaldo esta relação. Também apresentarei a relação entre o sofrimento, a ressurreição e o Sagrado Coração e como deve ser entendida toda esta relação. A segunda parte deste capítulo incidirá sobre os ensinamentos da Igreja sobre o sofrimento, a morte e a ressurreição, ou a vida nova. Para compreender melhor toda esta temática recorrerei aos documentos da Igreja: Vaticano II, *Catecismo da Igreja*, Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, do papa S. João Paulo II e a Carta Encíclica *Spe Salvi* do papa Bento XVI. Procurarei apresentar o ensinamento da Igreja sobre a experiência da cruz e a morte, sobre a vida nova, e como entende a Igreja toda esta temática, à luz dos seus documentos e a partir da voz dos papas.

Por último, na terceira parte deste capítulo tentarei apresentar a visão de Arnaldo e as possíveis conclusões, a partir de toda esta temática do Sagrado Coração de Jesus. Como deve um cristão viver a morte e a ressurreição, à luz da devoção ao Sagrado Coração. Como deve um missionário do Verbo Divino viver a morte e a ressurreição, à luz dos ensinamentos de Arnaldo sobre a devoção ao Sagrado Coração. Terminarei este trabalho de investigação com um convite: ousar viver esta devoção à maneira de Arnaldo Janssen.



## CAPÍTULO 1

### **Arnaldo Janssen: vida, escritos, discursos espirituais e lugar da oração**

Os homens, em geral, têm o seu início humilde no mundo. Também é assim a lei da vida e da natureza. Vêm ao mundo como crianças dependentes, frágeis e tenras. Nascem, crescem e desenvolvem as suas capacidades e dons com o passar do tempo e com a ajuda das pessoas que os rodeiam. Neste caso são os pais, irmãos, demais familiares, educadores, professores, colegas e amigos que marcam a vida do homem. Estas pessoas, sobretudo os pais de Arnaldo, tiveram um papel muito importante na sua vida, ajudando-o a crescer como homem de fé e sacerdote de Cristo Jesus. Neste capítulo, queremos conhecer Arnaldo Janssen e os seus pais e como ele viveu as etapas da sua vida.

#### **1.1. Os alicerces do ambiente familiar**

Para conhecer melhor as pessoas é preciso ir às suas raízes, às suas fontes, ver como apareceram em determinada época. Arnaldo Janssen foi o fundador de três Congregações: Missionários do Verbo Divino, Missionárias Servas do Espírito Santo e Missionárias Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua. Ele nasceu “no dia 5 de novembro de 1837, em Goch, na Baixa Renânia (Alemanha).”<sup>1</sup> Os seus pais, Geraldo Janssen e Ana Catarina Wellesen, eram pobres e simples, muito trabalhadores e fortemente enraizados na fé católica, quer pelas suas práticas religiosas na Igreja local, quer na sua própria família. O mais belo desta família é que “a oração era uma das prioridades da sua agenda familiar.”<sup>2</sup> O pai de Arnaldo era agricultor e vivia na Frauenstrasse, em Goch. Tinha também um pequeno negócio de transporte de mercadorias. Geraldo era um homem simples, piedoso e cheio de temor a Deus. Tinha três irmãos (um irmão e duas irmãs) que se casaram e formaram família. Destes casamentos nasceram vários filhos. Cinco sobrinhos de Geraldo seguiram a vida religiosa e sacerdotal (quatro religiosas e um sacerdote). Todos os outros sobrinhos casaram e ficaram a viver em Goch ou Kalkar.

---

<sup>1</sup> J. ALT, svd, *Journey in Faith. The Missionary Life of Arnold Janssen*, Apud Collegium Verbi Divini, Romae 2002, p. 3.

<sup>2</sup> *Ib.* p. 3.

Geraldo Janssen casou com Ana Catarina Wellesen, natural de Heust, paróquia de Weeze. Tiveram “onze filhos, dos quais, três faleceram logo após o nascimento”<sup>3</sup>. Dos que sobreviveram, Arnaldo era o segundo, tendo ainda mais cinco irmãos e duas irmãs. Os nomes dos seus irmãos são os seguintes: Margarete (irmã mais velha), Gerardo, Pedro, Guilherme (Ir. Junípero), Teodoro, Gertrudes e João. Dois dos seus irmãos, Guilherme e João, seguiram a vida religiosa. Guilherme entrou na ordem dos Capuchinhos e tornou-se irmão leigo, tendo recebido o nome de Ir. Junípero. João entrou na Congregação do Verbo Divino, como diácono, para ajudar o seu irmão Arnaldo. Os outros irmãos casaram, exceto a irmã mais nova, Gertrudes. Destes seus irmãos que casaram só Pedro teve filhos (três rapazes e uma rapariga).

Os pais de Arnaldo criaram um bom e acolhedor ambiente familiar para os seus filhos. O próprio Arnaldo conta-nos como eram os seus pais:

“Meu pai era um homem simples, pai carinhoso e bom cristão. Aos domingos participava zelosamente na missa e ia à Igreja de manhã duas vezes e à tarde uma vez. Também tinha o costume de ir à missa todas as segundas feiras para implorar a bênção do Espírito Santo para toda a semana. Na família insistia na receção frequente dos sacramentos e sobretudo no cumprimento dos deveres cristãos.”<sup>4</sup>

De sua mãe, Arnaldo diz: “Era uma boa mulher que sofria muito do estômago, antes de casar. Depois de casar, ela tinha muitas preocupações domésticas e tinha de trabalhar muito porque Deus abençoou-a com muitos filhos.”<sup>5</sup> Ainda assim, deu conta do trabalho doméstico, com a ajuda de uma jovem empregada. Apesar de estar muito ocupada nos trabalhos de casa, sempre teve tempo para Deus. Isso notou-se com o passar do tempo, “sobretudo depois da morte do seu marido e do casamento de um dos seus filhos, quando veio uma jovem mulher para sua casa.”<sup>6</sup> Desta forma, dedicou-se por completo à oração e ia muitas vezes à Igreja para participar na eucaristia. “Sempre que havia as devoções à tarde, de certeza que era a primeira a chegar e a última a sair da Igreja, no

---

<sup>3</sup> *Ib.* p. 4.

<sup>4</sup> *Ib.* p. 5.

<sup>5</sup> *Ib.* p. 6.

<sup>6</sup> *Ib.* p. 6.

fim das devoções.”<sup>7</sup> Passava também muito tempo no cemitério junto do túmulo do seu marido a rezar por ele. Pelo que observava na sua mãe, Arnaldo diz: “Foi uma grande amante da oração.”<sup>8</sup> Ela passou o seu tempo a orar. De facto, Ana Catarina, a mãe de Arnaldo, era mulher e mãe orante.

“À noite, sentava-se junto à roca e fiava. O fuso, com o linho dourado, brilhava ao clarão da lâmpada amarela. Mas, de seus lábios brotava uma oração ininterrupta, jaculatórias e mais jaculatórias. Todos iam descansar, mas a roca ainda continuava a zunir. No semblante calmo daquela senhora, resplandecia um clarão de santidade. Não é para admirar, pois, que seu filho, Guilherme, mais tarde Frei Junípero, capuchinho, escrevesse: «Posso resumir a vida de minha mãe numa só frase: Ela era, no sentido mais perfeito da palavra, uma mãe orante, uma mãe que sabia rezar». No santinho da lembrança da sua morte foi escrito, com toda a razão: «Ela respeitou o caminho de sua casa e não comeu o seu pão na ociosidade».”<sup>9</sup>

O texto do livro dos Provérbios (capítulo 31,10-31) torna-se verdadeiro e atual na vida de Ana Catarina, como esposa e mãe. Ana Catarina era realmente uma alma orante que aos seus filhos falava muito bem a respeito do seu sogro em quem encontrou um exemplo de homem orante. Arnaldo diz assim:

“A minha mãe dizia frequentemente que nosso avô paterno era uma pessoa extremamente boa e piedosa, com um grande amor à oração. Quando já muito idoso, sentava-se junto da lareira e rezava o rosário, porque já não podia ir mais à Igreja. Quando morreu, o pároco de Goch disse: «Aquele homem, de certeza que foi para o céu como uma linda pomba». Através das suas orações, com certeza pediu muitas graças a Deus que, generosamente, derramou sobre mim.”<sup>10</sup>

Tanto Geraldo como Ana Catarina devem ter aprendido a rezar com este homem idoso, sobretudo pela vida exemplar de oração que ele levava. O reflexo desta aprendizagem notou-se bem, tanto na vida dos pais como na vida dos filhos.

---

<sup>7</sup> *Ib.* p. 6.

<sup>8</sup> Congregación del Verbo Divino – Generalato, Roma, *Arnoldo Janssen. Una vida al servicio de la Iglesia Universal*, GESP, Città di Castello (PG), Italia, 2003, p. 8.

<sup>9</sup> A. KUYLE, *Pe. Arnaldo Janssen*, Editora Verbo Divino, São Paulo, s.d., pp. 8-9.

<sup>10</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 6.

Os pais de Arnaldo, sendo pessoas de oração, inculcaram nos seus filhos o grande valor da oração, do respeito, da reverência e do amor a Deus. Cultivaram grandes devoções à Santíssima Trindade, ao Verbo Encarnado, ao Espírito Santo, à Santíssima Eucaristia, a Nossa Senhora, aos anjos, aos santos, etc.

“Quando Arnaldo era ainda menino, foi testemunha da grande devoção de seu pai a Deus Uno e Trino. Esse homem devoto tinha o costume de ouvir a missa cantada aos domingos para exprimir a sua gratidão à Santíssima Trindade pelas bênçãos da semana decorrida. No leito de morte, fez com que seus filhos lhe prometessem conservar este santo costume. Ainda nos últimos anos de vida, Padre Arnaldo costumava recordar a seu irmão João a profunda intuição da natureza divina de que fora dotado seu pai.”<sup>11</sup>

Desde a infância, Arnaldo cresceu no amor para com o Verbo de Deus.

“No solar dos Janssen, onde cresceu Arnaldo, era intensa a devoção ao Verbo Divino. O começo do Evangelho de S. João, em que as glórias do Verbo Divino são gratificadamente recordadas, era tido em grande veneração. Eles se habituaram a ler o prólogo em voz alta durante as tempestades, manifestando grande confiança no seu poder protetor.”<sup>12</sup>

Arnaldo aprendeu o essencial e fundamental para toda a sua vida. Com esta base e bagagem forte de oração, iniciou a sua formação escolar prosseguindo mais tarde no seminário diocesano de Gaesdonck. Mais adiante, também veremos que toda esta bagagem de oração familiar e sua espiritualidade iriam ser postas em prática nas obras que iniciara.

Além do ambiente familiar propício, o lugar, Goch, onde vivia Arnaldo, era uma vila com raízes profundamente católicas. Ele próprio descreve a vida da comunidade católica do seu tempo:

“Muitos grupos de peregrinos costumavam passar por Goch a caminho de Kevelaer. E como me tornei acólito desde pequeno, tinha que participar nas ocasiões em que havia a bênção do Santíssimo Sacramento. Habitualmente, na missa, eu auxiliava um sacerdote

---

<sup>11</sup> P. G. SANDKAMP, svd, *Espiritualidade de Nosso Fundador P. Arnaldo Janssen*, Editora Santa Maria, Porto Alegre, 1953, p. 16.

<sup>12</sup> *Ib.* pp. 31-32.

muito idoso que eu mesmo ia buscar, de manhã, a sua casa. O pároco de Goch era um holandês, de nome Nabben, um homem grande e forte, que, normalmente, pregava em holandês, enquanto o seu vigário pregava em alemão. A vida paroquial em Goch era muito vigorosa e a família do sacristão, de nome Lueben, deu sempre um bom exemplo.”<sup>13</sup>

## **1.2. Os seus escritos: homilias e outros (discursos, cartas e exortações)**

Uma das primeiras coisas que Arnaldo fez, logo depois da sua ordenação sacerdotal, foi tornar-se membro da Associação do Apostolado de Oração. Recebeu a certidão de membro que dizia: “Arnaldo Janssen foi aceite como um promotor da veneração do Sacratíssimo Coração de Jesus e do Apostolado de Oração.”<sup>14</sup> Ele queria fazer mais alguma coisa por esta Associação. Algum tempo depois encontrou-se com o P. Malfatti SJ, Diretor do Apostolado de Oração na Alemanha e Áustria; este “pediu-lhe para assumir o trabalho de coordenação da associação, na diocese de Münster.”<sup>15</sup> Arnaldo aceitou este novo trabalho, com grande empenho e entusiasmo e, de imediato, publicou um pequeno manual sobre o Apostolado de Oração. Este livrinho “continha excelentes instruções e orações, e estava selado com a aprovação do Arcebispo de Freiburg.”<sup>16</sup> Esta informação foi dada na revista *O Mensageiro do Sagrado Coração*. Arnaldo promoveu esta Associação do Apostolado por toda a diocese de Münster procurando novos membros. Trabalhava incansavelmente “sobretudo pelo crescimento no espírito da oração intercessora, para que o povo pudesse oferecer suas orações diárias, e o rosário, pelas intenções de Jesus.”<sup>17</sup> Arnaldo acreditava muito na oração intercessora e por isso “elaborou cinco intenções para oferecer com o rosário.”<sup>18</sup>

### **1.2.1. Discursos, correspondência inicial e homilias**

Com este trabalho de promoção do Apostolado de Oração, Arnaldo entrou em contacto com muita gente: sacerdotes da sua diocese e povo das diversas paróquias onde andou a divulgar o Apostolado de Oração. Também escreveu artigos e entrevistas para a revista

---

<sup>13</sup> J. ALT, svd, o. c., pp. 7-8.

<sup>14</sup> *Ib.* p. 31.

<sup>15</sup> *Ib.* p. 31.

<sup>16</sup> *Ib.* p. 31.

<sup>17</sup> *Ib.* p. 32.

<sup>18</sup> *Ib.* p. 32.

*O Mensageiro do Sagrado Coração*. Viajou muito para conseguir novos membros para o Apostolado de Oração. Participou, uma vez, numa “Assembleia Geral das Associações Católicas, em Düsseldorf, como diretor diocesano do Apostolado de Oração, da diocese de Münster”<sup>19</sup>, onde teve oportunidade de fazer um discurso sobre o Apostolado de Oração. Arnaldo procurou “descrever a história e a expansão da Associação, os deveres dos seus membros e os benefícios espirituais do Apostolado de Oração.”<sup>20</sup> No seu discurso também salientou os problemas que afetavam a Igreja e a situação da sociedade do seu tempo.

Vemos aqui uma parte de outro discurso que Arnaldo proferiu sobre a sua compreensão da oração e necessidade de orar sempre, atitude que vinha mantendo desde sempre:

“Agora vamos lutar para Deus e para o bem. Este é o motivo da nossa vida e também a razão de estarmos aqui reunidos. Devemos saber que a promoção do bem não depende muito da nossa correria nem da nossa vontade, mas antes de mais da vontade de Deus. Ele pode encontrar caminhos e meios para conseguir isso. Nós podemos mover a vontade de Deus se rezarmos intensamente (...).

A autoridade máxima da Igreja tem expressado a esperança de que os cristãos que estão afastados irão voltar. Não podemos duvidar da razão que têm os que destacam as enormes dificuldades a esse respeito. Contudo, não me assusta que tenhamos que trabalhar muito para o conseguir. Teremos, sim, que nos preocupar que uma graça tão insigne seja conseguida por um fervor congruente dos católicos. Deus, na sua bondade, saberá dispor as circunstâncias apropriadas que iluminarão todo o povo, como que a dizer: separámo-nos da Igreja Católica sem motivos suficientes e seguimos mantendo-nos separados dela sem motivos suficientes (...).

Quem sai para uma guerra terrena, precisa duma bandeira terrena. Quem sai para uma guerra espiritual, precisa dum estandarte espiritual. Que o Sagrado Coração de Jesus seja esse estandarte espiritual (...).

Imploro a todos os párocos aqui presentes, assim como àqueles que os escutam, para não falharem nos seus esforços, de juntarem a este ato piedoso os seus paroquianos. Não devem sentir grandes dificuldades uma vez que trinta e dois bispos aprovaram a introdução geral da Associação (...).

---

<sup>19</sup> *Ib.* p. 32.

<sup>20</sup> *Ib.* p. 32.

O objetivo da Associação é unir numa grande aliança de oração todos os cristãos que ainda não foram depravados totalmente pelo mundo e que têm uma compreensão do poder da oração e um coração disponível para as intenções do seu Salvador (...).<sup>21</sup>

Arnaldo compreendeu bem a importância do Apostolado de Oração, a propagação da devoção ao Sagrado Coração e a promoção da oração intercessora, com especial destaque para a oração do Rosário. Por isso, meteu o seu coração e a sua pessoa neste trabalho, de tal forma que escreveu cartas a autoridades eclesiais e publicou postais com orações para o povo, em geral. Sobre a consagração da Alemanha ao Sagrado Coração de Jesus, Arnaldo escreveu uma carta ao arcebispo Paulo Melchers, de Colónia, mostrando a importância da oração intercessora. Na carta escreveu:

“O Senhor tem derramado copiosas bênçãos sobre os meus esforços para difundir a oração intercessora por meio do oferecimento do santo rosário. Tenho estado quase em todas as paróquias de Colónia, em Bonn, Deutz e Rhin. Também vi muitos diretores da diocese de Trier, também estive em Luxemburgo, Metz e em Strasbourg e vi muitos diretores das dioceses de Metz e Strasbourg. Quase todos disseram, sem hesitação, que usariam as intenções na Igreja (...).

Também é provável que visite os Bispos de língua alemã, na Suíça. Mas espero que os Bispos da Alemanha recomendem esta causa, por eles próprios, e que assim possam evitar-me uma viagem supérflua.”<sup>22</sup>

Arnaldo chegou a contactar e conhecer muitos milhares de pessoas no seu trabalho de promoção do Apostolado de Oração, através das suas publicações, como por exemplo: postais do rosário, intenções de oração para os membros do Rosário Vivo para o oferecimento da manhã, manual de admissão para o Apostolado de Oração, Via-sacra, manual de oração comum, manual de sexta-feira, manual de S. José. Arnaldo produzia estas publicações em grande quantidade para entregar às pessoas e assim elas crescerem na oração. Entretanto, já pensava dedicar mais tempo a este trabalho e, por isso, escreveu “ao seu bispo, Johann Bernhard Brinkmann, pedindo permissão para deixar o trabalho de professor. Este seu pedido visava ter mais tempo para publicar a revista

---

<sup>21</sup> J. ALT, svd, *El mundo en un mesón. Vida e Obra misionera de Arnaldo Janssen (1837-1909)*, Editorial Verbo Divino, Cochabamba 2002, pp. 37-39.

<sup>22</sup> J. ALT, svd, o. c., pp. 35-36.

mensal para promoção da oração e compromisso para o grande desejo do Divino Salvador, sobretudo para a propagação da santa fé.”<sup>23</sup>

Depois de ter a permissão do seu bispo para deixar de dar aulas, Arnaldo “elaborou um pedido ao Santo Padre sobre a concessão de indulgências para certas orações. Em termos semelhantes aos que usou na sua carta aos bispos, Arnaldo veio reafirmar que estava disposto a dedicar toda a sua vida à propagação da oração intercessora.”<sup>24</sup> Após esta decisão, permissão do seu bispo e pedido ao Papa, Arnaldo decidiu fazer mais uma ação concreta. Para ficar mais claro para si mesmo o que de facto pretendia, pôs a sua ideia por escrito:

“Primeiro apelou para assinaturas para criar uma fundação para celebrar uma missa diária em honra do Sagrado Coração de Jesus e de todos os Apóstolos da Alemanha, para a unificação religiosa da Alemanha, no túmulo de S. Bonifácio, em Fulda. Sublinhou o significado religioso do apelo. Este projeto é eminentemente religioso, porque visa emendar a falta de reparação para a antiga injustiça da divisão religiosa, através da qual, a Alemanha cometeu muitos erros e males no mundo, e muitos corações humanos foram apagados do Sagrado Coração de Jesus. Isto também significa fazer a expiação de séculos passados de tibieza religiosa, que os nossos antepassados, e nós mesmos, temos mostrado muito pouco compromisso com a vontade e o desejo de Jesus. Se queremos conseguir alguma coisa melhor no futuro, então temos que confessar nossa culpa (...). Este projeto é eminentemente nacional e patriótico. Não podemos fazer um bem maior pela nossa pátria, Alemanha, sem extinguir esta terrível divisão religiosa que há muitos séculos separou o nosso povo espiritualmente em dois, e muitas vezes nos fez risota dos estrangeiros. Sem a tirada deste cancro interno, não haverá uma duradoura unificação de mentes e, conseqüentemente, nem de verdadeira grandeza alemã. Por isso, empreendamos este trabalho dum maneira que, da perspectiva da fé, seja certa e de máxima duração. Deus segura os corações humanos nas suas mãos como torrentes de água. Ele cria e guia as almas desde a sua juventude. Ele pode remover os elementos opostos e causar esses eventos e inspirações necessárias para abrir os olhos dum grande número de pessoas. A Igreja Católica conquistou o Arianismo que pareceu esmagá-la por um tempo. Ela pode, e conquistará o Protestantismo. Mas quando? Quando esta

---

<sup>23</sup> *Ib.* p. 37.

<sup>24</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 42.



graça for merecida. Por isso, começemos implorando a Deus, por meio do santo sacrifício que é mesmo efetivo e na verdade mais poderoso aos olhos de Deus.”<sup>25</sup>

Neste trecho do escrito vemos a clara intenção de Arnaldo em reparar o Sagrado Coração de Jesus pelos males que a Alemanha cometeu ao longo da sua história. Arnaldo também coloca a ardente necessidade de oração pela unificação da Alemanha. Há um segundo escrito que reforça as ideias de Arnaldo para a sua pátria que expressa deste modo:

“Há um convite para participar num trabalho piedoso a respeito da unificação religiosa da nossa pátria Alemanha. Aqui, também o ponto principal é que só Deus pode trazer a unidade. Como católicos, todos sabemos que isto não se pode conseguir sem uma graça especial de Deus. Mas as grandes graças têm de ser imploradas fervorosamente. Por conseguinte, exceto uma instrução apropriada, o único meio que realmente pode ajudar são os meios sobrenaturais de oração e sacrifício. Na Inglaterra, eles já começaram e obtiveram bons resultados: muitas e maravilhosas conversões. Temos seguido este exemplo até certo ponto, mas precisamos de fazer mais, pois a graça recebida transformará não só a Alemanha mas toda a Europa. Além disso ele apresenta a questão da missa diária, em Fulda. A santa missa diária oferecida em honra de S. Bonifácio e de todos os Apóstolos da Alemanha seria apropriada. Eles trabalharam imensamente para lançar os alicerces do cristianismo na Alemanha e conseguiram uma parte, com o seu sangue. Por isso, eles são os maiores intercessores naturais. Por este motivo nós precisamos de contribuições para que possamos garantir uma missa diária em Fulda. Podem mandar isso ao P. Arnaldo Janssen, Kempen, Rhineland-Prussia, ou a qualquer um dos abaixo assinados (...). Se Deus nos conceder a nossa petição, a missa ainda continuará, mas será pela propagação da Igreja Católica, em outros países. Ele termina citando uma oração da liturgia de S. João Crisóstomo. Tomamos a liberdade de encomendar esta oração, também pelos nossos irmãos separados, que, conosco, lamentam a divisão religiosa e não têm nenhuma objeção à oração comum, e pedem a sua abolição.”<sup>26</sup>

Neste trecho do texto Arnaldo volta a insistir na necessidade de oração, sacrifício e uma missa diária em honra dos santos Apóstolos da sua pátria. Enquanto fazia todo este trabalho do Apostolado de Oração, com muita dedicação, e publicava a revista, agora

---

<sup>25</sup> *Ib.* pp. 42-43.

<sup>26</sup> J. ALT, svd, o. c., pp. 39-40.

com uma pequena modificação, acrescentando *o pequeno* no nome *O Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração*, Arnaldo explicou o objetivo da revista e incentivou as pessoas com clareza para aderir as duas revistas.

“Que a Providência Divina olhe benignamente para os nossos frágeis esforços, gradualmente compense as nossas deficiências, e não nos negue a bênção divina (...). O principal objetivo, ainda que não seja exclusivo, é para informar o povo sobre as missões católicas aqui e no estrangeiro, duma maneira mais agradável e legível. Há *Die katholischen Missionen* (uma publicação Jesuíta) que, trabalhando connosco para o mesmo objetivo, é mais dirigida para as classes intelectuais. Desejamos sucesso a esta revista, que se multiplique o seu círculo de leitores pois para isso a recomendamos. Ambas as revistas trabalham independentemente, de maneiras diferentes mas com o mesmo objetivo. Por conseguinte, para a maioria dos leitores, será muito proveitoso e interessante ler ambas as revistas. – Dizemos isto com boa vontade para os excelentes diretores e editores da *Die Katholischen Missionen*.”<sup>27</sup> É importante notar que “na edição de junho de 1874 do *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração* aparece pela primeira vez o lema programático: *Viva o Coração de Jesus nos nossos corações*.”<sup>28</sup>

Arnaldo estava atento aos sinais do seu tempo, às necessidades da Igreja e interessado em saber as notícias sobre o mundo missionário. Por isso, gostava de se encontrar com os missionários que passavam pela Alemanha para entrevistar ou ouvir testemunhos missionários para a sua revista. Desta forma, veio a contactar com o Prefeito Apostólico de Hong Kong, Bispo Raimondi, que estava de visita pela Alemanha. Encontrou-se com ele algumas vezes e fez-lhe uma entrevista para a sua revista. Também partilhou com ele a sua preocupação por não haver na Alemanha nenhuma casa de missão para formar missionários. Arnaldo sabia bem que países como “França, Itália, Bélgica e até Inglaterra onde a vida católica era fraca, tinham essas instituições.”<sup>29</sup> Esta ideia da casa de missão para formar os missionários foi amadurecendo, sem Arnaldo imaginar que seria ele mesmo o iniciador desta obra, no futuro. Numa das conversas sobre a casa de missão para formar os missionários, o Bispo Raimondi confrontou Arnaldo nestes termos: “Se outros não o fazem, então funde o senhor o tão necessário seminário

---

<sup>27</sup> J. ALT, svd, o. c., pp. 46-47.

<sup>28</sup> *Ib.* p. 47.

<sup>29</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 44.

missionário.”<sup>30</sup> Estas palavras soaram fortemente aos ouvidos de Arnaldo e ficaram a ressoar no seu coração. Arnaldo tinha um grande apreço pelo Bispo Raimondi. E descreveu da seguinte forma a pessoa do Bispo Raimondi:

“O Monsenhor Raimondi é uma figura missionária muito boa, com uma longa barba e um rosto que claramente reflete os sinais do duro trabalho missionário. Ele é um intermediário entre Roma e os vinte e oito bispos católicos da China e foi comissionado pela Santa Sé para visitar as treze, das dezoito províncias chinesas, cada uma das quais tem, de média, tanta população como todo o Reino da Prússia. O editor desta revista *Mensageiro do Sagrado Coração*, P. Arnaldo Janssen, aceita donativos para a missão chinesa”<sup>31</sup>.

Arnaldo não se sentia apto para esta grande tarefa que o esperava. Mas as palavras do Bispo Raimondi levaram-no a sentir que era um chamamento de Deus, através do qual se poderia dar início a esta grande obra, por meio dele, da sua pessoa. Desta forma, depois de muita oração, discernimento e viagens para conversações e consultas durante muitos meses com muitos bispos, sacerdotes, religiosos, pessoas importantes e autoridades civis, meteu mãos à obra na casa missionária para formação de missionários. Depois de ver, verificar e negociar um terreno apropriado, iniciou a sua humilde obra em Steyl, na fronteira da Holanda com a Alemanha. Com o seu contacto pessoal e por meio da sua revista, Arnaldo conseguiu angariar os fundos necessários para a compra do terreno, para a sua obra. Apareceram alguns benfeitores anónimos que lhe valeram muito desde o início da sua obra. Divulgou e publicou artigos na sua revista e nos jornais. Deste modo, a ideia de iniciar uma casa de formação para os missionários chegou aos ouvidos e à vista de muita gente. O povo reconheceu a importância desta obra e começou a ajudar com as suas contribuições e orações.

Finalmente chegou o momento tão desejado da compra e contrato do terreno apropriado. A casa da missão nasceu da “casa do sr. Nikolaus Ronck, em Steyl, que estava situada entre o rio Maas e a casa paroquial de Steyl.”<sup>32</sup> Analisados os termos do contrato, “ficou concluído o negócio da compra do terreno no dia 16 de junho de

---

<sup>30</sup> J. REUTER, svd, *Arnaldo Janssen Cativado e Enviado pelo Espírito*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga 2008, p. 29.

<sup>31</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 46.

<sup>32</sup> *Ib.* p. 66.

1875.”<sup>33</sup> Para Arnaldo esta era uma data muito importante. Como estava em contacto com um dos sacerdotes da Bélgica e como provável futuro membro da casa missionária, dirigiu-lhe a seguinte carta:

“Talvez no dia 16 de junho a fundação espiritual do projeto ficasse instalada por um certo voto. Nesse dia, por todo o mundo católico, celebrava-se solenemente o 200º aniversário das aparições do Sagrado Coração de Jesus a Margarida Maria Alacoque. Estava decidido fazer deste dia, o dia da fundação da proposta da sociedade missionária (...). Resolvemos que cada um de nós, onde quer que estivesse naquele momento, faria a sua própria consagração ao Sagrado Coração de Jesus pelos objetivos da casa missionária. Todos fizemos isso. E, na tarde desse dia, eu fui a Steyl, perto de Venlo para concluir definitivamente a compra da propriedade para a casa missionária.”<sup>34</sup>

Também escreveu ao P. Bill, um dos membros da casa missionária, sobre a importância deste dia, comunicando que a transação da compra seria, provavelmente, concluída no dia 16 de junho. Dizia que tinha obtido permissão do seu confessor, pretendia fazer um voto, conforme o texto incluído, mas deixava que fosse ele a decidir se e como queria fazê-lo e a interpretar as palavras do formulário do voto. Sendo assim, esperava que o dia 16 de junho fosse considerado o dia do nascimento daquele projeto, esperando que viesse a tornar-se um dia memorável e um tesouro de graças para a Igreja. E pedia o favor duma resposta.

O P. Bill respondeu-lhe:

“E assim terminou o dia 16 de junho. Tomara que seja um dia decisivo para o nosso trabalho missionário, acompanhado pelas ricas graças. Digo para *nosso* trabalho missionário porque já me considero como participante (...). Não tive nenhuma dificuldade em fazer o voto (...). Só acrescentei a condição de que eu deixaria isso à discrição do meu superior para me libertar do voto e se, considerando o estado da minha saúde física e moral, no seu melhor conhecimento você concluir que eu possa fazer um bem maior, também para a salvação da minha alma na pastoral ordinária ou no trabalho missionário.”<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> *Ib.* p. 66.

<sup>34</sup> *Ib.* p. 67.

<sup>35</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 74.

Por sua vez um outro membro, seminarista, João Baptista Anzer, que estava em contacto com Arnaldo, escreveu-lhe:

“Sinto-me completamente abençoado pelos acontecimentos de hoje. Oh, que alegria ao poder consagrar-me ao Coração de Jesus. Mas será que o Sagrado Coração me aceitará? Assim esperamos. Baseei a minha oração de consagração numa das que me enviou amavelmente e que juntei aos meus votos. Estou a enviar-lhe uma cópia pela sua gentil atenção. E terminou com a oração: *Vivat Cor Jesu in cordibus nostris*. Que viva o Coração de Jesus em nossos corações!”<sup>36</sup>

Arnaldo também informou os leitores da sua revista, *Mensageiro do Sagrado Coração*, escrevendo:

“A data memorável, 16 de junho de 1875, é querida à recém estabelecida casa missionária. Além disso, seguindo a oração de consagração estabelecida pelo Papa para este dia, aqueles interessados realizaram um ato que pode e deve ser descrito como a fundação espiritual da casa missionária (...). A casa missionária nunca esquecerá a sua origem. E porque esta tem como seu declarado objetivo, realizar as intenções de graças concedidas do divino Coração de Jesus, sente-se ainda mais obrigada pelas suas origens para invocar o Sagrado Coração de Jesus com mais força e, como prova disto, fazer das seguintes belas palavras, o seu lema: *Vivat Cor Jesu in Cordibus hominum!* Que o Coração de Jesus viva nos corações de todos os povos! Assim seja. Amen.”<sup>37</sup>

Após tudo isto, tão significativo e importante, Arnaldo avançou para preparar a inauguração oficial da casa missionária. Teve que contactar e escrever às autoridades civis e eclesiásticas locais a pedir autorização e licença legal para poder abrir a casa missionária. Arnaldo cumpriu toda a burocracia para a inauguração da casa missionária, para formação dos missionários. Depois, teve a primeira reunião com dois membros: Bill e Reichart.

“A agenda da reunião tinha três pontos: primeiro, um rascunho dos futuros estatutos; segundo, um rascunho duma carta aos bispos que ainda não tinham sido contactados

---

<sup>36</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 68.

<sup>37</sup> *Ib.* pp. 66-67.

para dar a sua aprovação para a casa missionária; e, por último, a eleição dum reitor provisório.

O esboço para os objetivos da casa faz as seguintes distinções: propósito (fim) geral (finis generalis) e objetivos especiais (finis speciales); os últimos estão subdivididos em objetivo principal (finis specialis) e objetivo secundário (finis specialis secundarius). Batendo particularmente na descrição do objetivo geral, há forte ênfase na Santíssima Trindade e no Verbo Divino que, «como luz iluminando cada pessoa que vem ao mundo», é sabedoria incriada que aceitou a sua habitação no Coração de Jesus e deseja morar nos corações de todos os povos. Isto fornece a base e motivação para o objetivo principal, nomeadamente, a propagação da fé nas terras pagãs. O anseio do Coração de Jesus é salvar as almas; mas isso não pode acontecer sem a fé. Por conseguinte, a propagação da fé é a preocupação do Coração de Jesus. Contudo, as palavras daqueles que proclamam o Evangelho permanecem sem fruto se a ajuda não vier daquela Palavra «que ilumina cada pessoa que vem ao mundo».<sup>38</sup>

Neste esboço nota-se clareza na descrição do objetivo geral da casa missionária que Arnaldo aspirava da sua obra. Também se nota clareza no objetivo secundário da casa missionária. Como é só um início humilde da casa missionária, não há votos e evita-se falar dela como uma ordem religiosa. Por isso os membros são aconselhados a fazerem votos com o consentimento do seu confessor e associarem-se à Terceira Ordem de S. Domingos.

“O objetivo secundário é a cultivação de verdadeira bolsa em teologia, nas humanidades e nas ciências naturais. Isto tem de ser completado no espírito de S. Tomás de Aquino e daqueles santos que estavam cheios de luz divina. Este objetivo está muito ligado ao objetivo principal, porque, para ter missionários para propagação da fé, nós precisamos de escolas nas quais os aspirantes possam ser educados não só no espírito de piedade e magnanimidade mas também nas humanidades e nas línguas estrangeiras, assim como em teologia e filosofia. Por conseguinte, nós precisamos de professores adequados que poderiam realizar esta tarefa com a ajuda daquela Palavra que é a Sabedoria Eterna. Deste modo a casa tem de estar aberta para ambos os grupos. Todos os membros não farão nada por palavra escrita ou falada em honra de Deus e para a cultivação do zelo missionário entre os povos cristãos que seja considerado inapropriado. Como padroeiros do Instituto, devemos escolher S. Gabriel e S. Rafael; como patronos secundários os

---

<sup>38</sup> *Ib.* p. 75.

Anjos da Guarda, os apóstolos Pedro, Paulo e João; depois Sto. Agostinho, Domingos, Francisco, Tomás de Aquino e Francisco Xavier, as santas mulheres Catarina de Alexandria, Catarina de Sena, Cristina, Úrsula, Teresa e Margarida Maria Alacoque. Por causa da situação contemporânea, não há votos. Está deixado a cada um decidir por si mesmo – com o consentimento do seu confessor – como cada um se consagra a si mesmo ao Sagrado Coração de Jesus. Por isso, ninguém pode falar duma ordem ou congregação religiosa. As pessoas individuais são incentivadas a associar-se à Terceira Ordem de S. Domingos, como noviços. E não há nenhuma renúncia radical de propriedade ou uso das coisas mundanas. A casa está estabelecida para a Alemanha, Holanda e Áustria. A casa está a ser nomeada S. Gabriel's em Steyl”<sup>39</sup>.

Os três que estiveram na reunião também fixaram a data do começo da casa missionária: 8 de setembro de 1875. Os três que assinaram o rascunho “eram de facto os cidadãos dos três países mencionados: Arnaldo da Alemanha, Reichart da Áustria e Bill do Luxemburgo, que estava debaixo da casa real da Holanda”<sup>40</sup>. Arnaldo e mais três: Heinrich Erlemann (candidato a irmão), Guilherme (Junípero, OFM Cap) e Reichart foram para Steyl poucos dias antes da inauguração da casa da missão, para arranjar e pôr tudo em condições para se viver na casa. Após toda a preparação, chegou o tão esperado dia da inauguração da casa missionária. A revista *O Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*, do número do mês de setembro, trazia o seguinte anúncio: “desde que não aconteça nada de imprevisto, os homens insignificantes, com a ajuda de Deus, têm empreendido a fundação duma casa missionária Alemã-Holandesa; será aberto o estabelecimento, no dia 8 de setembro de 1875, na festa da Natividade de Maria.”<sup>41</sup> O anúncio lia-se ainda assim: “Segundo as notícias, o dia 08 de setembro de 1875, será o dia da inauguração e do início da vida de oração, trabalho e auto-abnegação, que será dirigido nesta casa.”<sup>42</sup>

Na celebração da inauguração, Arnaldo pregou dizendo:

“Só Deus sabe se alguma coisa poderá vir desta casa. Mas nós agradecemos ao Dador de todas as coisas boas por nos ter ajudado com este início. Esperamos que a casa atinja o seu objetivo. A simplicidade deste início não nos deve desanimar. A poderosa árvore

---

<sup>39</sup> *Ib.* p. 75.

<sup>40</sup> *Ib.* p. 77.

<sup>41</sup> *Ib.* p. 80.

<sup>42</sup> *Ib.* p. 80.

começa como uma única semente e os grandiosos gigantes eram antes uma frágil e chorosa criança. Sabemos que, com os nossos atuais recursos, não podemos completar a nossa tarefa, mas confiamos que o Deus bondoso providenciará tudo o que precisamos. E que Ele faça connosco o que Ele deseja. Se o seminário tiver sucesso, vamos agradecer a graça de Deus. Se não vier nada disto, nós simplesmente bateremos no nosso peito e confessaremos que não éramos dignos da graça. De certeza que isto será uma pena se os nossos esforços forem em vão. Quem sabe se alguém fará a segunda tentativa. Por isso, peço a todos os que estão reunidos aqui: O que podemos fazer? Primeiro, orar. Peçam ao Senhor da messe. Segundo, sacrifício.”<sup>43</sup>

Esta forma de Arnaldo se dirigir à assembleia na sua reflexão, no dia de abertura da casa da missão, revela a sua profunda fé e a confiança em Deus bondoso. Com toda a humildade e diligência assumiu a responsabilidade de se entregar por completo a levar adiante esta obra como sendo a vontade de Deus. Era um início muito modesto, duma obra muito modesta, mas com uma confiança total em Deus bondoso. Muitos convidados, sobretudo os sacerdotes, aborrecidos pela simplicidade da casa e pela modéstia da comida servida nesse dia da inauguração, duvidaram e desconfiaram se essa obra teria algum futuro. Passado algum tempo da fundação, Arnaldo, recordando os primeiros tempos da casa missionária, com entusiasmo, comentou:

“A privação no início é poesia. Ou, quando notou, «a pobreza é o caminho da santificação, a mãe adotiva da humildade e a raiz da perfeição». Além disso, depois de terem sobrevivido nos anos iniciais com sucesso, era mais fácil escrever: «Estou feliz porque o povo pensou que éramos estúpidos». Estou também feliz agora, como estive no ano de 1875, para escutar que ninguém esperava que alguma coisa poderia vir da nossa casa.”<sup>44</sup>

No ano 1886, quando Arnaldo celebrou o jubileu de prata da sua vida sacerdotal, o escritor oficial do artigo comemorativo recordou os inícios modestos da fundação. Escreveu:

“Com cuidado o rebento tinha sido plantado em terreno bem preparado. Apesar de ser frágil e insignificante, o divino jardineiro o cultivará. Ele enviará chuva e sol no tempo

---

<sup>43</sup> *Ib.* p. 80.

<sup>44</sup> *Ib.* p. 83.



apropriado, mas também passa sobre ele a tempestade para que as suas raízes penetrem no mais profundo da terra. Pela misericórdia de Deus, o rebento frágil se tornará em árvore, em cuja sombra, só depois duma década, muitas centenas encontrarão repouso, frescura e vida nova.”<sup>45</sup>

Passado pouco tempo da fundação da casa da missão, pensou-se na elaboração dos estatutos. Houve momentos fortes de contrariedades e discussões na elaboração e aceitação dos estatutos. Houve divergência de opiniões e por fim dois dos primeiros membros: P. Pedro Bill e Reichart deixaram de fazer parte da casa missionária. Isso foi um momento de grande sofrimento para Arnaldo. Ainda assim, com a ajuda de Anzer, Arnaldo elaborou os primeiros estatutos da casa de Steyl. “O texto impresso dos estatutos tinha dez folhas. Destas, cerca de seis folhas tratavam de questões ascético-espirituais”<sup>46</sup>. Apresento aqui um breve texto dos estatutos:

“A Sociedade do Verbo Divino quer difundir a palavra de Deus, antes de tudo, aos povos pagãos, sobretudo no Extremo Oriente; mas não fica excluída a possibilidade de trabalhar entre «povos não católicos».

A Sociedade quer formar candidatos para as missões nos estudos médios e superiores, enviar missionários e apoiá-los, suscitar e fomentar o interesse pelas missões na pátria. Por isso, os membros são professores ou missionários. O superior decide o destino de cada um, mas dentro do possível tendo em conta o desejo e capacidades pessoais. Com isto, tinha sido abandonado o cultivo especial da ciência e, por conseguinte, o grupo dos científicos, que permaneciam na pátria e não queriam ir às missões. Por outra parte, a expressão de «povos não católicos» significava mais que «povos pagãos».”<sup>47</sup>

Nestas palavras citadas parece bem claro aquilo que a Sociedade do Verbo Divino tenciona realizar no mundo: o anúncio da Palavra de Deus e a formação dos missionários para missões e para a pátria, e a importância do superior no destino de cada membro da Sociedade.

Por fim, o bispo de Roermond chegou a aprovar oralmente os estatutos. O bispo desejava e esperava sobretudo que a pequena comunidade de Steyl se tranquilizasse.

---

<sup>45</sup> *Ib.* p. 84.

<sup>46</sup> *Ib.* p. 124.

<sup>47</sup> F. BORNEMANN, svd, *Arnoldo Janssen Fundador de los Misioneros del Verbo divino*, Editorial Verbo Divino, Estella 1971, p. 103.

“E, de facto, a tranquilidade entrou na casa. «Agora entre nós reina a santa paz – escreveu o reitor ao pároco Bill -, o acordo cordial e a maior mútua confiança. Está regulado o que havia de regular, e além disso sem nenhum incómodo nem altercado verbal. Pelo resto, que Deus nosso Senhor faça connosco o que Ele queira, e nos purifique com sofrimentos como Ele queira» (12-6-76).”<sup>48</sup>

Nos princípios de 1875, Arnaldo dirigiu-se primeiro aos beneditinos e depois aos dominicanos, à procura de apoio numa instituição mais antiga. Em primeiro lugar pensava no regulamento, logo também num amparo por meio de professores e dinheiro. Arnaldo ainda chegou a receber o escapulário como frater Tomás, noviço da terceira ordem de S. Domingos. Mas depois, quanto mais se consolidava a sua fundação em Steyl, tanto menor se fazia esta necessidade. De facto, não houve necessidade de apoio e nem de agregação a uma ordem mais antiga.

### **1.2.2. Cartas e exortações**

Ao longo da sua vida, até à sua morte, Arnaldo escreveu bastante, antes e depois da fundação da casa missionária. Apesar de não possuir grande capacidade para escrever, desde que iniciou a sua obra de casa missionária até ao fim da sua vida, “Arnaldo ditou mais de 5,000 cartas.”<sup>49</sup> Antigo Superior Geral, P. Henrique Heekeren, SVD, já falecido, comentou sobre as cartas de Arnaldo: “As cartas permitem um contacto imediato, como que, em direto. Elas refletem a fisionomia espiritual do autor, a sua mentalidade e intenções. Além disso, a sua leitura permite-nos valorizar devidamente as biografias, bem como as suas limitações.”<sup>50</sup>

O P. Josef Alt, SVD, editou e comentou as cartas de Arnaldo. A respeito delas assim escreveu:

“O seu estilo literário é simples, às vezes é seco. Raras vezes se torna vibrante. Encontra-se pouco a continuidade numa linha de pensamento. Com efeito, às vezes torna-se trocável. Melhora o estilo e a ilação interna desde o momento em que Arnaldo

---

<sup>48</sup> *Ib.* p. 106.

<sup>49</sup> J. ALT, svd, *Cartas de Arnaldo Janssen, SVD a América del Sur Tomo I: 1890-1899*, Editorial Verbo Divino, Estella 1992, p. XIII.

<sup>50</sup> *Ib.* p. XIII.

começa a ditar a sua correspondência. Mas é necessário advertir que as cartas estão cheias de conteúdo. Não há uma mera retórica nem adornos inconsistentes. A reflexão e indagação, as exortações e proposições, a censura discreta e o reconhecimento não muito frequente, deixam bem clara a versão do escritor, no tema.”<sup>51</sup>

Nota-se bem evidente nestas palavras referidas que o P. Josef Alt, conhece em profundidade as cartas de Arnaldo.

“É chamativo o pouco uso da Sagrada Escritura. Só um par de textos, tipo refrão ou muletinha, aparecem sempre de novo, como, p. ex., depois de um fracasso ou falta, as palavras «Bonum mihi, quia humiliasti me» (Sl 118,71), ou umas palavras de consolo «Sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus» (Rm 8,28).

Iniciam-se as cartas dirigidas às várias pessoas com uma fórmula de corte paulino. De todas as maneiras, as cartas revelam uma profunda seriedade e um forte sentido de envio missionário e de responsabilidade. Este também se manifesta no facto de reservar o autor as últimas decisões. O tom mantém-se sempre uniforme, mesmo nos casos em que se esperaria uma linguagem áspera. Certamente vivia aquilo que aconselhava aos outros: «Modere as suas palavras. Seja estrito se as circunstâncias o requerem, mas nunca ofensivo. A dureza encontra perdão, mas as ofensas nunca». Seja a sua norma não o falar, escrever nem pregar a menos e nem muito, senão dignamente o apropriado, bem pensado e bem ponderado!”<sup>52</sup>

O editor de cartas de Arnaldo observou em profundidade o conteúdo de cartas. Vê-se que as conhece em profundidade. Chega a concluir que há pouco uso da Sagrada Escritura. Mas ao mesmo tempo consegue verificar que as cartas de Arnaldo dirigidas às várias pessoas começam com uma fórmula de corte paulino. Também observa que há não uso de palavras ofensivas nas cartas de Arnaldo.

“Ainda que, com frequência, as ideias não venham expressas na roupagem linguística precisa, percebe-se, contudo, o anseio do autor de se identificar plena e autenticamente com quanto poderá referir e interessar ao destinatário. Quer se trate de algum êxito ou fracasso, de enfermidade ou perigos superados, dum encontro casual com os parentes dos destinatários ou de ocorrências quotidianas de Steyl ou S. Gabriel, Arnaldo Janssen deseja manifestar as múltiplas ocasiões em que tem lembrado os outros, esperando que

---

<sup>51</sup> *Ib.* p. XIII.

<sup>52</sup> *Ib.* p. XIII.

tais comunicações lhe permitam aprofundar e reforçar o sentido de pertença comunitária de toda a Congregação. Fá-los participar nos êxitos e perseguições dos confrades que trabalham na China e em outros países. E – ainda que isto ocorra raras vezes – sem embargo, manifesta, às vezes os seus próprios sentimentos. Lendo o relatório de Bacher sobre a celebração de primeiras comunhões em Esperanza, lhe correu mais do que uma silenciosa lágrima pela face.”<sup>53</sup>

O editor também chega a perceber nas cartas de Arnaldo quanto de interesse e preocupação Arnaldo mostrou com os seus destinatários e em quantas ocasiões os recodava, mostrando o sentido de pertença comunitária de toda a Congregação.

As cartas de Arnaldo normalmente levavam duas fórmulas muito importantes que ainda hoje são muito queridas, na Congregação do Verbo Divino. A primeira é esta: «Vivat Deus Unus et Trinus in cordibus nostris». No tempo atual, esta primeira fórmula aparece sempre acompanhada da notícia do falecimento de algum membro da Congregação do Verbo Divino, vinda do Generalato. A segunda encontrava-se em forma de cabeçalho epistolar: «Vivat Cor Jesu in cordibus hominum». Esta segunda fórmula é usada pelos membros da Congregação quase sempre no final das cartas ou para terminar um momento de oração comunitária. Estas duas fórmulas “sem dúvida expressavam os anseios mais íntimos de Arnaldo Janssen.”<sup>54</sup> Preocupava-se com os seus missionários, procurava sempre saber notícias deles e animava-os com as suas cartas e orações. Quando soube a notícia de atos de violências na missão da China, escreveu, consolando os seus missionários:

“Isto dá-me muita alegria ao pensar em vocês e como com muita coragem trabalham por Deus, na tão longínqua China, sem recuar ou fugir dos sofrimentos ou problemas! Oh, como são preciosas as coisas que vocês podem fazer ao serviço do grande e bom Rei e Pai do Céu; e com que grande prazer ele olha sobre os seus queridos filhos que trabalham com tanta coragem no seu supremo serviço! Passe o que passar, não podem perder o vosso coração! O bom Senhor se alegra quando vê os seus servos confiados no seu poder e bondade, firmes como uma rocha, ainda mais quando confrontados com as circunstâncias mais terríveis. E, por conseguinte, a fim de obter esta satisfação, assim como o mérito pelos seus servos, ele deve também permitir-lhes enfrentar as difíceis

---

<sup>53</sup> *Ib.* p. XX.

<sup>54</sup> *Ib.* p. XXIV.

circunstâncias para que então, depois de ter aprovado adequadamente a sua confiança, ele possa revelar o seu poder e bondade. Por isso nunca desistir! Nós rezamos constantemente por vocês, e somos muitos e bons filhos que temos consagrado ao Senhor as nossas vidas! Será que esta oração não atravessará o céu? Além disso, muitos amigos da casa oram pela mesma intenção.”<sup>55</sup>

As cartas de Arnaldo para os seus missionários eram como a sua presença espiritual junto deles, carregadas muitas vezes de ânimo, conforto e consolo. Escreveu uma vez para o Bispo Anzer:

“Você está sob o peso de muitas preocupações. Aceite as minhas sinceras e sentidas palavras de consolo e de oração. Que Deus, na sua bondade e amor vos ajude a superar as perseguições e afaste a tempestade. Mesmo assim, os inimigos só podem fazer tanto mal quanto Deus lhes permite, e nem mais que a largura de cabelo e no fim o Senhor será vitorioso. Quanto mais forte o vento soprar, tanto mais profundas crescerão as raízes da árvore do Cristianismo.”<sup>56</sup>

Arnaldo também procurou sempre escrever nos jornais locais e de estado sobre o mundo missionário, dando notícias de perseguições ou outros males e coisas boas que os seus missionários faziam ou sofriam na terra de missão. Assim “informou ao público sobre a perseguição na China.”<sup>57</sup> Desta forma envolvia toda a gente na sua obra missionária. Uns rezavam com fervor pelos missionários perseguidos, outros ajudavam materialmente, entregando bens ou donativos para a missão.

Numa outra ocasião, quando começou a nova onda de violência sobre a missão na China, Arnaldo escreveu ao bispo Anzer:

“Confrontados com o presente sofrimento e angústia, rezamos por vocês fervorosamente ao Espírito Santo e ao Sagrado Coração. Que o Senhor encurte os dias de aflição e permita emergir o bem disto. Nós acreditamos firmemente que isto acontecerá. A resistência e o ódio contra a religião cristã só acabará quando o povo mau

---

<sup>55</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 474.

<sup>56</sup> *Ib.* p. 474.

<sup>57</sup> *Ib.* p. 474.

aprender com a experiência, que mesmo a mais furiosa perseguição não produzirá nada, mas os frutos amargos serão para si mesmo.”<sup>58</sup>

Arnaldo continuou ainda:

“Nós continuaremos a confiar na sua divina proteção e submetemo-nos humildemente sob a sua mão quando isto se abater sobre nós. Esperamos que a presente perseguição não arraste do solo de Shantung Sul a árvore do Cristianismo que Deus plantou pela sua mão por meio dos nossos missionários. Também não se esqueceu de enviar a ajuda monetária para a reconstrução de capelas e missões que foram destruídas pela perseguição.”<sup>59</sup>

Arnaldo procurou fazer tudo o que estava ao seu alcance para bem dos seus missionários. Quando se intensificaram as perseguições na China, Arnaldo escreveu ainda mais cartas aos seus missionários para lhes transmitir consolação e encorajamento. Escreveu a Anzer:

“Estou unido convosco na oração neste momento de sofrimento e de perseguição que vocês têm que suportar (...). Espero que não haja mais mártires! Procure fazer o seu melhor para proteger os confrades». Logo depois escreveu: «Os duros golpes infligidos à missão, especialmente no leste, e os sofrimentos de muitos confrades me afligem profundamente. Por outro lado alegro-me pela sua coragem e grande paciência. Que a graça de Deus possa trazer tempos mais calmos e abençoados depois da tempestade». Convidou também os membros de casas europeias para partilhar as suas preocupações: «Recebi o telegrama: Magna persecutio, dimidia missio deleta (grande perseguição, metade da missão destruída)». Escrevi de imediato a todas as nossas casas e pedi-lhes para aderir a procissões penitenciais e orações, e oferecer orações diárias. Estas orações estão a continuar, e cada dia, nesta comunidade e em todas as nossas casas europeias, incluindo as Irmãs, nós rezamos, de manhã e à tarde, um Pater Noster e uma Avé Maria pela missão perseguida da China. Há pouco tempo tivemos a primeira das duas procissões e orações.”<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> *Ib.* p. 483.

<sup>59</sup> *Ib.* p. 483.

<sup>60</sup> *Ib.* p. 486.

Depois de saber as notícias de perseguições e sofrimentos, Arnaldo comunicou aos seus missionários, sobre as medidas que estava a tomar:

“Nós não podíamos descansar enquanto vocês sofriam. Eu mesmo fui a Berlim quando recebi o telegrama: «Metade da missão destruída... e não deixei nenhuma pedra sem virar para informar o público sobre os factos». Em particular, nós procurámos rezar muito pela missão. Eu ordenei orações públicas, duas vezes ao dia, em todas as nossas casas. Além disso, em todas as casas grandes tivemos procissões penitenciais e rogações.”<sup>61</sup>

Desta forma e outras, Arnaldo acompanhava os seus missionários, exortando-os através de cartas pessoais ou comunitárias. Conhecendo bem João Baptista Anzer, escreveu-lhe:

“Você é um homem capaz de trabalho duro e grande sacrifício e eu espero, ou melhor rezo a Deus, que Ele o faça um instrumento de tanto bem. Mas se isto acontecerá ou não depende de si, fazendo-o um homem do espírito; um homem que, rejeitando todos os juízos da pura sabedoria humana, não se importa donde eles vêm, agarra-se firmemente aos princípios verdadeiros e eternos que nós encontramos nas vidas dos muitos ascetas. O que eu quero dizer aqui são os princípios desses santos, em relação a punctum puncti, isto é, obediência, contra a qual o inimigo das nossas almas é prático em dirigir os seus piores e mais astutos ataques.”<sup>62</sup>

Passado algum tempo, tendo Arnaldo em conta os relatórios sobre a falta de harmonia entre Anzer, já como bispo, e os seus colegas, escreveu-lhe exortando-o:

“Também rezo a Deus para que, pela profunda condescendência e conduta paternal, você consiga conquistar os corações dos seus sacerdotes, para que deste modo se tornem um exército invencível. Depois, perguntou, «Como está a situação entre vossa excelência e os sacerdotes ao vosso cuidado? Está boa a relação? Não é fácil torná-la satisfatória, com todo o respeito. Isto envolve humildade e força de vontade, amizade e calor humano, juntamente com a preocupação pelo seu bem-estar.»<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> *Ib.* p. 486.

<sup>62</sup> *Ib.* p. 487.

<sup>63</sup> *Ib.* p. 487.

Arnaldo procurou ajudar o bispo dando-lhe bons conselhos e chamando-lhe à atenção de ter virtudes de paciência e humildade:

“Eu sei como o maligno, ardentemente, tenta perturbar as relações entre súbditos e superiores e como ele sabe como fazer montanhas dos montículos de terra. Mas como mudar isso? Para isso, vossa excelência vai ter que mostrar grande humildade, muita paciência e clemência; tem que evitar tudo que possa magoar os confrades e dar-lhes uma oportunidade de falar abertamente sobre aquilo que os incomoda. Certo é que eles nunca vão fazê-lo na presença de vossa excelência. Eu aconselho-o a procurar ajuda junto do P. Freinademetz ou P. Wewel, como seus substitutos. Vossa excelência deve orar muito pelos que não gostam nada de si. Só o Espírito Santo, e não só os exercícios exteriores, pode mudar os seus corações. Para fazer isso você precisa de muita oração, bondade e amor. Aconselho-o que crie momentos especiais sobre esta situação, cada dia, durante e depois da santa missa e, se for possível, faça uma visita diária ao Santíssimo Sacramento (...). Um superior deve ter grande paciência e então ele vai ver a verdade dos ditados: “Espinhos produzem as rosas”. E como podemos fortalecer e consolar os superiores ou inferiores nos seus problemas, se nós mesmos não experimentamos os problemas? Por isso, paciência e humildade, pois estas são as duas chaves que nos abrem o coração de Deus e o coração das pessoas.”<sup>64</sup>

Estas cartas, exortações, discursos e conselhos revelam-nos a pessoa e o interior de Arnaldo. Ajudam-nos a aproximar-nos da sua pessoa e a aprender com ele a confiar e a dedicar a nossa vida a Deus. Bem disse um dos seus secretários, P. Alberto Vollmecke, a respeito da pessoa de Arnaldo:

“Se, nos primeiros anos da sua fundação, o P. Arnaldo foi severo, até muito severo, tanto mais suave e bondoso se foi tornando com o passar dos anos até atingir a plena maturidade. Como seu secretário particular, tive que lidar, às vezes, com assuntos muito delicados, relacionados com o meu cargo. Acontecia, às vezes, que tinha que lhe ler alguma carta, redigida exatamente como ele a tinha ditado, e onde ele considerava alguma passagem demasiado brusca. Depois de longas correções, optava finalmente pela expressão mais suave e encarregava-me de escrever de novo a carta e tornar a apresentá-la. Mesmo assim, muitas vezes não a podia enviar, porque a sua formulação ainda lhe parecia muito dura, ou melhor, não suficientemente suave. O P. Arnaldo abanava a cabeça branca e opinava: «Temos que redigi-la de outra maneira». Juntos,

---

<sup>64</sup> J. ALT, svd, o. c., pp. 525-526.



procurávamos, então, uma formulação mais delicada ainda, até encontrá-la. E, só então, depois de escrever e ler a carta pela terceira vez, achava que estava boa.”<sup>65</sup>

Até agora estivemos a ver e a conhecer a vida de Arnaldo, desde a sua ordenação sacerdotal e todo o desenvolvimento da obra que ele iniciou sob o impulso do Espírito. Também tivemos contacto com algumas das cartas e exortações que escreveu, discursos que fez e conselhos que deu para os seus missionários. Agora vamos conhecer de perto a sua experiência de oração, as devoções do seu tempo e as diversas atividades em que estava envolvido.

### **1.3. A sua experiência de oração, devoções do seu tempo e atividades diversas (retiros e conferências)**

Parece claro que desde pequeno Arnaldo cresceu num bom ambiente de oração. Dos seus pais recebeu uma grande herança de oração e devoções preciosas do seu tempo. Com os seus pais, aprendeu a rezar e a confiar em Deus. O pai e a mãe, cada um à sua maneira, inculcaram a importância e o valor da oração na vida de Arnaldo e na vida dos seus irmãos. Falando da influência dos pais, o P. Germano Fischer, na biografia de Arnaldo, escreve:

“Arnaldo herdou o caráter do seu pai com surpreendente fidelidade – aquele seu enfoque certo da vida, a rigorosa disciplina, a inflexibilidade em matéria de princípios, o incansável espírito de trabalho e a profunda religiosidade... encontramos-los reproduzidos em Arnaldo. A sua mãe, entretanto, exerceu uma profunda influência sobre a formação do seu coração e toda a orientação do seu espírito. Essa mulher simples, totalmente voltada para o seu interior, deu-lhe em herança o mundo dos seus sentimentos. Arnaldo foi a cópia da sua mãe, no seu desprendimento pessoal e na perfeição do seu mundo interior.”<sup>66</sup>

Uma vez, quando estudava no colégio de Gaesdonck, o próprio Arnaldo escreveu aos seus pais:

---

<sup>65</sup> J. REUTER, svd, o. c., pp. 108-109.

<sup>66</sup> *Ib.* p. 23.

“Quando penso nas boas coisas que tenho recebido de vocês desde que eu nasci, especialmente durante o ano passado, quanta quantidade de favores que eu percebi! Vocês cuidaram de mim todo o tempo com muito carinho. Tomaram um vivo interesse em todas as minhas preocupações. Quando as coisas correram bem, alegraram-se comigo, e ainda procuraram multiplicar a minha alegria. Quando as coisas não estavam a correr bem, quanta preocupação mostraram para o meu bem! Quando já era grande, vocês mandaram-me para a escola para que eu pudesse aprender coisas boas e úteis. Vocês ensinaram-me muitas coisas sobre Deus e criaram-me na única verdadeira religião (...).”<sup>67</sup>

### **1.3.1. A sua experiência de oração**

Arnaldo sentiu-se muito agradecido aos seus pais pelo que eles lhe fizeram. Arnaldo aprendeu a rezar ao Deus Uno e Trino com muita reverência, na sua casa paterna. E ele próprio, na sua juventude:

“Ensinou a rezar aos outros a oração da noite que compôs para os seus familiares e foi assumida e rezada por muitos outros parentes. O Superior Geral anotou, em 1906, num exemplar da dita oração: «Esta oração da noite... foi introduzida por mim na casa paterna como oração comunitária e rezada durante muitos anos... Cinco ou seis dos meus irmãos sabiam-na de cor. E três deles rezavam-na mesmo depois de casados». Quer a referida oração tenha sido composta pelo estudante de 14 anos em Gasdonk, isto é, por volta de 1851/1852, quer pelo neo-sacerdote de 24 anos, como o supõe o P. Alberto Rohner, não deixa de ser um documento eloquente da atitude espiritual e orante que animou Arnaldo na sua juventude. Esta oração ainda não foi publicada no seu todo. O P. Germano Fischer extraiu alguns trechos, particularmente da secção ‘Preces’ para o seu livro *Tempel Gottes seid ihr* (Vós sois templo de Deus).”<sup>68</sup>

O autor do livro «Arnaldo Janssen Cativado e enviado pelo Espírito», P. Jakob Reuter, SVD, considerando tão importante e relevante o estilo solene de Arnaldo de se dirigir à majestade de Deus Uno e Trino, entusiasmado, decide transcrever partes desse texto de oração no seu livro. Temos aqui um trecho desse texto e os elementos importantes que aparecem na oração:

---

<sup>67</sup> J. ALT, svd, o. c., p.13.

<sup>68</sup> J. REUTER, svd, o. c., p. 26.

“A oração da noite traz no primeiro parágrafo o título «Louvor e Ação de Graças» e começa com as seguintes palavras bíblicas: «Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos, a terra está cheia da Sua glória! Glória seja dada ao Pai! Glória ao Filho! Glória ao Espírito Santo! Amen». Este louvor repete-se mais duas vezes na primeira parte.”<sup>69</sup>

Neste parágrafo se vê em Arnaldo a profundidade de reverência e louvor pela Santíssima Trindade. E Arnaldo continua com várias invocações. Também aparece no final do primeiro parágrafo desse texto a sua oração dos quartos de hora, que foi composta mais tarde: “Senhor Deus, creio em Ti pela veracidade das Tuas palavras – aumenta a minha fé. Espero em Ti pela fidelidade às Tuas promessas – fortalece a minha esperança. Amo-Te pela Tua imensa bondade – incendeia o meu frio amor.”<sup>70</sup> A seguir na segunda parte desse texto de oração, aparece também o *exame de consciência* e as súplicas iniciadas de novo com o tríptico *Santo*. Por fim, no quarto parágrafo encontramos as *intercessões* que incluem a todos e são pedidas por todos.

Desde pequeno, e durante toda a sua vida, Arnaldo rezou estas e outras orações. Com o avançar do tempo cresceu na profunda confiança, na fé e num amor muito grande para com Deus Uno e Trino, fonte da sua vida e dador de todo o bem. Aprofundou ainda mais a sua vida de oração e seus conhecimentos com os seus estudos pessoais

“de obras como «Mysterien des Christentums» (mistérios do cristianismo) de J. M. Scheeben, a Summa de Santo Tomás. O seu «delicioso devocionário» foi *Dei geistlichen Ubunge* (os exercícios espirituais) de santa Gertrudes de Helfta, quer dizer, o amor, o louvor, e a adoração de Deus Uno e Trino e de Cristo, em estreito contacto com a linguagem da Bíblia. O livrinho é um particular e genuíno documento de beatitude interna.

Era atraído pelo mistério da vida de Deus e das três pessoas divinas. A majestade, a glória, a santidade e a onipotência de Deus e nossa humilde adoração. Na sua oração da noite mudou a simples piedosa frase «Pai Celestial, a Ti se dê louvor e ação de graças» pela solene e teológica frase: «Santíssima Trindade, a Ti se tribute a nossa mais profunda adoração, homens miseráveis». Amava os grandes factos da ordem sobrenatural: o mistério da encarnação da segunda pessoa divina; a paixão e morte de

---

<sup>69</sup> *Ib.* p. 26.

<sup>70</sup> *Ib.* pp. 26-27.

Cristo; o constante envio do Espírito Santo, por meio de Cristo triunfante para nossa santificação; o mistério da celebração do sacrifício eucarístico como ato digno da adoração de Deus, como imploração da graça; o mundo misterioso dos sacramentos, do sacerdócio e da sua posição intermédia nos sucessos da salvação; nossa vida e nossas rezas, na solidariedade da graça com Cristo, na solidariedade da graça constantemente renovada pelo sacrifício eucarístico.”<sup>71</sup>

Normalmente, a sua postura para orar era de joelhos, de pé, de braços abertos ou prostrado diante do Senhor Sacramentado. “Ajoelhava-se, em sinal de admiração, diante de Deus Trino que, pela graça, habita na alma e entusiasmava-se pelo simbolismo dos sacramentos e atos sacramentais. Contemplava as figuras das 14 estações da via-sacra, na Igreja dos franciscanos, e meditava sobre o mistério incompreensível da Santíssima Trindade.”<sup>72</sup> Arnaldo deitava-se muito tarde, pois só ia descansar depois de terminar as tarefas que precisava de realizar. Levantava-se muito cedo “para estar na Igreja, entre os primeiros, para a oração da manhã da comunidade. Normalmente, já tinha rezado a via-sacra. E assim, iniciava outro dia, entregando-se com mesmo fervor à sua tarefa diária.”<sup>73</sup> Convencido que a obra por ele iniciada era da vontade Deus,

“Por isso, manteve estreito contacto com Ele na oração. Observava rigorosamente o que tinha introduzido como traço característico da sua comunidade religiosa: em cada quarto de hora, interrompia o seu trabalho; por exemplo, ao ditar uma carta, tirava o solidéu da cabeça e rezava a Oração dos quartos de hora na companhia dos seus secretários: os breves atos de fé, esperança e caridade, mais a comunhão espiritual, e em especial, a súplica para obter o envio do Espírito Santo: «Envia-nos do Pai o Espírito Santo para que reconheçamos claramente as Suas inspirações e as sigamos com perseverança». Além disso, realizava todo o seu trabalho diário em íntimo contacto com o Senhor, mediante a oração frequente. Junto com os seus, participava nas numerosas práticas de oração comunitária que, para ele, constituíam uma autêntica necessidade para dar cumprimento aos trabalhos que realizava com Deus e para Deus.”<sup>74</sup>

---

<sup>71</sup> F. BORNEMANN, svd, o. c., pp. 30-31.

<sup>72</sup> *Ib.* p. 31.

<sup>73</sup> J. REUTER, svd, o. c., p. 53.

<sup>74</sup> *Ib.* pp. 53-54.

Toda a vida de Arnaldo foi uma vida de profunda oração e de trabalho incansável para cuidar e ajudar a crescer as três Congregações iniciadas pela sua pessoa, por Deus. É admirável saber, por meio dos seus secretários,

“Do seu costume de rezar por aqueles a quem escrevia, especialmente quando se tratava de algum tema difícil ou importante, ou quando tinha que lhes dizer algo de desagradável. Muitas vezes foi visto prostrado em oração diante do sacrário, a horas tardias, ou durante a noite. Certamente rezava pelas necessidades das suas comunidades ou por determinados confrades ou irmãs religiosas, a quem recomendava de coração, ao Senhor.”<sup>75</sup>

Para Arnaldo, a oração de petição ou intercessão era muito importante. Desenvolveu-a e experimentou-a muito desde os tempos em que era diretor do Apostolado de Oração na sua diocese de Münster. Por isso,

“Como Superior Geral, quis que nas suas comunidades se rezasse, para que, mediante a oração, fossem imploradas as bênçãos divinas sobre as atividades e para a conservação do bom espírito na vida das comunidades. Assim, já nas primeiras edições do Pequeno Manual de Oração, intitulado «Vademecum», se encontram belos textos de orações intercessoras, como por exemplo, «por todas as necessidades da Congregação e dos seus superiores, especialmente pelo Superior Geral» (Vademecum, de 1887); «por todos os missionários e pelos cristãos e catecúmenos das nossas missões»; «por todos os nossos confrades ausentes... abençoai-os, ó Senhor, nos seus trabalhos e protegei-os nas suas viagens, em todos os lugares e em todas as vicissitudes da vida»; «pelos candidatos ao estado sacerdotal e religioso...». A grande comunidade de Steyl acompanhava, com a sua oração, especialmente com frequentes adorações noturnas ao Santíssimo Sacramento, a missão da China, tão atormentada antes, e por volta de 1900. Com os seus, e com a sua oração pessoal, Arnaldo Janssen implorava a bênção do Altíssimo em favor do seu trabalho e do trabalho dos seus, porque estava consciente da sua grande responsabilidade diante de Deus pela obra que lhe tinha sido confiada.”<sup>76</sup>

Através destas e outras orações, e sobretudo pela oração de petição, Arnaldo revelou que era de verdade um verdadeiro pai ou mãe para os seus missionários. Rezava, regularmente, pelo bem estar físico e espiritual, pelo sucesso do trabalho missionário e

---

<sup>75</sup> *Ib.* p. 61.

<sup>76</sup> *Ib.* pp. 61-62.

por todos aqueles que estavam envolvidos, direta ou indiretamente, com eles nas missões.

### **1.3.2. As suas devoções e atividades diversas (retiros e conferências)**

A grande devoção, que Arnaldo cultivou e pôs em prática nas suas Congregações, recebeu-a, como herança, da sua casa paterna. “Sem dúvida, a devoção à Santíssima Trindade foi o fundamento real da vida espiritual e da prática devocional de Janssen.”<sup>77</sup> Observando de perto seu pai, Arnaldo aprendeu a amar profundamente a Santíssima Trindade, tal como seu pai fazia regularmente.

“A devoção à Santíssima Trindade penetrou e impregnou toda a trajetória da família Janssen, de tal modo, que isso se reflete no escrito de Arnaldo, quando ainda era estudante universitário, em carta a sua mãe. No onomástico da mesma, dizia: «... unidos no gozoso abraço de Deus Uno e Trino, no céu cantaremos cânticos de gozo e ação de graças» (25 de novembro de 1856). No seu diário, recordando os exercícios espirituais prévios ao diaconado, decide: «A Santa Missa dos domingos será sempre para agradecer à Santíssima Trindade pela criação, a redenção e o chamamento à vida consagrada» (março de 1861).”<sup>78</sup>

A devoção à Santíssima Trindade fazia parte da pessoa e do ser de Arnaldo. Estava por completo envolvido pelo mistério da Santíssima Trindade. Arnaldo amava ardentemente a Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Todo o seu amor à Santíssima Trindade se refletiu na sua pessoa e nas suas obras.

“O amor à Santíssima Trindade constituiu o fundamento de toda a sua existência, o núcleo central do seu ser mais íntimo, o objetivo e a força irradiante do seu zelo apostólico. O resto deve viver em relação de dependência com o dito núcleo. Janssen expressou a sua atitude inteira, de forma tão bela e sucinta, que chegou a converter-se no lema da Congregação: «Vivat Deus unus et Trinus in cordibus nostris!». Nisto reside o objetivo e a força impulsora: ajudar todos os homens, incluindo nós mesmos, a alcançar a plenitude da nossa dignidade humana: a participação na vida da Santíssima

---

<sup>77</sup> P. McHUGH, svd, *Espiritualidad de Nuestra Congregación Una Visión Teológica*, Editorial Guadalupe, Buenos Aires, 1980, p. 15.

<sup>78</sup> *Ib.* pp. 15-16.

Trindade, unidos nos vínculos do amor com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e, em Deus, com todos os homens.”<sup>79</sup>

Arnaldo procurou viver duma maneira coerente a decisão pessoal que tinha tomado na sua vida, assim formulada: “Que a minha meditação consista no profundo diálogo com o eterno Pai e Filho e o eterno amor do Espírito Santo.”<sup>80</sup> E ainda

“sublinhou a importância da Santíssima Trindade para os indivíduos e para a vida comunitária. Todos os três capítulos gerais, realizados sob a sua direção, prescreveram que os domingos estavam a ser dedicados àquele mistério e o Domingo da Santíssima Trindade seria celebrado como a festa principal da Congregação. Mais adiante os IIº e IIIº Capítulos Gerais prescreveram: Sempre que escrevamos uns aos outros, escreveremos no cabeçalho da página: «Que o Deus Uno e Trino viva em nossos corações». Se ele viver em nossos corações, então será mais fácil guardar o seu santo nome e obedecer à sua vontade, pois ele é a força motivadora das nossas ações.”<sup>81</sup>

Desta forma, a festa da Santíssima Trindade tornou-se “a principal da Congregação. Nela celebramos o mistério do envio do Verbo Eterno e do Espírito Santo, raiz da nossa própria vocação missionária. Com efeito, somos enviados a proclamar a glória e o amor de Deus Uno e Trino e a convidar os homens a entrar, pelo batismo, em Seu nome, na plenitude da vida divina” (Const.405).

Além desta devoção à Santíssima Trindade, Arnaldo tinha uma devoção e amor especial a cada pessoa da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Tinha uma profunda reverência diante de Deus.

“Seus sermões, conferências e palestras sobre assuntos científicos, inúmeras vezes, deixaram transparecer algo dessa grande reverência. Isso podia ser particularmente notado quando discorria sobre a grandeza infinita de Deus. De modo especial manifestava-o pela alegria verdadeiramente infantil pela glória divina; pela reverência – dir-se-ia quase temor – ante a majestade do Altíssimo e seu profundo interesse no conhecer e cumprir a santa vontade de Deus. Nesse ponto, poder-se-ia chamá-lo de

---

<sup>79</sup> *Ib.* p. 15.

<sup>80</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 715.

<sup>81</sup> *Ib.* p. 715.

escravo da vontade divina. Seu respeito vinha ainda manifesto no horror ao pecado e do quanto pode ofender a Nosso Senhor.”<sup>82</sup>

O mais belo desta devoção é que Arnaldo, “magistralmente dispôs que, dias especiais da semana, fossem dedicados aos atos de reconhecimento às três pessoas divinas: ao Pai Eterno, quinta-feira, ao Filho, na terça-feira, cabendo a segunda-feira, ao Divino Espírito Santo.”<sup>83</sup>

A devoção ao Filho do Pai Eterno, o Verbo Divino, era tão forte na sua vida que decidiu dar o mesmo nome à Congregação: Congregação do Verbo Divino. Desde a casa paterna, na sua infância, Arnaldo ficou cativado pelo Verbo Encarnado. A proclamação diária do prólogo do evangelho de S. João, na casa paterna, marcou profundamente a sua pessoa. Rezava: “Seja o Verbo Divino a alma da nossa devoção, nossa força, nosso amor e nossa luz; d’Ele nossos mestres aprendam a sabedoria, nossos missionários encontrem palavras de eloquência, confirmem o reino de Deus nas trevas do paganismo e nos frios e tenebrosos domínios do espírito do mal.”<sup>84</sup> Acrescentava Arnaldo:

“O Verbo Divino deve ser escolhido para especial adoração. Ele, o protótipo pelo qual é modelada a alma do justo; Ele, a pessoa do nosso Divino Salvador, a quem devemos seguir em nosso apostolado através do caminho do abandono a Deus; Ele, a luz que ilumina todo o homem, e n’Ele, o missionário deve colocar toda a confiança, sabedor de que suas palavras só terão eficácia verdadeira pela assistência do Verbo Divino, o qual tirou céus e terra do nada; Ele, a Sabedoria incriada, donde procede toda a ciência humana e, por isso mesmo, digno de veneração particular por parte dos nossos professores.”<sup>85</sup>

Aberto ao apelo do Verbo Divino, Arnaldo procurou elaborar nos primeiros tempos “o plano de organizar uma «Liga de Orações do Verbo Divino», rezando pelas intenções do Sagrado Coração, pelas casas de formação e pelos missionários, beneficiando assim também os membros da mesma «Liga» por orações mútuas.”<sup>86</sup>

---

<sup>82</sup> P. G. SANDKAMP, svd, o. c., p. 8.

<sup>83</sup> *Ib.* p. 9.

<sup>84</sup> *Ib.* p. 32.

<sup>85</sup> *Ib.* pp. 32-33.

<sup>86</sup> *Ib.* p. 33.



Arnaldo também pedia aos seus missionários que pregassem o Verbo Encarnado aos pagãos para que, pela luz e graça do Verbo Encarnado, se tornassem filhos de Deus. E rezava esta bela oração: “Viva o Coração de Jesus nos corações dos homens, e a doce luz do Verbo brilhe nas trevas do pecado e na noite do paganismo.”<sup>87</sup> Esta é uma das orações preferidas que os Missionários do Verbo Divino procuram rezar no seu dia-a-dia. Um dos antigos gerais da Congregação,

“P. Schütte, afirma que o espírito da Congregação se manifesta de forma eminente em Janssen: «O próprio Verbo Divino é o princípio unificador da nossa espiritualidade e da nossa atividade. Toda a nossa veneração e devoção, em última análise, vão dirigidas ao Verbo Encarnado e, por seu intermédio, às outras duas Pessoas da Trindade». O seu caminho, em direção à Santíssima Trindade, foi o escolhido pela mesma Trindade: o Verbo Divino; e em suas meditações sobre o Verbo Encarnado encontrou expressão tangível sua devoção básica à Trindade.”<sup>88</sup>

Os três mistérios do Verbo Divino: a Encarnação, o Nascimento e o Presépio, marcaram profundamente a pessoa de Arnaldo. Retirava alegria profunda destes mistérios:

“Do solene momento em que se manifestou o amor divino, quando o Verbo se fez carne. «Cristo ilustra o seu grande amor pelos homens valendo-se da comparação de como o noivo ama a sua noiva. A comparação é realmente terna. Ele tomou, verdadeiramente, a natureza humana como a sua desposada». Um costume que recomendou a todos foi a recitação do Angelus que também nossas Constituições o recomendam: «Na recitação diária do Angelus recordamos a Encarnação do Verbo Divino» ( Const. 405.1). Para sublinhar o amor que desconcerta na Encarnação, recorria ao paralelismo dum rei que entra numa cabana do campo para viver como um dos membros da família. «Qual é o rei que se humilha a si mesmo, ao nível duma família pobre, em comparação com o Deus infinito que assume a nossa condição de escravos?» Para ele, a festa da Anunciação era sumamente preciosa.”<sup>89</sup>

Era uma data muito marcante na vida de Arnaldo, porque “na véspera de 25 de março de 1879, Arnaldo obtinha segurança, paz e liberdade de ação pelo término da oposição

---

<sup>87</sup> *Ib.* p. 34.

<sup>88</sup> P. McHUGH, svd, o. c., p. 58.

<sup>89</sup> *Ib.* p. 58.

do dono que conservava o título legal da propriedade de Steyl.”<sup>90</sup> Arnaldo nunca mais esqueceu esta data! Já em idade avançada, recordava esse dia, com muita gratidão. Uma vez, “alguém o viu, numa noite antes da festa da Anunciação, ajoelhado ante o altar da Virgem, na casa de S. Wendelino. O confrade que relata esse acontecimento afirma que P. Arnaldo ali esteve de joelhos durante toda aquela noite.”<sup>91</sup> Hoje, como ontem e sempre, precisamos de homens que, como Arnaldo, estejam em oração de joelhos diante do mistério da Encarnação.

O mistério do Nascimento do Verbo é outro aspeto muito importante na vida devocional de Arnaldo. Por este mistério, chegamos a ser seus irmãos.

“O Verbo Eterno entrou em nossa rota para nos guiar à glória de nos fazer seus irmãos. Sim, o Filho de Deus veio a ser nosso irmão. Arnaldo maravilhava-se diante da pobreza vivida pelo Verbo Encarnado. Se Ele se fez pobre por mim – assim refletia – quero ser pobre por sua causa. Do mesmo modo, ficava pasmado diante dos seus irmãos, pela sua pobreza e simplicidade apostólica. Permanecia atônito diante da humildade infinita de Cristo: Apesar de ser o Rei da glória, rodeado por incontáveis seres celestiais, desceu até à nossa terra!”<sup>92</sup>

E afirmava:

“Se não nos fizermos pequenos, não podemos agradar a Deus. Tal como a lição do Natal. Quanta abundância de graça, luz e gozo significa o nascimento do nosso divino Salvador em Belém! Oxalá, possamos aplicar os tesouros da graça, salvação e felicidade que temos em nosso divino Salvador, de modo que adiramos a Ele com todo o amor de nossos corações e toda a força das nossas almas, unidos a Ele, inseparavelmente, para sempre. Estejamos agradecidos a Ele e colaboremos na transmissão dessas bênçãos aos outros.”<sup>93</sup>

Outro aspeto do mistério do Nascimento do Verbo, que ocupava a atenção de Arnaldo, era o presépio.

---

<sup>90</sup> P. G. SANDKAMP, svd, o. c., p. 36.

<sup>91</sup> *Ib.* p. 36.

<sup>92</sup> P. McHUGH, svd, o. c., p. 59.

<sup>93</sup> *Ib.* p. 59.

“Sentia uma terna devoção pelo Menino Jesus. Na noite de Natal levava pessoalmente nos seus braços o Menino, desde a cripta à Igreja, em solene procissão (o costume observado pela Congregação). Também essa devoção, assim como todas as outras, serviu-lhe para intensificar o seu zelo missionário. «Por Tua própria Santa Infância, oh Jesus, tem misericórdia dos pobres meninos pagãos!» Permanecia na companhia do Cristo Infante, durante todo o tempo de Natal. Muitas vezes, quando se julgava sozinho na Igreja, apagava as luzes e tomando nos braços a imagem da divina criança, com ela passeava rezando e meditando, como que inebriado de amor. Aqui encontramos a origem da sua ardente e reverente devoção ao santo nome de Jesus. Que forças e espontaneidade trazem estas saudações: «Sede louvado, ó Jesus, alegria e bem-aventurança do reino eterno! Sede louvado, ó Jesus, amado do Pai! Sede louvado, ó Jesus, nobre flor da raiz de Jessé! Eu desejaria adorar-Vos e louvar-Vos tantas vezes quantos os astros os céus comportam e quantos grãos de areia povoam os mares. Amen!»

Enfim, Arnaldo levava o Cristo Infante aos corações dos homens. Sua especial devoção à Sagrada Família impelia-o a rezar frequentes vezes pelos lares cristãos, a fim de que pais e filhos tomassem por modelo de vida o viver de Jesus e Seus pais, em Nazaré. Seu amor pelo Salvador, ainda criança, tomava proporções apostólicas; era uma caridade missionária. A este zelo dedicava a festa da Epifania, em que a divina criança pela primeira vez se manifestou aos pagãos, em tão magna pompa e solenidade! Nele havia um fogo que aspirava queimar-se, uma chama ávida de combustível. «Que plenitude de bênçãos espirituais e corporais não trouxe à terra o Salvador! Sejamos-Lhe reconhecidos e auxiliemo-Lo a transmitir estas bênçãos, aos outros!»<sup>94</sup>

Como outras devoções, Arnaldo recebeu, como herança paterna, a grande devoção ao Espírito Santo. O seu pai tinha uma profunda devoção ao Espírito Santo.

“E, no seu leito de morte fez prometer aos seus filhos que continuariam o costume de assistir e dedicar a Missa das segundas-feiras, em sua honra. Antes de ser ordenado diácono (março de 1861), Arnaldo tinha tomado esta decisão «As segundas-feiras oferecerei a Santa Missa em honra do Espírito Santo, Vida e Sustento da minha alma. Encomendar-Lhe-ei todos os estudos e esforços». Cumpriu este propósito toda a sua vida. No seu amor pelo Sagrado Coração aprofundou o amor ao Espírito Santo. Nos primeiros tempos da revista, *O Pequeno Mensageiro*, na sua página inicial, tinha publicado esta oração: «Da plenitude do teu Sagrado Coração, derrama no meu a graça

---

<sup>94</sup> P. G. SANDKAMP, svd, o. c., pp. 38-39.

do Espírito Santo, para que ilumine a minha ignorância, me purifique dos meus pecados, fortaleça em mim o teu santo amor. *Ámen*». Há um texto que nos revela a profunda importância desta devoção que Arnaldo explica do seguinte modo: «Glorifiquemos toda a Santíssima Trindade, mas em especial a Terceira Pessoa, segundo a qual, dizem os santos, o grande Deus imprime o seu beijo de Criador, até de Esposa, dando-se a si mesmo pela graça santificante... Portanto, honremo-Lo e amemo-Lo, particularmente no Sagrado Coração de Jesus, por cuja mediação o recebemos».<sup>95</sup>

Aprofundou e viveu de forma intensa esta devoção, cujos sinais se refletiram na sua vivência pessoal, nos seus escritos e na sua Congregação. Desde o início da Congregação introduziu grandes práticas de devoção ao Espírito Santo: cantar ou rezar todas as manhãs o *Veni Creator Spiritus*, celebrar a Festa de Pentecostes, com Exposição do Santíssimo Sacramento e Quarenta Horas de Adoração, e celebrar a santa missa em honra do Espírito Santo, na terceira segunda-feira de cada mês. Também dava grande importância à procissão solene, no dia de Pentecostes. Na regra de 1885 afirmam-se da seguinte forma as práticas devocionais ao Espírito Santo:

“Caros irmãos, deveríamos ter especial devoção ao Espírito Santo, e para Ele façamos o seguinte: a) em todas as nossas casas, onde for possível, entoemos o hino *Veni, Creator Spiritus* cada manhã. b) Os sacerdotes devem recitar o mesmo hino, antes da Tércia e se já tiverem recitado o *Veni, Creator*, podem substituí-lo pelo *Veni, Sancte Spiritus*. Se estiverem impossibilitados de o fazer, deveriam cumprir esse dever mais tarde. c) Os que se preparam para a ordenação, deveriam invocar, antes de tudo, a ajuda do Espírito Santo.

Para fim idêntico recomenda-se a seguinte oração: «Deus Espírito Santo, vem aos nossos corações e às nossas almas. Ilumina-nos e fortalece-nos com a tua Graça, para que sigamos fielmente as tuas inspirações. Por Cristo Nosso Senhor. Em seguida rezar três vezes: Imaculada Esposa do Espírito Santo, roga por nós».

Veneremos também piedosamente a união de Cristo pelo Espírito Santo, pelo qual é chamado Cristo, porque «o Senhor ungiu-o com o Espírito Santo», como afirma a Escritura (Act 10,38). No Coração de Jesus veneramos a plenitude do Espírito Santo, a quem o Pai e o Verbo enviaram a sua santíssima humanidade. Deste modo, pelo Espírito Santo chega uma fogueira de amor e o tesouro de todas as graças.»<sup>96</sup>

---

<sup>95</sup> P. McHUGH, svd, o. c., p. 158.

<sup>96</sup> *Ib.* p. 159.

A segunda parte do II Capítulo Geral as regras 7 e 8 tratam do agradecimento devido ao Espírito Santo e da sua profunda veneração pelos benefícios realizados em nosso favor:

- “a) pelo perdão dos pecados, que nos concede cada dia, e por Ele nos livra de tantos e tão graves castigos;
- b) pelo inefável dom da graça santificante que nos concede tão gratuitamente, renovada e incrementada, pelo qual nos abre o caminho para a pátria celeste e nos dá a paz da alma.
- c) Por cada graça sacramental, pela qual crescemos espiritualmente e somos adornados e fortalecidos com tanta frequência.
- d) Pelas graças atuais, tão constantemente concedidas durante a nossa vida.
- e) Pela perseverança do amor de Deus por nós, apesar dos corações que resistem, recusam e são ingratos.

Assim, o Espírito Santo é em verdade um Deus maravilhoso, ao qual devemos dar graças, amar e venerar.<sup>97</sup>

O Terceiro Capítulo Geral chegou a tratar da fidelidade ao Espírito Santo e à vocação religiosa. Diz:

“A fidelidade para as regras entende-se como fidelidade para Ele, insistindo em pedir sua direção ao ler as Escrituras, meditar, orar, estar só.

A Regra de 1885 resume a atitude de Arnaldo neste simples testemunho: «Societas Spiritui Sancto sacrata est – A Congregação está consagrada ao Espírito Santo». Claramente expõe a adoração à Palavra Divina e a devoção ao Espírito Santo. Trata-se de iguais fins para a Congregação: «O fim da nossa Congregação é adorar a Palavra Divina e promover a particular devoção ao Espírito Santo».<sup>98</sup>

Deste modo, Arnaldo decidiu a consagrar-se a si mesmo por inteiro ao Espírito Santo

“na segunda-feira, 03 de outubro de 1887, na Igreja dos padres Vicentinos em Viena. Referindo-se ao facto, escreveria em seu Testamento Espiritual: «Tenho-me oferecido inteiramente a Ele, em corpo e alma, e lhe pedi a graça de conhecer a grandeza do seu amor, de viver e morrer só por Ele. Queira assistir-me neste mundo, livre de pecados, e me permita atuar em plena perfeição, segundo a vontade de Deus».<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> *Ib.* p. 160.

<sup>98</sup> *Ib.* p. 161.

<sup>99</sup> *Ib.* p. 161.

Mais adiante, no dia 8 de dezembro de 1888 Arnaldo veio a consagrar a Congregação ao Espírito Santo. Depois passado um ano veio marcar a data oficial (8 de dezembro de 1889) da fundação das Missionárias Servas do Espírito Santo, SSpS.

“Originalmente, Arnaldo tinha pensado em denominá-las também com o nome do Verbo Divino. Em 1882 escreveu o primeiro esboço da Regra para as Irmãs. Ainda pensava numa só Congregação, formada por três grupos: sacerdotes, Irmãos e Irmãs, todos com o nome de Verbitas, do Verbo Encarnado. Durante a visita de Arnaldo a Viena, em abril-maio de 1883, o P. Medits (Vicentino), seu amigo, sugeriu-lhe que desse às Irmãs o nome de «Filhas do Espírito Santo». Pela sua adoração ao Espírito Santo, reparariam os pecados cometidos contra Ele. E mediante a sua adoração ao Santíssimo Sacramento, implorariam as graças divinas para a Igreja, especialmente para os sacerdotes.”<sup>100</sup>

Depois, Arnaldo veio propôr o dito plano “no Primeiro Capítulo Geral (15-16 de fevereiro de 1885), indicando como objetivos das Irmãs: 1) Veneração do Espírito Santo; 2) Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento; 3) Orações de súplica pelos sacerdotes. O Capítulo aprovou a fundação de tal Instituto.”<sup>101</sup> Contudo, Arnaldo chegou a voltar ao seu plano original de 1882, “pondo a ênfase no caráter missionário da vocação das Irmãs. Arnaldo não confirmou ao P. Medits: «As Irmãs serão consideradas, não como obreiras, mas como esposas de Deus... a maior ênfase deve-se pôr na oração».”<sup>102</sup>

O Segundo Capítulo Geral também veio acentuar a devoção ao Espírito Santo. No Capítulo I da Regra de 1891, expressa-se assim: “Veneremos o Espírito Santo como o Pai da Congregação. Propaguemos a sua devoção, quanto possamos, de modo que nos conduza ao amor de toda a Santíssima Trindade (...).”<sup>103</sup> Mais tarde, a Regra 10 (da ajuda do Espírito Santo) chegou a recordar aos sacerdotes

“que o homem sem a ajuda do Espírito Santo não é nada, e nada pode fazer, especialmente em seu trabalho (a arte de todas as artes) de guiar as almas. Dirijamo-nos sempre ao nosso amoroso Pai, o Espírito de graça. Por meio da sua graça, tratem de se

---

<sup>100</sup> *Ib.* p. 161.

<sup>101</sup> *Ib.* p. 161.

<sup>102</sup> *Ib.* pp. 161-162.

<sup>103</sup> *Ib.* p. 162.

tornar dignos pela oração, humildade e fidelidade. Através da sua bondade celestial, e com zelo constante, contagiem os outros para a sua digna veneração.”<sup>104</sup>

O Espírito Santo ocupou um lugar sempre relevante na própria vida de Arnaldo. “Entre os anos 1887 e 1904, o seu *O Pequeno Mensageiro* editava um suplemento *Vem, Espírito Santo*. Ele mesmo escrevia a maioria dos artigos.”<sup>105</sup> Em suas cartas, chega a mencionar muito frequentemente o Espírito Santo, “pedindo para os seus destinatários condução, luz, bênção, zelo pelas missões, etc. A primeiríssima mensagem do número inicial de *Nuntius SVD* (março de 1896) intitula-se: «Que o amor e o gozo do Espírito Santo estejam com todos vós».”<sup>106</sup>

Um dos secretários de Arnaldo, P. Hilger, deixa-nos aqui o seu testemunho pessoal sobre como o Espírito Santo colaborou nas cartas:

“Enquanto ditava as cartas, por momentos, seu pensamento abandonava-o. Ao observá-lo, apercebia-me como os seus lábios se moviam em oração, procurando o termo preciso. Frequentemente pedia-me para ajoelhar com ele e rezar o *Vem, Espírito Santo*, pois procurava ajuda divina para dar à carta o seu próprio tom. Depois disso, dava-me conta como ele ditava com mais facilidade, ao contrário das dificuldades que antes sentia em encontrar as frases. «Vês – dizia-me – o Espírito Santo me concedeu assistência».”<sup>107</sup>

Assim viveu Arnaldo esta devoção, imbuído por completo no Espírito Santo. Também incentivou os seus filhos e filhas a viverem desta forma a devoção ao Espírito Santo. A Congregação do Verbo Divino continua com esta devoção. Além da grande devoção a cada pessoa da Santíssima Trindade, Arnaldo cultivou muitas outras devoções: ao Sagrado Coração de Jesus, ao Santíssimo Sacramento do altar, à Via-sacra, a Nossa Senhora, a S. José, aos anjos, aos santos e às relíquias dos santos. Dedicou diversas casas e missões aos anjos e aos santos. Visitou também os lugares santos, em peregrinação. O que mais nos admira é que Arnaldo, apesar de estar muito sobrecarregado de trabalho, sempre teve tempo para estar com Deus, em oração, e

---

<sup>104</sup> *Ib.* p. 162.

<sup>105</sup> *Ib.* p. 162.

<sup>106</sup> *Ib.* p. 163.

<sup>107</sup> *Ib.* p. 163.

cultivar todas estas devoções. Isto reflete claramente que Arnaldo viveu para Deus, por completo.

Desde o início, Arnaldo teve a preocupação de guiar e orientar, da melhor forma possível, os membros da sua Congregação. Por isso se dedicou a dar conferências, recoleções e retiros aos seus membros, sobre diversos temas relacionados com a vida da Congregação. Aproveitou “as festas litúrgicas para falar dos mistérios da fé; nas festas dos santos utilizou exemplos concretos da vivência cristã, e durante retiros e recoleções incentivou os seus membros para fazerem a revisão da sua vocação e da vida pessoal.”<sup>108</sup> Desde cedo, Arnaldo sentiu como:

“seu primeiro dever cuidar do crescimento espiritual, a alma da casa. Uma Congregação só pode ser efetiva quando está imbuída de bom espírito; só então se pode esperar bênçãos do céu e depois partilhá-las com os outros. Por este motivo, eu coloquei grande valor nos retiros, recoleções e conferências, e continuei, com grande esforço, a dar tudo que podia nessa linha. Isso não era uma tarefa fácil, porque no início não tinha temas claros. Sempre fixei datas e tempo para um ou dois dias de recoleções, antes que tivesse bem claro o tema que eu deveria tratar. Eu só sabia que um exercício espiritual seria uma coisa boa. Depois, dependendo da graça de Deus, encontrei pensamentos, que poderia apresentar e que iria promover, efetivamente, a formação espiritual dos membros da casa. Desde cedo, Arnaldo também compreendeu, e ficou convencido disso, que um superior deve ser alguém que incentiva e motiva os seus confrades para o crescimento espiritual e formação, ajudando-os a participar nas recoleções, retiros e conferências. Por isso, procurou juntar material e tirar boas notas das conferências ou discursos que ouvia de outros pregadores dos retiros ou conferencistas. Deste modo, um dia pediu ao P. Inácio Jeiler as suas notas e conferências sobre a vida religiosa.”<sup>109</sup>

Arnaldo incentivou, regularmente, os superiores das suas missões a orientar retiros, recoleções e conferências aos confrades nas missões. Chegou a definir:

“a tarefa mais importante dum superior, especialmente aquele que tem de construir de base, é a boa formação dos confrades. Para isso, há necessidade de frequentes recoleções. Assim, motivou o P. José Freinademetz na sua missão, na China. Não pense: «Será que vou encontrar material bastante bom?» Só deve fixar o tempo das

---

<sup>108</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 726.

<sup>109</sup> *Ib.* p. 727.



conferências e o Espírito Santo ajudá-lo-á a encontrar algo útil e adequado. Esta tem sido a minha experiência em inúmeras ocasiões.”<sup>110</sup>

Arnaldo também procurou incentivar os superiores das missões a cuidar dos confrades mais novos e dos irmãos leigos, de modo especial. A respeito dos irmãos leigos dizia: “Tenho considerado isto sempre como um dos meus deveres mais importantes. Por isso, em cada domingo quase preguei três sermões ou fiz três conferências espirituais: uma para os irmãos e irmãs, depois mais duas durante a semana e, adicionalmente, o retiro anual para os nossos sacerdotes.”<sup>111</sup> Sempre sentiu a necessidade de orientar conferências regulares relacionadas com a formação sobre a vida religiosa e novos métodos de evangelização, no território missionário.

No III Capítulo Geral foram apresentadas uma série de regras para assegurar orientações religiosas regulares para os membros. Para perceber a sua importância, transcrevemos aqui uma dessas regras:

“Para manter o bom espírito dos confrades, é muito importante que eles sejam instruídos por bons sermões e conferências, e por outros meios, e sejam advertidos para viverem melhor. Devem ser os próprios superiores a fazer isso, da melhor maneira possível, ou com a ajuda de um sacerdote que tenha um perfil adequado para tal missão.”<sup>112</sup>

Há que cuidar bem dos tempos litúrgicos para fazer retiros e conferências e dar importância ao retiro anual (oito dias). Os sacerdotes devem ter um dia completo, cada mês, para a sua renovação pessoal e espiritual. Devem aproveitar, da melhor maneira, a preparação para os votos perpétuos, dando conferências e fazendo retiros. Arnaldo também insistiu em que cada território de missão devia ter uma casa central para os confrades se juntarem e fazerem retiros, coleções e conferências. Arnaldo, igualmente orientou os seus membros para os sacramentos da confissão e da sagrada comunhão. Assim, aconselhou-os e incentivou-os à confissão regular, uma vez por semana, e frequente receção da sagrada comunhão, conforme o conselho do confessor. Tudo isto revela a grande faceta espiritual e pastoral da sua pessoa. No fundo, “ele quis ser pastor dos seus próprios membros ou, como pôs muitas vezes nas suas cartas, quis ser seu «pai

---

<sup>110</sup> *Ib.* p. 727.

<sup>111</sup> *Ib.* p. 728.

<sup>112</sup> *Ib.* p. 728.

espiritual». Sentiu-se responsável pela sua salvação e santificação e quis fazer a sua parte.”<sup>113</sup>

Arnaldo procurou dar uma especial atenção aos neo-sacerdotes. Por isso, dava conferências regularmente, aos neo-sacerdotes, tratando diversos temas. Estas conferências de Arnaldo tinham o título de *Collegium Praticum*. Os temas estavam relacionados com o comportamento sacerdotal, trabalho na Europa e nas missões, relacionamento com os irmãos leigos, com os superiores ou súbditos, com os confrades ou com os de fora, estudos, administração dos bens, etc. Muitas vezes as conferências estavam carregadas de advertências e correções fraternas. Incentivava os novos sacerdotes a aprofundar os seus conhecimentos e estudos na área da geologia, astronomia, medicina, matemática, sociologia, música, etc. Também deu instruções sobre o tema da humildade, como celebrar missa, como se deve estar durante a missa, como comportar-se no confessionário, nas férias, como relacionar-se com os pais e familiares, etc. Já com idade avançada, Arnaldo dizia assim aos sacerdotes mais novos:

“O Senhor Deus fez-me pai espiritual da Congregação do Verbo Divino. Até agora posso dizer que Ele abençoou o meu trabalho. Por isso, como filhos da Congregação, vão seguir a vontade de Deus quando escutam humildemente aquilo que tenho para vos dizer. Cada planta tem de tomar raízes na terra e absorver o alimento necessário daí. O jardim em que Deus vos plantou é a Congregação do Verbo Divino. Assim, devem encontrar a energia espiritual dela. Continuem a ser membros fiéis e vivam segundo o seu espírito (...).”<sup>114</sup>

Assim instruiu e animou todos os membros da Congregação do Verbo Divino. Neste capítulo, procurámos conhecer de perto a origem e a pessoa de Arnaldo Janssen. Tudo o que aconteceu na sua pessoa e tudo o que ele foi realizando ao longo da sua vida. Chegámos ao conhecimento da sua vida de oração, das suas devoções e de alguns dos seus escritos. No segundo capítulo vamos procurar aprofundar a sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus, todo o seu envolvimento apaixonante ao Sagrado Coração de Jesus como a fonte inesgotável da sua vida.

---

<sup>113</sup> *Ib.* p. 732.

<sup>114</sup> *Ib.* pp. 820-821.

## CAPÍTULO 2

### **A devoção ao Sagrado Coração, na vida de Arnaldo**

Vou procurar aprofundar em três pontos este capítulo dedicado à devoção ao Sagrado Coração, na vida de Arnaldo. Primeiro, procurarei dar a conhecer toda a história da devoção: quem, onde, quando e como começou toda esta devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Segundo, como começou esta devoção em Arnaldo e porque ele a viveu e como a viveu, e ainda quais foram as suas consequências na vida deste homem. Terceiro, darei a conhecer toda a herança de Arnaldo sobre o Sagrado Coração de Jesus. Tudo começou a mudar na vida de Arnaldo a partir do início do trabalho do Apostolado de Oração. Aos poucos foi-se adentrando no Sagrado Coração de Jesus, fonte e tesouro de todas as graças. É aqui que Arnaldo encontra tudo o que é necessário para a sua vida pessoal e para tudo o que procura fazer ao longo da sua vida.

#### **2.1. Passos da devoção ao Sagrado Coração**

Quando abrimos a Sagrada Escritura, sobretudo o Novo Testamento, percebemos que o grande e o primeiro impulsionador e iniciador desta “grande devoção é S. João,”<sup>115</sup> o quarto evangelista. É ele que nos revela e apresenta o grande tesouro do Sagrado Coração de Jesus. Desde o início, é João que nos fala do Verbo da Vida, «o Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai» (Jo 1,18b). João revela-nos do seguinte modo o Sagrado Coração: a lança que abre o peito do Senhor crucificado (Jo 19,31-37), o Coração trespassado do Senhor, o convite a S. Tomé para meter a sua mão no lado aberto do Senhor para ser homem crente e contemplativo (Jo 20,26-29), com confiança, o discípulo predileto reclina a sua cabeça sobre o peito do Senhor (Jo 13,25). Por fim, é um convite para olhar (Ap 1,7), para ser contemplativo e dar testemunho do lado aberto do Senhor (Jo 19,35). Ao olhar e contemplar o Sagrado Coração de Jesus, cada um é convidado a conhecer e contemplar o coração do Pai, que é cheio de ternura, de compaixão e misericórdia para com os seus filhos. Assim, desde sempre, a Igreja compreendeu as grandes riquezas do Sagrado Coração de Jesus. E desde cedo muitos santos padres tiveram uma atenção muito especial ao Coração trespassado do Senhor. E

---

<sup>115</sup> P. D. PEDROSO, S.J., *Acreditar no Amor*, Editorial A. O., Braga, 2003, p. 30.

falaram dele eloquentemente, convidando para uma devoção especial ao Sagrado Coração. Os santos padres viram no Coração trespassado, através dos textos bíblicos, como estes (Jo 7,37-38; Jo 19, 31-37) e outros, o grande tesouro, a grande fonte de todos os dons e graças da Igreja nascente.

Os que se destacaram mais nesta devoção foram: “Clemente de Alexandria, Leão Magno e João Crisóstomo, que fizeram uma referência especial ao lado aberto do Senhor.”<sup>116</sup>

### **2.1.1. Desde o séc. XII até ao séc. XVII**

A devoção, a sério, ao Sagrado Coração começou a ganhar mais força a partir do séc. XII. Neste século destacaram-se homens e mulheres como estes: Anselmo de Canterbury, S. Bernardo de Claraval, Guilherme de Saint Thierry, Ricardo de S. Vítor, Rupert de Deuz, abade Pierre de Celles, santa Hildegarda, abadessa beneditina Rilindis, etc. Olharam, refletiram e contemplaram profundamente o coração aberto do Senhor. Registamos aqui três pequenos textos dos três grandes homens que descobriram o grande tesouro do Coração aberto do Senhor. O primeiro é Anselmo de Canterbury que nos diz assim do Coração de Jesus:

“«A abertura do lado de Cristo revela-nos a riqueza do seu amor e do seu Coração para nós». Além disso, por meio do mistério da Paixão abre-nos o caminho até ao centro de Cristo, através do seu lado. De tal experiência nasce o rogo de que o próprio coração seja trespassado pela Palavra.”<sup>117</sup>

O segundo é S. Bernardo que, por sua vez, ao comentar o Cântico dos Cânticos, nos diz a respeito do Coração de Cristo:

“A lança, penetrando a sua carne sagrada, converte-se para mim numa chave que abre; revela-me a intenção do Senhor (...). A ferida grita-me que, em Cristo, é Deus quem reconcilia o mundo (...). A lança atravessou a sua alma; teve acesso ao seu coração, a fim de que saiba agora partilhar as nossas debilidades. O segredo do seu coração ficou a

---

<sup>116</sup> *Ib.* p. 30.

<sup>117</sup> N. MARTÍNEZ-GAYOL (dir.), *Retorno de Amor. Teología, historia y espiritualidad de la reparación*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2008, p. 136.

descoberto pelas aberturas do seu corpo; descoberto esse grande sacramento de bondade, as entranhas misericordiosas do nosso Deus (...). Tem algo mais que ver fora das suas feridas? E por onde poderíamos ver mais claramente, Senhor – a não ser pelas vossas feridas - que sois cheio de bondade e mansidão e abundante misericórdia?”<sup>118</sup>

Ainda mais, “por outro lado, S. Bernardo descobre este coração adorável na eucaristia.”<sup>119</sup>

O terceiro é Guilherme de Saint Thierry, que assim se expressa sobre o lado aberto do Senhor:

“Pela porta aberta do vosso lado, queremos entrar por inteiro até ao vosso coração, essa sede segura da misericórdia; queremos penetrar em vossa alma santa, cheia com a plenitude de Deus, cheia de graça e de verdade e fonte de salvação e de consolo. Abri, Senhor, a porta feita no lado de vossa arca (...). Felizes aqueles a quem aceitais os vossos santos ósculos; felizes aqueles, a quem encerrais no vosso coração, como num santuário escondido! Ao aproximar-me à feliz ferida do lado, a essa porta aberta no lado da arca, não somente meterei o dedo e a mão, mas penetrarei todo inteiro até mesmo ao Coração de Cristo.”<sup>120</sup>

No séc. XIII encontramos “um duplo movimento de grande interesse: o protagonismo da ideia da «troca dos corações» e a eclosão da «vida religiosa apostólica».”<sup>121</sup> Destacaram-se neste século santas mulheres e santos homens como: Lutgarda, Matilde, Gertrudes, Margarida de Cortona, Ângela de Foligno; da escola Franciscana: Francisco de Assis, Boaventura, etc.; da escola dominicana: Alberto Magno, Mestre Eckhart, João Tauler, Henrique Suso (no final do séc XIII e início do XIV), etc. Neste século, estas santas mulheres mencionadas aqui e outras como monjas e beguinas tiveram um papel muito importante. É nesta altura que “as mulheres começam a tomar a palavra para pregar, escrever ou ditar as suas revelações.” O principal contributo delas consistiu em reformar uma Igreja destruída e ferida pelos cismas, a simonia, a secagem (dessecamento) intelectual, a falta de radicalidade e os abusos de toda a ordem.”<sup>122</sup>

---

<sup>118</sup> *Ib.* p. 137.

<sup>119</sup> *Ib.* p. 137.

<sup>120</sup> *Ib.* p. 138.

<sup>121</sup> *Ib.* p. 142.

<sup>122</sup> *Ib.* p. 143.

Nesta época, pela primeira vez, aparece a revelação do Sagrado Coração. Lutgarda de Saint-Trond, é a “primeira confidente do Coração de Jesus.”<sup>123</sup> É ela que recebe a grande revelação em que, “além da troca dos corações, na revelação, o Senhor lhe propõe o seu Coração como modelo do seu amor, e lhe pede que faça penitência, oferecendo-se pelos pecadores e para aplacar a cólera divina.”<sup>124</sup>

Entre os homens santos, recordemos S. Francisco de Assis, que “teve uma grande devoção às cinco chagas de Cristo, especialmente à chaga do seu lado”<sup>125</sup> e veio a receber as cinco chagas do Senhor. Francisco de Assis fundou a Ordem e a Família Franciscana. Entre os franciscanos, depois de S. Francisco, destacou-se S. Boaventura; “pela sua profunda devoção à Paixão, converteu-se em «heraldo do mistério do Coração de Cristo.”<sup>126</sup> Ele nos “mostra que o amor ardente do Crucificado é como a única via para o Pai, e este amor aperfeiçoa-se numa comunhão sincera de corações.”<sup>127</sup> Dum modo geral, a espiritualidade franciscana dedica grande devoção ao Sagrado Coração e à Paixão do Senhor. Dentro da «escola franciscana», podemos destacar uma mulher, Ângela de Foligno, da terceira ordem franciscana, que se tornou “a grande confidente do Sagrado Coração de Jesus.”<sup>128</sup>

Nesta mesma época, também a escola dominicana deu o seu grande contributo para a divulgação da devoção ao Sagrado Coração.

“A nota peculiar que caracteriza e identifica o seu modo de se aproximar do Coração de Jesus, provém da sua capacidade para combinar o misticismo da Paixão com uma profunda veneração à eucaristia. Os seus escritos, sermões e pregações giram em volta desse único centro que é o mistério do Coração, ao qual se acede a partir de duas fontes: a eucaristia e a paixão.”<sup>129</sup>

Um dos grandes homens desta escola é S. Alberto Magno, que focou bem os dons preciosos do Coração aberto. Diz ele:

---

<sup>123</sup> *Ib.* p. 145.

<sup>124</sup> J. L. de URRUTIA, S.J., *Espiritualidad del Corazón de Jesus Hoy*, Instituto Politécnico Salesianos, Madrid, 1986, p. 20.

<sup>125</sup> N. MARTÍNEZ-GAYOL (dir.), o. c., p. 148.

<sup>126</sup> *Ib.* p. 148.

<sup>127</sup> *Ib.* p. 148.

<sup>128</sup> *Ib.* p. 148.

<sup>129</sup> *Ib.* pp. 160-161.

“Na cruz, Cristo uniu-se à Igreja de três maneiras: pelo seu sangue, abrindo os braços para abraçar a sua esposa com amor terno; depois da sua morte, pela abertura do seu lado, da qual nasceu a Igreja, e pelos mistérios maiores do sangue da redenção e da água da regeneração. Sofreu a chaga do lado para que não nos cansássemos de meditar sobre o seu coração.”<sup>130</sup>

Apesar dos momentos difíceis da Igreja dos séculos XIV e XV, o Sagrado Coração ganhou dimensão universal e pública, nessa época. Houve momentos fortes como: “o Cisma do Ocidente, as lutas entre João XXII e Luís de Baviera, e a presença dos Irmãos do espírito livre.”<sup>131</sup> Ainda assim, nessa altura “multiplicaram-se as confrarias do Corpo de Cristo, com a finalidade de assegurar a devida reverência ao santo sacramento, especialmente quando é levado aos enfermos ou nas procissões.”<sup>132</sup> “Até ao século XV, repetiram-se as diversas réplicas da devoção ao Sagrado Coração na Alemanha e na Itália, principalmente entre os franciscanos, dominicanos, cartuxos e cónegos de Windesheim.”<sup>133</sup> Houve mulheres santas da ordem dominicana que apareceram nesta época dando um grande impulso à devoção ao Sagrado Coração. Entre outras, menciono: Margarida Ebner, Cristina Ebner, Adelaida Langmann, Catarina de Sena. De Catarina de Sena conta-se: “aparecia-lhe com frequência, rezava com ela o Breviário, e deu-lhe Ele mesmo a sagrada comunhão, bem como lhe deu a beber do seu próprio lado.”<sup>134</sup> Pela devoção ao Sagrado Coração, “Catarina deseja ser utilizada para a salvação da Igreja e do mundo. A sua missão apostólica tem como primeira característica o amor aos pobres, e como segunda o forte amor aos pecadores, por cuja conversão está disposta a sofrer e a entregar-se.”<sup>135</sup>

Agora entramos no século XVI. É o século que “assistiu ao rasgamento da Cristandade e contemplou que a dita ferida estendia-se, não só ao calor das disputas religiosas, mas também aos interesses políticos e aos conflitos socioeconómicos.”<sup>136</sup> Mas, ao mesmo tempo, este século foi o século de ouro, em Espanha. Surgiram, nesta época, grandes santos, homens e mulheres, como: Francisco de Osuna, Santo Inácio de Loiola, S. João

---

<sup>130</sup> *Ib.* p. 161.

<sup>131</sup> *Ib.* p. 168.

<sup>132</sup> *Ib.* p. 168.

<sup>133</sup> J. L. de URRUTIA, S.J., o. c., p. 22.

<sup>134</sup> N. M. GAYOL (dir.), o. c., p. 171.

<sup>135</sup> *Ib.* pp. 172-173.

<sup>136</sup> *Ib.* p. 200.

de Ávila, Santa Teresa de Ávila, S. João de Cruz, S. Pedro Fabro, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja. Apareceram como grandes focos de luz para renovar e iluminar espiritualmente, todo o mundo. Cada um contribuiu, à sua maneira, com um cunho pessoal, para o bem espiritual de toda a Igreja. Também foram muito importantes neste século: S. Pedro Canísio (na Alemanha) e Santa Maria Magdalena de Pazzi (na Itália). Pedro Canísio fala-nos do seguinte modo, sobre a profundidade do Coração de Cristo: “pois não sabemos considerar o que Cristo padeceu por nós interior e exteriormente; não sabemos fazer nosso ninho nas fendas da rocha, e por isso também não tiramos água das fontes do Salvador.”<sup>137</sup> Por sua vez, santa Maria Magdalena de Pazzi, deixa-nos um belo texto sobre o Sagrado Coração de Cristo, onde se lê:

“Logo, Jesus, acariciando-me docemente como a uma nova esposa, uniu-me intimamente a Si, encerrando-me no seu Lado, onde experimentava um suavíssimo repouso.

Vi logo Jesus à direita do Pai, formoso e amável, mostrando as suas cinco Chagas à maneira de belíssimos tálamos ou aposentos, cheios de jóias preciosas, maiormente a do sacratíssimo Lado, e nelas havia toda a sorte de pessoas. Ainda assim, pareceu-me que a do Lado estava feito só para as suas esposas, que somos nós, as religiosas (...). Eu estava no Santo Lado (...). Eu não fazia nada, (...) permanecia ali, repousando muito suavemente no Esposo.”<sup>138</sup>

Com este testemunho, já estamos no séc. XVII, no qual apareceram grandes homens e mulheres, sobretudo em França. Assim: S. Francisco de Sales, Pedro Bérulhe, Jean-Jacques Olier, S. João Eudes, Santa Margarida Maria Alacoque, S. Cláudio La Colombière, etc. Estes “deram uma nova dimensão à devoção ao Sagrado Coração de Jesus.”<sup>139</sup> S. Francisco de Sales, ao fundar com santa Joana de Chantal a Ordem da Visitação, “consagra a sua Ordem ao Coração do Redentor, chama às suas religiosas «as filhas do Coração de Jesus».”<sup>140</sup> S. João Eudes, por sua vez, “ao fundar a Congregação de Jesus e Maria, promove a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, vinculando-a à do coração admirável de Maria. Para Eudes, o coração significa o princípio atuante e unificador das pessoas divinas, de modo que o seu pensamento desenvolve-se numa

---

<sup>137</sup> *Ib.* p. 204.

<sup>138</sup> *Ib.* pp. 204-205.

<sup>139</sup> P. D. PEDROSO, S.J., o. c., p. 32.

<sup>140</sup> *Ib.* p. 32.



perspetiva trinitária.”<sup>141</sup> Eudes também “compôs um Ofício (Liturgia das Horas) e uma Missa em honra do Sagrado Coração de Jesus, que foram celebrados pela primeira vez em localidades de França, a 20 de setembro de 1672.”<sup>142</sup>

Santa Margarida Maria Alacoque, sem dúvida, foi a grande confidente do Sagrado Coração. Foi ela a “escolhida por Deus para dar a conhecer e fazer propagar no mundo a devoção ao Coração de Jesus, ajudada, em primeiro lugar, pelo seu confessor, o jesuíta S. Cláudio La Colombière, também ele grande escritor e pregador acerca da devoção ao Coração de Jesus”<sup>143</sup>. Ela foi convidada pessoalmente a reparar o Sacratíssimo Coração de Jesus e teve várias revelações do Coração trespassado. Em certa altura,

“Durante o mês de junho de 1675, na oitava do Corpus, ela experimenta o que se conhece como «grande revelação», que recorda deste modo na sua autobiografia: «Estando em certa ocasião em presença do santíssimo sacramento durante a sua oitava, recebi de Deus graças superabundantes do seu amor, e sentindo-me movida pelo desejo de lhe corresponder em algo e render-lhe amor por amor, disse-me: «Não podes dar-me maior prova que a de fazer o que já tantas vezes te pedi». Então, descobrindo seu coração divino, disse-me: Eis aqui este coração, que tem amado tanto os homens, que perdoou até se esgotar e se consumir para lhes demonstrar o seu amor, e em reconhecimento não recebo nada da maior parte a não ser ingratidão, por suas irreverências e seus sacrilégios, pela frialdade e desprezo com que me tratam neste sacramento de amor. Mas o que me é ainda muito mais sensível é que são os corações que me estão consagrados que me tratam assim! Por isto te peço que seja dedicada a primeira sexta-feira, depois da oitava do santíssimo sacramento, a uma festa particular para honrar o Meu Coração, comungando nesse dia e reparando sua honra por meio dum oferecimento respeitoso, a fim de expiar as injúrias que tem recebido durante o tempo que tem estado exposto nos altares. Prometo-te também que o Meu Coração se dilatará para derramar com abundância as influências do seu amor divino sobre os que lhe rendam esta honra e os que procurem que lhes seja tributado».”<sup>144</sup>

Sem dúvida ela deu um grande impulso à devoção ao Sagrado Coração de Jesus, com particular destaque para a espiritualidade da reparação.

---

<sup>141</sup> N. MARTÍNEZ-GAYOL (dir.), o. c., p. 221.

<sup>142</sup> P. D. PEDROSO, S.J., o. c., p. 32.

<sup>143</sup> *Ib.*, p. 32.

<sup>144</sup> N. MARTÍNEZ-GAYOL (dir.), o. c., p. 234.

### 2.1.2. Desde o séc. XVIII até à atualidade

O séc. XVIII também se destacou pela espiritualidade reparadora. Surgiram grandes homens, grandes mulheres, grandes famílias religiosas.

“As congregações eudistas; cartuxos; santa Verónica Giuliani, abadessa das clarissas de Città di Castello; S. Paulo da Cruz, fundador dos passionistas; as «matildianas» ou beneditinas do Santíssimo Sacramento, que levaram a adoração perpétua à Polónia e a difundiram em confrarias e livros; a Ordem da Visitação e as Ursulinas, também difusoras das confrarias do Sagrado Coração e de celebrações de amende honrável; Luís Maria Grignon de Montfort, em sua atividade missionária; os jesuítas, vinculados ao legado de La Colombière, e os redentoristas, fundados por Afonso Maria de Ligório.”<sup>145</sup>

O século XIX foi o século em que apareceram

“muitas congregações dedicadas ao ensino que imprimiram na educação o espírito reparador. Algumas delas: a Congregação do Sagrado Coração de Jesus e Maria, fundada em 1821, por André Coindre, em Lyon; a Congregação de Santa Clotilde, criada também em 1821, por Antoinette Aubry Desfontaines e o P. Rauzan, que insere a adoração perpétua num projeto educativo ao serviço da recristianização da França pós-revolucionária; a Sociedade do Sagrado Coração (num tempo conhecidas como Damas do Sagrado Coração, hoje Religiosas do Sagrado Coração), fundada em 1800, por Magdalena Sofia Barat, com um sentido inaciano da *redamatio*.”<sup>146</sup>

Também “surgiram associações reparadoras vinculadas a um maior dinamismo missionário e social da Igreja deste tempo.”<sup>147</sup> Um exemplo desta época:

“a jovem Paulina Jaricot penetrou nos ambientes das operárias de Lyon da revolução industrial, associando-as num movimento de Reparadoras, centrado na adoração ao Santíssimo e logo vinculado à ajuda às missões estrangeiras. Deste movimento laical feminino nasce a Associação para a Propagação da Fé (1822), que tropeçou com as

---

<sup>145</sup> *Ib.* p. 238.

<sup>146</sup> *Ib.* p. 241.

<sup>147</sup> *Ib.* p. 241.

tendências clericais, e que um século mais tarde se transformaria nas Obras Missionárias Pontifícias.”<sup>148</sup>

Paulina Jaricot deu um grande contributo à Igreja, com a sua associação. Além da adoração reparadora na hora santa e contributo missionário, “difundiu a reza do rosário, chamado «rosário vivo», com a criação de grupos que se comprometiam a esta reza como modo de intercessão.”<sup>149</sup>

Neste século, além das muitas Congregações que surgiram, também apareceram com força grandes práticas devocionais, como por exemplo: “exercícios da primeira sexta-feira, horas santas, meses do Sagrado Coração, retiros, meditações da Paixão.”<sup>150</sup> E nesta altura, na França, também foi:

“Fundado o Apostolado de Oração, em 1844, pelo P. Gautrelet para os estudantes jesuítas e que logo alcançou uma grande difusão ao reorganizá-lo e abri-lo aos fiéis, pela mão do P. Henri Ramière, em 1861, ao denominá-lo: «O Mensageiro do Coração de Jesus», que procura a propagação do «Reino social de Cristo».”<sup>151</sup>

Este é o período em que o Papa “Pio IX estabeleceu para a Igreja universal a festa do Sagrado Coração de Jesus.”<sup>152</sup> Houve também a “beatificação de Margarida Maria Alacoque (1864).”<sup>153</sup> No final deste século, o Papa Leão XIII escreveu a encíclica *Annum sacrum* (1899), sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Na mesma altura, a pedido da “beata Maria do Divino Coração, instrumento escolhido por Deus”<sup>154</sup>, o Papa Leão XIII anunciou a “consagração de todo o género humano ao Sagrado Coração de Jesus, que se celebrará em todas as Igrejas principais nos dias 9-11 de junho desse ano, com rogativas, com a reza das ladainhas e uma fórmula de consagração.”<sup>155</sup>

Assim entramos no séc. XX, século de duas grandes guerras mundiais. Neste período, dois Papas publicaram encíclicas. O Papa Pio XI publicou a encíclica *Miserentissimus*

---

<sup>148</sup> *Ib.* pp. 241-242.

<sup>149</sup> *Ib.* p. 242.

<sup>150</sup> *Ib.* p. 242.

<sup>151</sup> *Ib.* p. 242.

<sup>152</sup> *Ib.* p. 242.

<sup>153</sup> *Ib.* p. 242.

<sup>154</sup> P. D. PEDROSO, S.J., o. c., p. 32.

<sup>155</sup> N. M. GAYOL (dir.), o. c., p. 243.

*Redemptor*, no ano 1928. A sua encíclica acentua o aspeto “da expiação que todos devem ao Sagrado Coração de Jesus.”<sup>156</sup> Pio XI ainda chegou a:

“distinguir entre a consagração, cujo fim principal é «devolver amor por amor» - quer dizer, a *redamatio*, expressa na atuação de Leão XIII – e o dever da reparação, que descreve em termos de compensação pela injustiça. Ao separar ambos os aspetos, a reparação fica reduzida a dever, a qual se explica por dois motivos: «Com mais urgente título de justiça e amor estamos obrigados ao dever de reparar e expiar: de justiça, enquanto à expiação da ofensa feita a Deus por nossas culpas e enquanto à reintegração da ordem violada; de amor, enquanto a padecer com Cristo paciente e «saturado de opróbrio» e, segundo a nossa pobreza, oferecer-lhe algum consolo».”<sup>157</sup>

Mais adiante, o Papa Pio XII, “na celebração do centenário da extensão da festa do Sagrado Coração a toda a Igreja (1956), escreve a grande Encíclica *Haurietis Aquas*, na qual resume, de maneira mais profunda, o mais importante da doutrina sobre esta devoção.”<sup>158</sup> Esta encíclica é mais longa que as encíclicas anteriores dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus. Tem setenta e seis pontos e está dividida em cinco partes. Apresenta-nos, com clareza, as fontes do culto ao Sacratíssimo Coração de Jesus. Encontramos essas fontes “na Bíblia, nos Santos Padres e nos teólogos, princípios nos quais, como em sólidos fundamentos, se apoia o culto ao Sacratíssimo Coração de Jesus.”<sup>159</sup> Afirma Pio XII:

“na Sagrada Escritura nunca se fala explicitamente de um culto de especial veneração e amor tributados ao Coração físico do Verbo encarnado, como símbolo da sua ardentíssima caridade. Mas isto, que devemos reconhecer sem rodeios, não nos deve admirar, nem de modo algum levar-nos a duvidar de que a caridade divina para conosco, razão principal deste culto, é exaltada tanto no Antigo como no Novo Testamento com imagens sumamente comovedoras. E, por se encontrarem nos livros sagrados que prediziam a vinda do Filho de Deus feito homem, podem-se considerar como um prenúncio daquilo que havia de ser o símbolo e o sinal mais nobre da caridade divina, a saber: o Coração Sacratíssimo e adorável do divino Redentor (nº. 13).”<sup>160</sup>

---

<sup>156</sup> *Ib.* p. 244.

<sup>157</sup> *Ib.* pp. 245-246.

<sup>158</sup> A. J. COELHO, S.J., (Org), *Documentos da Igreja Sobre o Coração de Jesus*, Editorial A. O. Braga, 2004, p. 58.

<sup>159</sup> *Ib.* p. 63.

<sup>160</sup> *Ib.* p. 65.

Assim, nesta encíclica, pela sua reflexão à luz do Evangelho, o Papa Pio XII vem reforçar:

“Que este culto é, na sua essência, o culto ao amor divino e humano do Verbo encarnado, e, ao mesmo tempo, o culto ao amor com que o Pai celeste e o Espírito Santo amam os homens pecadores. Porque, como observa o Doutor Angélico, a caridade das três Pessoas divinas é o princípio da redenção humana, já que, transbordando copiosamente sobre a vontade humana de Jesus Cristo e o seu Coração adorável, O levou a derramar o seu sangue para nos resgatar da escravidão do pecado.”<sup>161</sup>

Deste modo, o Papa clarifica nesta encíclica que

“não se pode dizer nem que este culto deve a sua origem a revelações particulares, nem que apareceu de improviso na Igreja, mas sim que brotou espontaneamente da fé viva e da piedade fervorosa com que homens e mulheres, favorecidos de dons celestes, se sentiram impelidos a adorar as suas gloriosas chagas, testemunhos do seu amor imenso que comovem intimamente os corações.”<sup>162</sup>

Assim, percebemos

“Que as revelações com que foi favorecida Santa Margarida Maria não acrescentaram nada de novo à doutrina católica. A importância destas aparições consiste em que Cristo quis mostrar o seu Coração Sacratíssimo para chamar, de modo extraordinário e singular, a nossa atenção para a contemplação e a veneração do amor misericordioso de Deus para com o género humano.”<sup>163</sup>

O Apostolado de Oração, desde o seu início, com grande zelo promoveu e divulgou a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Com a ajuda desta iniciativa se consagraram “famílias, colégios, instituições e até algumas nações (nº 9).”<sup>164</sup> Por esse motivo, o Papa Pio XII em diversas ocasiões dirigiu mensagens radiofónicas a diversas nações: Argentina (1945), Espanha (1945) e Portugal (Braga, 1957). Mais adiante o Papa S.

---

<sup>161</sup> *Ib.* p. 85.

<sup>162</sup> *Ib.* p. 87.

<sup>163</sup> *Ib.* p. 87.

<sup>164</sup> *Ib.* p. 63.

João XXIII, depois de iniciar o Concílio Vaticano II, na primeira audiência geral, no dia 17 de outubro de 1962, referiu:

“A memória luminosa de Santa Margarida Maria Alacoque, que acolheu e difundiu o testemunho do Sacratíssimo Coração de Jesus. Foi uma nova luz, uma chama de vida acesa pelo Senhor para eliminar providencialmente a tibieza dos tempos, pôr novamente diante dos olhos dos homens a realidade do infinito amor de Jesus Cristo para conosco, e iniciar assim uma nova era de alegria para todas as almas.”<sup>165</sup>

Também encontramos um pequeno testemunho do Papa João XXIII, no seu diário íntimo, que nos diz assim:

“A devoção ao Sagrado Coração acompanhou-me toda a vida... Ainda recém-nascido, minha mãe consagrou-me ao Sagrado Coração... No Coração de Jesus devo encontrar a solução para todas as minhas dificuldades... O meu desejo mais ardente é fazer algo por este inestimável objeto de amor... Quero que a minha devoção a Ele seja o termómetro de todo o meu progresso espiritual.”<sup>166</sup>

O Papa Paulo VI, por sua vez, em 1965 escreveu a Carta Apostólica *Investigabiles Divitias Christi* (As insondáveis riquezas de Cristo: Ef 3,8). Escreveu esta carta “por ocasião do segundo centenário da instituição da festa litúrgica do Sagrado Coração (Clemente XIII, 1765). Nela, o Papa impulsiona esta devoção como meio apropriado para aprofundar a riqueza do amor divino e configurar a vida segundo o Evangelho.”<sup>167</sup>

O Papa Paulo VI escreveu mais duas cartas no mesmo ano de 1965: uma carta ao IV Congresso Nacional Português do Apostolado de Oração e outra Carta Apostólica, *Diserti Interpretes*, sobre o culto ao Sagrado Coração de Jesus, dirigida “aos Padres Gerais de seis Congregações que, pelo próprio nome ou pelo seu carisma, têm relação com o Coração de Jesus.”<sup>168</sup> Também fez referência no Angelus e na Audiência Geral. Disse numa Audiência Geral:

“Jesus é o homem bom por excelência, e por isso desceu ao nível mais baixo da escala humana: fez-Se criança, fez-Se pobre, fez-Se paciente, fez-Se vítima, para que nenhum

---

<sup>165</sup> *Ib.* p. 108.

<sup>166</sup> *Ib.* p. 110.

<sup>167</sup> N. MARTÍNEZ-GAYOL (dir.), o. c., p. 250.

<sup>168</sup> A. J. COELHO, S.J., (Org), o. c., p. 118.

dos seus irmãos O pudesse ver como superior ou longínquo. Pôs-Se aos pés de todos: Ele é para todos, é de todos e de cada um de nós em particular. É S. Paulo que diz: «Ele amou-me e entregou-Se por mim» (Gal 2,20).<sup>169</sup>

Por sua vez, o Papa S. João Paulo II, no seu longo papado, escreveu e falou eloquentemente em diversas ocasiões sobre o Sagrado Coração de Jesus. Publicou duas cartas encíclicas: *Redemptor Hominis* (1979) e *Dives In Misericordia* (1980). Muitas vezes, em discursos, homilias, audiências gerais e oração do Angelus, proferiu palavras preciosas sobre o Sagrado Coração de Jesus. Numa Audiência Geral proferida no dia 20 de junho de 1979, sobre a passagem de S. João (19, 31-34), deixou-nos este belo testemunho:

“Mas, ao mesmo tempo, esta abertura anatómica do Coração de Cristo, depois da morte (apesar de toda a crueza histórica do texto), leva-nos a pensar também a nível de metáfora. O coração não é simplesmente um órgão que condiciona a vitalidade biológica do homem; o coração é um símbolo, fala de todo o homem interior, fala da espiritualidade interior do homem (...). Na realidade, assim olha a Igreja, assim olha a humanidade. E de facto, todas as gerações de cristãos aprenderam a ver no Trespasado pela lança do soldado, o mistério do coração do Homem Crucificado, que era o filho de Deus.”<sup>170</sup>

Mais adiante, disse ainda: “O Coração do Homem-Deus não julga os corações humanos. O Coração chama. O Coração convida. Para isto foi aberto pela lança do soldado.”<sup>171</sup>

Chegamos ao Papa Bento XVI. Também ele escreveu duas encíclicas: *Deus caritas est* (2006) e *Spe Salvi* (2007). Nelas nos descreve eloquentemente o amor divino: somos salvos pela esperança no amor misericordioso de Deus.

“O Papa Bento XVI, dum modo mais claro que os seus predecessores, destaca o essencial do culto e a devoção ao Sagrado Coração na relação viva com Deus. Cita a sua primeira encíclica, *Deus caritas est* (2006), para insistir na necessidade do «encontro», na relação com Cristo que nos permite reconhecer quem é Deus e o amor que nos tem. Posto que tal é o conteúdo profundo do dito culto – que «tem encontrado no símbolo do

---

<sup>169</sup> *Ib.* p. 127.

<sup>170</sup> *Ib.* p. 136.

<sup>171</sup> *Ib.* p. 137.

«Coração trespassado» sua expressão histórico-devocional», achamos aqui «o conteúdo de toda a verdadeira espiritualidade e devoção cristã». O Papa fala de conhecer, experimentar e testemunhar o amor de Deus, e assinala que isto só é possível desde a oração humilde, a adoração silenciosa, a generosa disponibilidade.”<sup>172</sup>

Por outro lado, na sua outra encíclica *Spe salvi*, (2007), Bento XVI “recorda o valor da prática devocional do oferecimento, quer dizer, oferecer os pequenos sofrimentos, adversidades, dificuldades de cada dia.”<sup>173</sup> Implicitamente, nesta encíclica, o Papa trata o tema da reparação. De facto esta encíclica,

“contém linhas importantes que contribuem para orientar uma atualização da espiritualidade reparadora. E isto é possível pela sua profunda conexão com as questões teológicas, que são os pilares desta espiritualidade: a salvação, a esperança, o mal, o sofrimento, as vítimas, a justiça, o amor, a compaixão, o sacrifício, a vida, a vida eterna.”<sup>174</sup>

E vamos terminar com a referência ao Papa Francisco. Ele deixa-nos bem claro nas suas homilias na solenidade do Sagrado Coração de Jesus de 2013 e 2014: “É «a festa do amor», de um «coração que muito amou». Um amor que, como repetia Santo Inácio, «se manifesta mais nas obras do que nas palavras» e que é sobretudo «mais dar do que receber»” (7 de junho de 2013, Rádio Vaticano). O Papa ainda vem reforçar “a ideia de que Deus ama não só com as palavras mas com gestos e obras concretas, citando a passagem do Profeta Ezequiel, da ovelha perdida. «Ele se aproxima e nos dá o amor com ternura. Proximidade e ternura!»” (7 de junho de 2013, Rádio Vaticano). Disse-nos ainda, destacando que “não há sombras no modo como Deus entende o Seu amor para com Suas criaturas.” Segundo Francisco, “o Senhor dá a graça, a alegria de celebrar, no coração do Seu Filho, as grandes obras do Seu amor. Pode-se dizer que hoje é a festa do amor de Deus, em Jesus, do amor d’Ele pelo ser humano” (27 de junho de 2014, Rádio Vaticano). O Santo Padre exortou as pessoas a serem pequenas para assim poderem atrair o amor de Deus.

---

<sup>172</sup> N. MARTÍNEZ-GAYOL (dir.), o. c., p. 255.

<sup>173</sup> *Ib.* p. 258.

<sup>174</sup> *Ib.* p. 259.



Também na sua primeira Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*, nos números: 36-39; 46-49; 264-267, o Papa Francisco chama a nossa atenção, «a partir do coração do Evangelho, a uma Mãe de coração aberto e ao encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva». Implicitamente, o Papa fala-nos aqui do amor do Coração trespassado. Diz-nos: “O que sobressai é a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado.”<sup>175</sup> E continua: “Em si mesma, a misericórdia é a maior das virtudes; na realidade, compete-lhe debruçar-se sobre os outros e – o que mais conta – remediar as misérias alheias.”<sup>176</sup>

Dirigindo-se a cada um, o Papa diz: “O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Este convite não há-de ser obscurecido em nenhuma circunstância! Todas as virtudes estão ao serviço desta resposta de amor.”<sup>177</sup> Ao falar da Igreja, que nasceu do Coração aberto do Senhor, o Papa quer que esta mesma Igreja seja «uma mãe do coração aberto». Que seja como o seu Mestre e Senhor, de coração trespassado no trato das pessoas. Que saia com sentido: “Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido.”<sup>178</sup> É preciso sair para “acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade.”<sup>179</sup> Por isso, “A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai,”<sup>180</sup> como o Coração aberto do Senhor, onde todos encontram o verdadeiro amor e misericórdia de Deus Pai.

E ao falar de evangelização, o Papa destaca que “É o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-LO cada vez mais.”<sup>181</sup> Por isso, antes de comunicar o seu Evangelho, é preciso “contemplá-lo com amor, deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração,”<sup>182</sup> com amor total de cada um. Por fim, o Papa convida-nos a fazer tudo como Jesus, nosso Mestre e Senhor. “Unidos a

---

<sup>175</sup> Papa FRANCISCO, *Exortação Apostólica: Evangelii Gaudium*, Editora PAULUS, Lisboa, 2013, nº 36.

<sup>176</sup> Nº. 37.

<sup>177</sup> Nº. 39.

<sup>178</sup> Nº. 46.

<sup>179</sup> Nº. 46.

<sup>180</sup> Nº. 47.

<sup>181</sup> Nº. 264.

<sup>182</sup> Nº. 264.

Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama.”<sup>183</sup> E compreendemos que é “a glória do Pai que Jesus procurou durante toda a Sua existência.”<sup>184</sup> É este Deus Pai que nos ama a todos com o amor eterno, sem diferença alguma.

Nesta primeira parte do segundo capítulo procurámos percorrer toda a história da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Fizemos um esforço de passar o nosso olhar sobre ela, desde os primeiros tempos até à atualidade. Encontrámos grandes homens e mulheres santos, assim como grandes papas que deixaram grandes contributos para a nossa Igreja sobre a devoção do Sagrado Coração de Jesus. Cada um fixou o seu olhar contemplativo no Lado trespassado do Senhor. E cada um foi descobrindo no Lado aberto do Senhor as graças, dons, amor, compaixão, misericórdia, ternura, bondade do Senhor, e tudo o que era necessário para a sua vida de santidade. Todos encontraram neste tesouro precioso do Lado aberto do Senhor aquilo que procuravam: o descanso, o conforto, o alívio, o consolo, o perdão, o amor, a ternura, a alegria, etc. Cada um na sua época procurou destacar e realçar as dimensões preciosas do Sagrado Coração de Jesus, como por exemplo: troca dos corações, dimensão do amor, de reparação, de desagravo, de consolação, etc. Com este mesmo olhar contemplativo dos santos do passado e do presente, o Senhor continua a convidar a olhar para o seu Sacratíssimo Coração e a ser contemplativos deste Coração aberto, fonte e tesouro de todos os dons e graças. Agora vamos procurar aprofundar a presença da devoção ao Sagrado Coração, em Arnaldo, e as suas consequências na sua vida.

## **2.2. A presença da devoção ao Sagrado Coração, em Arnaldo, e as suas consequências na vida deste homem**

É espantoso constatar a volta que a vida de Arnaldo deu. Tudo começou a mudar na vida de Arnaldo desde que ele assumiu a direção do Apostolado de Oração na sua diocese. Dá para fazer uma comparação da sua vida com aquele homem da passagem do evangelho de Mateus (13, 44-46), que procura o tesouro e a pérola preciosa. “Assim como o pai Janssen dirigiu aos seus filhos o pedido para orarem à Santíssima Trindade, também os motivou para cultivarem uma devoção especial ao Espírito Santo. Arnaldo

---

<sup>183</sup> N.º. 267.

<sup>184</sup> N.º. 267.

uniu isto com a devoção ao Sagrado Coração e a veneração ao Verbo Divino.”<sup>185</sup> Arnaldo entregou-se por completo ao serviço do Apostolado de Oração. Deixou para trás o seu trabalho de professor no colégio de Bocholt para se dedicar ao Apostolado de Oração.

“O Apostolado de Oração baseava-se em três práticas especiais: 1) oferecimento de todas as ações diárias ao Sagrado Coração e, por seu meio, ao Pai; 2) união de oferecimento com o sacrifício de Jesus, renovado na Santa Missa, e receção da Comunhão reparadora em honra do Sagrado Coração, uma vez por mês; 3) recitação diária do Rosário.”<sup>186</sup>

Com o passar do tempo foram-se abrindo novos horizontes e perspectivas, na sua vida. Através do Apostolado de Oração, aos poucos, foi-se adentrando no Sagrado Coração de Jesus, fonte e tesouro de todas as graças. Foi aqui que Arnaldo encontrou tudo o que era necessário para a sua pessoa e tudo o que procurou fazer ao longo sua vida.

Começou a difundir e a divulgar com grande zelo, fervor e entusiasmo o Apostolado de Oração e sobretudo a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Por esse motivo compôs muitas orações e um manual e publicou um opúsculo da Liga, explicando os propósitos da Associação. E escreveu:

“O Apostolado de Oração implica o propósito de fazer dos seus membros apóstolos da oração unindo-os ao Coração de Jesus, que nos une a todos. Desse modo espera conseguir, em primeiro termo, o triunfo da Igreja e a propagação do Reino de Deus por todo o mundo (...). O Apostolado de Oração ensina-nos a unir diariamente nossos sentimentos aos afetos puríssimos do Sagrado Coração de Jesus, e a unir nossas orações, nossas boas obras, nossos sofrimentos com as orações, obras e sofrimentos do Filho unigénito de Deus.”<sup>187</sup>

Para promover este grande trabalho também publicou a sua própria revista imitando a revista dos jesuítas, mas com uma pequena modificação *O Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração*. Para ter material para esta revista e dar a conhecer o mundo

---

<sup>185</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 716.

<sup>186</sup> P. McHUGH, svd, o. c., p. 90.

<sup>187</sup> *Ib.* p. 90.

missionário aos seus assinantes, começou a entrevistar os missionários que passavam pela Alemanha. E daqui surgiu a preocupação e a ideia da casa de formação para os missionários, na Alemanha. É surpreendente que daqui resultou a descoberta do diamante bruto que é o próprio Arnaldo, que Deus trabalhou para o tornar a sua preciosa jóia! Por sua vez, Arnaldo foi procurando intensamente o tesouro e a pérola preciosa. E encontrando-a, entregou-se por completo de corpo e alma. Arnaldo atribuiu ao Sagrado Coração de Jesus o seu precioso tesouro e a pérola preciosa, todo o mérito do começo de todo este processo de iniciar a casa missionária. Por meio do Apostolado de Oração, Arnaldo penetrou e entrou no Sacratíssimo Coração de Jesus, sua morada. E estando neste Sacratíssimo Coração, foi descobrindo os desígnios de Deus Trindade para a sua pessoa.

Por isso escolheu o dia 16 de junho de 1875 como o dia mais importante do início espiritual da sua obra missionária. Era um dia muito significativo para Arnaldo, porque nesse dia celebrava-se por todo mundo o “200º aniversário da aparição do Sagrado Coração a Santa Margarida Maria.”<sup>188</sup> É nesse dia que Arnaldo realiza a compra do terreno para a sua obra missionária. É nesse dia que Arnaldo e outros três futuros membros da fundação fazem a sua consagração ao Sagrado Coração de Jesus. O nosso segundo Superior Geral, P. Blum, expressou do seguinte modo a importância dessa data: “O dia 16 de junho de 1875 é propriamente o dia em que nasce a Congregação do Verbo Divino. Nessa data os primeiros membros consagraram-se ao Sagrado Coração e aos fins da obra, em prol da conversão dos pagãos.”<sup>189</sup> Arnaldo foi dando passos firmes e seguros na descoberta do seu precioso tesouro, o Sacratíssimo Coração de Jesus. E assim surgiu o segundo lema da Congregação: «Viva o Coração de Jesus nos corações dos homens!» Foi aqui, neste Sacratíssimo Coração de Jesus, seu precioso tesouro, que Arnaldo encontrou outros «três grandes tesouros: Trono da Santíssima Trindade, a Alma Santa de Jesus, com a súplica da sua vida interior e o Precioso Sangue do Sagrado Coração derramado por nós». Estas são, de facto, as suas três preciosas pérolas pelas quais viveu e entregou a sua vida por completo. Arnaldo compreendeu e apresentou da seguinte maneira a profundidade deste primeiro Tesouro:

---

<sup>188</sup> *Ib.* p. 91.

<sup>189</sup> *Ib.* p. 91.

“A divindade do Verbo Eterno constituiu o tesouro mais apreciado que advem no Sagrado Coração de Jesus, «Tabernáculo da Divindade». Expressou: «Este Coração não pertence a uma pessoa humana mas à Pessoa do Verbo Eterno». O facto conduziu-o a aprofundar, em todos e cada um dos aspetos da sua vida espiritual, o Mistério da Santíssima Trindade. Consignou: «No Sagrado Coração habita por inteiro toda a Santíssima Trindade: a onnipotência do Pai, a sabedoria e beleza do Filho, o amor e a riqueza do Espírito Santo. Oh inefável milagre, que o Coração de Jesus seja um coração criado, um coração humano! Na verdade, o Sagrado Coração é o trono mais admirado da Santíssima Trindade». Em definitivo, isto conduziu-o ao seu pensamento favorito acerca da Trindade: «A Santíssima Trindade habita no Sagrado Coração de Jesus e por Ele virá e fará a sua morada em nós, tal qual Jesus o prometeu».”<sup>190</sup>

Quanto ao segundo Tesouro do Sagrado Coração, Arnaldo compreendeu-o do seguinte modo: “Janssen costumava afirmar que o coração é, em certo modo, o assento da alma, e contemplando o Sagrado Coração era a alma de Cristo o que em verdade contemplava (...). Por tal motivo as orações de Janssen ao Sagrado Coração relacionam-se com o plexo da vida interior de Jesus; tomando o Coração, por exemplo, como a fonte das virtudes.”<sup>191</sup> E quanto ao terceiro Tesouro do Sagrado Coração, Arnaldo entendeu-o desta forma:

“O Sangue do Sagrado Coração – escreve – é muito precioso porque está impregnado pelo Espírito Santo e enche com o seu alento. Assim como o Coração Divino de Jesus é sobremaneira precioso e santo, assim também o é seu Sangue, porque está plenamente unido ao Verbo Eterno e cheio do Espírito Santo que é a doce fragrância da Divindade, o amor do Pai e do Filho. Por isso, Jesus pôde, com seu precioso Sangue, oferecer a Deus um sacrifício de valor infinito.”<sup>192</sup>

Temos acesso ao seu pensamento sobre o Precioso Sangue, que ele exprimiu do seguinte modo:

“Que riqueza e que fonte de graça a paixão do nosso Divino Redentor! Quando Jesus, abandonado, pendia da cruz, rasgado e sangrento, no meio de zombarias e escárnios, desolado e só, como um naufrago numa ilha deserta, ganhava uma grande vitória e

---

<sup>190</sup> *Ib.* p. 91.

<sup>191</sup> *Ib.* p. 92.

<sup>192</sup> *Ib.* p. 92.

levava a cabo um grande bem. Foi o momento mais importante de todos os tempos. O Criador dos corações humanos veio até aos seus como Rei desses corações. Oh Santa Cruz! Atrai a ti mais corações! O Coração de Jesus, trespassado com uma lança em sua morte por nós, e derramando água e sangue, é o símbolo da nossa redenção e seu modo de se transmitir a nós mediante os santos sacramentos. É o selo da nossa fé que nos fala com silenciosa eloquência da santidade de Deus e da nossa obrigação de o amar com todo o nosso coração.”<sup>193</sup>

Sobre o parágrafo acima citado, o P. Sandkamp, svd, comentou:

“Quando falava do valor infinito (do Precioso Sangue) expressava-se com uma eloquência e um entusiasmo não esperado dum matemático seco. Inicialmente, quando pensou no hábito da Congregação, teve no olhar um vermelho inteiramente, mas logo reviu a sua intuição e decidiu pôr simplesmente um forro vermelho no cingulo, «para recordar o amor do Coração divino de Jesus, assim como o seu Sangue derramado por nós».”<sup>194</sup>

Esta devoção ao Sagrado Coração também cativou a pessoa de Arnaldo para a reflexão e meditação diária da via-sacra. E isto levou-o à devoção das Cinco Chagas de Jesus, que recomendou aos seus filhos e filhas espirituais. Por esse motivo,

“não é nada estranho, pois que tais meditações sobre o amor de Jesus levaram-no a uma séria prática de Reparação para o Sagrado Coração. «Oh Coração desprezado por tuas criaturas! Oh Coração do nosso Redentor, esquecido pelos redimidos! Chamas-nos e nós não acudimos; bates e não te abrimos; ofereces-nos os teus tesouros, e não te fazemos caso, e em seu lugar escolhemos a morte».”<sup>195</sup>

Depois de se consagrar, dedicar a sua obra ao Sagrado Coração de Jesus e descobrir o grande Tesouro e os três grandes Tesouros deste Sacratíssimo Coração, Arnaldo aprofundou as grandes práticas vividas por ele mesmo. Estas práticas são as seguintes: primeira sexta-feira de cada mês dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, com

---

<sup>193</sup> *Ib.* p. 92.

<sup>194</sup> *Ib.* p. 93.

<sup>195</sup> *Ib.* p. 93.

“O seu ardente desejo de reparar a indiferença dos homens. De tal modo, ao começar a tarde de cada primeira sexta-feira fazia a Hora Santa da Reparação. Na Festa do Sagrado Coração praticava sempre as Treze Horas de Adoração, culminadas com o solene ato da consagração. Em cada casa da Congregação rodeou o Coração de Jesus na Eucaristia de sumo esplendor.”<sup>196</sup>

Arnaldo também rezava muitas vezes ao dia repetindo estes dois lemas: «Viva o Coração de Jesus nos corações dos homens!» e «Viva Deus Uno e Trino em nossos corações!».

“A par das práticas devocionais, propunha-se constante esforço na imitação das virtudes que adornam o Sagrado Coração, e chegando mesmo a um grau heróico. Nele se encontrava exímio modelo para todas as virtudes. A história completa da existência de nosso Pai espiritual significa persistente zelo na imitação do divino Coração.

No entanto, não se detinha aqui; a meta a alcançar impelia-o muito além. «O melhor meio de honrar o Sagrado Coração é adotar como nossos os princípios d’Ele, atendendo ao apelo da Escritura: «Tende, entre vós os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus» (Fl 2,5). Havemos de conformar nossos ideais com os d’Ele, ou seja, ocupar-nos de Deus e das coisas mundanas ou eternas, segundo Ele o fazia; estabeleçamos como mira do nosso proceder, não a própria honra, mas a glória e o cumprimento da vontade divina; trabalhem e rezemos infatigavelmente para a glorificação e salvação das almas; adoremos a Deus dentro de nós, tornando-nos instrumentos aptos para a propagação da Sua glória entre os outros!». Arnaldo tinha para si que os mais heróicos e magnânimos apóstolos, são homens formados na escola do Sagrado Coração.”<sup>197</sup>

Arnaldo tinha penetrado de tal forma no Sacratíssimo Coração que sentia constantemente este anseio ardente de estar dentro deste seu grande tesouro. À semelhança dos grandes santos e confidentes do Sagrado Coração de Jesus, Arnaldo também interiorizou este grande tesouro do Sacratíssimo Coração de Jesus. Teve coragem, confiança, enorme inteligência do coração e capacidade de entrar e repousar no Sagrado Coração de Jesus, seu precioso tesouro. Notou-se uma enorme mudança na pessoa de Arnaldo desde os primeiros tempos da sua vida sacerdotal até à sua morte. Mergulhado por completo no Coração de Jesus, fez tudo o que Deus Trindade esperava dele. Foi fiel a Deus em cumprir a sua santa vontade, à semelhança do Sagrado Coração

---

<sup>196</sup> *Ib.* pp. 93-94.

<sup>197</sup> P. G. SANDKAMP, svd, o. c., p. 108.

de Jesus, deu por completo a sua vida a Deus. E viu os seus filhos espirituais, de três Congregações fundadas por si, crescerem pelo mundo a trabalhar para Deus, Uno e Trino.

“Arnaldo Janssen, seguramente, não conseguiu modificar, de maneira essencial, o seu caráter nem o seu estilo marcadamente sóbrio e racional. Mas procurou honestamente ser bom e afetuoso a fim de ser um bom pai para os seus, e até, nas suas próprias palavras, uma mãe afetuosa. Praticou a virtude do amor ao próximo de modo exemplar.”<sup>198</sup>

O nosso segundo Superior Geral, P. Blum, refere-se assim à pessoa de Arnaldo:

“A sua vida foi rica em trabalho e sacrifício. Apesar de ter sido respeitado por muitos, poucos o amavam. Até depois da sua morte ficou quase desconhecido para Roma! Mas, após a sua morte, todos diziam: «Ele era um grande homem!». Por sua própria humilhação e purificação dos que estavam à sua volta, Deus deixou-o com muitas debilidades e falhas. Infelizmente, nós não chegámos a conhecer este homem, em vida, e nunca permitimos que usasse os seus dons para nosso benefício, da maneira como podíamos e devíamos ter feito. Nós só vimos os duros gumes e não o seu coração.”<sup>199</sup>

De facto, Arnaldo tinha um coração de ouro. Aprendeu a ser assim do seu tesouro: o Sacratíssimo Coração. Fez um esforço constante de moldar o seu coração como o do seu Mestre e Messias do Coração trespassado.

Na terceira parte deste capítulo vamos focar o nosso olhar sobre toda a herança do Sagrado Coração de Jesus, que Arnaldo deixou para os seus filhos e filhas espirituais das três Congregações por ele fundadas.

### **2.3. Herança de Arnaldo sobre o Sagrado Coração de Jesus**

Felizmente, Arnaldo recebeu em herança grandes devoções, práticas devocionais e o grande tesouro de oração dos seus pais. Assim, também Arnaldo deixou em herança um grande tesouro: o Sagrado Coração de Jesus, descoberto e vivido intensamente por ele

---

<sup>198</sup> J. REUTER, svd, o. c., p. 120.

<sup>199</sup> J. ALT, svd, o. c., p. 1006.



mesmo. Não só deixou este tesouro do Sagrado Coração, mas também outros tesouros espirituais que ele mesmo viveu, que já referi na terceira parte do primeiro capítulo. Desde que aceitou ser o diretor diocesano do Apostolado da Oração, promoveu com grande zelo a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Já nessa altura “mandou fazer uma imagem do Sagrado Coração, a cargo do pintor Franz Comans (1837-1919), de Düsseldorf. Realizada segundo as suas indicações, considerou-a tão sua que a mandou registar, contra tentativas de plágio, no Ministério para o Ensino Religioso, de Berlim, como consta numa resolução do dia 24 de janeiro de 1867.”<sup>200</sup> Hoje, como uma preciosidade, este quadro ou imagem

“Encontra-se sob a custódia do Generalato das Servas do Espírito Santo. O quadro leva a seguinte legenda no reverso: «Esta imagem do Sagrado Coração foi mandada fazer pelo Reverendo P. Superior da Congregação do Verbo Divino e Superior Geral da dita Congregação, e honrada de forma especial, como primeira imagem do Sagrado Coração, na Casa de Missões de Steyl, pelo Fundador da Comunidade do Verbo Divino. J. Steger, sacerdote SVD, o testemunha. Steyl, 14 de dezembro de 1889. O infraescrito selou esta imagem, cingida com o fio de seda azulinha, pelo seu punho e com o seu selo, no dia 10 de dezembro de 1889. J. Steger».”<sup>201</sup>

Este quadro está cheio de simbolismo e retrata aquilo que o próprio Arnaldo compreendeu e aprofundou do Sagrado Coração de Jesus, ao longo de toda a sua vida. Descreve-se assim o quadro:

“No centro do quadro apreciamos o Coração de Cristo rodeado de espinhos e coroado pela cruz. Está suspenso sobre as nuvens e rodeado por elas, dando a ideia de ser o sol do mundo. Daí que se ache circundado de chamas ardentes, enquanto dele, e principalmente da cruz, emergem raios de luz em todas as direções (...). «O sol é a imagem do Coração Divino, pois este possui a graça divina que ilumina o entendimento (raios) e proporciona calor à vontade (chamas)».”<sup>202</sup>

---

<sup>200</sup> K. J. RIVINIUS (dir.), svd, *Arnaldo Janssen Ayer y Hoy*, Editorial Verbo Divino, Estella, 1988, p. 266.

<sup>201</sup> *Ib.* p. 266.

<sup>202</sup> *Ib.* p. 266.

Foi esta a percepção que Arnaldo teve do Sacratíssimo Coração de Jesus, que é o sol que ilumina tudo e todos. Da ferida do Coração brotam «os raios luminosos e as pequenas línguas de fogo». Arnaldo compreendeu estes símbolos do seguinte modo:

“A imagem impressa no frontispício de *O Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus* (1874-1879) apresenta, no centro, o Crucificado, de cujo lado aberto brota um feixe de raios. Uma representação que não é muito comum. Mas o seu editor desejava que se venerasse de maneira especial «o Verbo Divino, que mora no Coração de Jesus, onde reside a sabedoria de Deus, a imagem do Pai, o dador do Espírito Santo.»<sup>203</sup>

As pequenas línguas de fogo representam, claramente, a descida do Espírito Santo, no dia de Pentecostes. Arnaldo expressou-o do seguinte modo: “Veneremos e amemos o Espírito Santo. Veneremo-lo e amemo-lo particularmente no Coração de Jesus, por cujo intermédio o recebemos.”<sup>204</sup> Assim, desde a casa paterna, Arnaldo tinha-se tornado grande e zeloso venerador do Espírito Santo. E compreendeu mais profundamente, no Sagrado Coração de Jesus, a riqueza e o grande dom do Espírito Santo.

Por isso, desde o início da fundação da Congregação, como sinal de gratidão, Arnaldo deixou esta grande herança e exortou deste modo: “A Casa das Missões nunca se esquecerá desta sua origem. Todos os seus objetivos a orientam a trabalhar pelo cumprimento das múltiplas intenções do Sagrado Coração de Jesus.”<sup>205</sup> Deste modo, os Missionários do Verbo Divino são chamados e convidados, constantemente e conscientemente, a renovar e viver esta grande exortação e herança do seu Fundador. Desde os primeiros tempos da Congregação, Arnaldo apresentou como herança o grande lema programático: «Vivat Cor Jesu in cordibus hominum» (Viva o Coração de Jesus nos corações dos homens). Esta expressão, inicialmente, foi colocada sobre a imagem do Sagrado Coração, “que se encontrava no corredor e resplandecia a dedicação da casa.”<sup>206</sup> Desde então, esta expressão transformou-se “numa jaculatória de uso corrente, utilizada ao abandonar o refeitório e também na maneira de saudar, ao estilo da saudação cristã que se introduziu depois: «Louvado seja Jesus Cristo!»<sup>207</sup> Mais adiante, juntou-se a esta jaculatória outra expressão que se tornou numa oração:

---

<sup>203</sup> *Ib.* p. 267.

<sup>204</sup> *Ib.* p. 267.

<sup>205</sup> *Ib.* p. 257.

<sup>206</sup> *Ib.* p. 258.

<sup>207</sup> *Ib.* p. 258.

“A luz do Verbo e o Espírito da graça dissipem as trevas do pecado e a noite da incredulidade. E o Coração de Jesus viva nos corações de todos os homens. *Ámen.*”<sup>208</sup>  
Como no passado, também hoje esta oração é rezada muito frequentemente pelos membros do Verbo Divino, assim como pelas Irmãs das duas Congregações fundadas por Arnaldo.

Compreende-se do seguinte modo a profundidade desta oração:

“A Luz do Verbo e o Espírito de graça se derramam para baixo, onde a nossa vista, na imensidão, só vê topos montanhosos e recifes açoitados pelas ondas do mar: uma imagem adequada da noite infértil do pecado e do paganismo («A terra era confusão e caos, e as trevas cobriam a superfície do oceano»). A imagem visualiza o que a dedicatória anseia: Ante a luz do Verbo e o Espírito da graça, albergados em máxima abundância no Coração do Redentor, tal como a luz e o calor no sol.

Dissipem-se as trevas do pecado e a noite da incredulidade, quer dizer, a solidão árida e o rigor mortal do largo mundo abaixo. E viva o Coração de Jesus nos corações dos homens, quer dizer, que se derrame sua vida divina e copiosa nos corações dos homens, para continuar a ser transmitida até à consumação e assim chegar a ser o sol que vivifica tudo e domina no mundo das almas.”<sup>209</sup>

De facto, “essa foi a aspiração íntima, o lema e o programa de vida do P. Arnaldo Janssen.”<sup>210</sup> Confiante, deixou isto como legado nas mãos dos seus filhos e filhas espirituais, para se continuar a difundir e divulgar pelo mundo. Assim, o Sagrado Coração de Jesus possa encontrar uma morada digna nos corações de todos os homens. É isso que se espera de cada filho e filha espiritual de Arnaldo no mundo de hoje e de amanhã. Para que isso seja uma realidade na nossa vida,

“Temos de fazer os preparativos para que possa viver nos corações dos homens. E o Coração de Jesus vive neles, nesta vida, primeiro pela fé, logo pela graça santificante e, numa terceira e perfeítíssima modalidade, pelo acordo total das nossas mentes e vontades com o seu Sacratíssimo Coração, o que nos vai aperfeiçoando na verdadeira piedade. Daí que os nossos, não devem contentar-se com a conversão dos pagãos, mas

---

<sup>208</sup> Livro de Oração dos Missionários do Verbo Divino, *Vademecum*, 2012, p. 31.

<sup>209</sup> J. RIVINIUS (dir.), svd, o. c., pp. 267-268.

<sup>210</sup> *Ib.* p. 268.

hãode procurar conduzi-los a uma autêntica piedade, segundo a medida da graça outorgada.

Contudo, também em nosso próprio coração deve viver o Coração de Jesus, mediante uma autêntica piedade e caridade. Uma caridade que ama o próximo como a si mesmo, a quem vê (1Jo 4,20) e para quem procura o bem. Em consequência, os necessitados e os pobres devem ser assistidos, e os que erram receberão ensino. Prepare-se a via para o benefício espiritual do corpo, e não descuidemos as pobres almas detidas no purgatório. Atuemos assim, movendo os outros com o nosso exemplo, para que façam outro tanto.<sup>211</sup>

Arnaldo também entregou como herança para os membros das três Congregações o uso da medalha, “onde se vê o Divino Espírito Santo pairando sobre o Sagrado Coração.”<sup>212</sup> Em muitas das províncias da Congregação do Verbo Divino, ainda hoje, no dia dos primeiros votos, os novos membros recebem esta mesma medalha. Desde o tempo do fundador também foram colocados quadros do Sagrado Coração nas comunidades, em lugares bem visíveis pelos seus membros, com esta inscrição «Et Verbum caro factum est (E o Verbo se fez carne)».<sup>213</sup> Também havia a prática do jejum, que se expressa do seguinte modo:

“A Regra de 1885 introduz o jejum «em honra do Verbo Eterno, na Vigília da Festa do Sagrado Coração», e se expõe sobre a devoção ao Sagrado Coração: «No Coração de Jesus veneramos a plenitude do Espírito Santo, a Quem o Pai e o Verbo enviaram sobre sua santíssima humanidade. Dessa forma, pelo Espírito Santo, o mesmo Coração de Jesus se fez uma fogueira de amor, um tesouro de graças» (nº 134).<sup>214</sup>

#### Mais adiante

“A Regra de 1891 trouxe à Congregação a medalha do Sagrado Coração e que nos aconselhava: «Que nossos irmãos pratiquem fervorosamente a devoção ao Sagrado Coração e ao Santíssimo Sacramento, para satisfazer pelo amor de Quem nos amou até ao fim. Que nossos sacerdotes ofereçam a Santa Missa da primeira sexta-feira de cada mês em reparação das injúrias sofridas pelo Sagrado Coração, e os outros membros recebam a Sagrada Comunhão, segundo a mesma intenção» (nº 5).<sup>215</sup>

---

<sup>211</sup> *Ib.* p. 269.

<sup>212</sup> P. G. SANDKAMP, svd, o. c., p. 110.

<sup>213</sup> *Ib.* p. 110.

<sup>214</sup> P. McHUGH, svd, o. c., p. 94.

<sup>215</sup> *Ib.* pp. 94-95.

Ainda hoje esta tradição é mantida na Congregação. Os sacerdotes celebram a Eucaristia em honra do Sagrado Coração de Jesus, na primeira sexta-feira de cada mês.

Ainda

“A Regra de 1898 diz assim: O Espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo e suas santas virtudes, antes de tudo, o seu grande amor a Deus e aos homens, têm como símbolo todo o amor do seu Coração. Por isso conservamos este Sagrado Coração na mais alta estima e amor. E já que o nosso coração deve ser formado, segundo o modelo do primeiro Pastor de almas, façamos oração fervorosa e esforcemo-nos, dum modo particular, ainda que não exclusivo, para que os nossos corações sejam como o Coração de Jesus, humilde e manso, misericordioso, paciente, sábio e forte, como nos aconselha o Apóstolo: «Tende o mesmo espírito de Cristo» (Fl 2,5) (nº 6).”<sup>216</sup>

Em herança, desde o início da Congregação até ao dia de hoje, somos recordados constantemente pelos nossos padroeiros principais.

“Segundo a Regra de 1905, os nossos Padroeiros Principais são os Sagrados Corações de Jesus e de Maria. A Regra de 1910 muda isto na sua Constituição 6 por: «Nossos Titulares são: o Verbo Divino Encarnado e seu Sagrado Coração, como exemplo vivo de almas apostólicas». E entre as obras e propósitos a obter pela Congregação, menciona a propagação da devoção particularíssima à Santíssima Trindade, e em especial a do Espírito Santo e o Sagrado Coração de Jesus.”<sup>217</sup>

Arnaldo ainda deixou como herança a sua tríplice prática da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. A primeira prática já foi referida no ponto anterior deste capítulo: “O Fundador teve o ardente desejo de se unir intimamente a Jesus e de se encerrar em seu Sagrado Coração.”<sup>218</sup> Cada membro do Verbo Divino, ao receber esta herança, também é chamado a fazê-lo, à semelhança do seu Fundador. Da segunda prática, Arnaldo falava do seguinte modo:

“De beber do Coração de Jesus as águas da graça do Espírito Santo. Com relação a Isaías 12,3 «Tirareis água com alegria das fontes da salvação», afirma em suas

---

<sup>216</sup> *Ib.* p. 95.

<sup>217</sup> *Ib.* p. 95.

<sup>218</sup> *Ib.* p. 118.

conferências durante os retiros: «O Coração de Jesus é esta fonte, este rio transbordante do Salvador. Vemos aqui o cumprimento da promessa formulada a santa Margarida Maria: não porei medida ou limites as minhas graças àqueles que as buscam em meu Coração». Nossa Regra de 1885 (nº 216) expressa: «... o Coração de Jesus, pelo Espírito Santo que vem d'Ele, nos vivifica e nos une com Ele. Daí, voltemos a este grande sacrário de graças e amor para beber ali as águas das graças do Espírito Santo para nós e para toda a Igreja, em especial para aqueles que têm sido postos sob nosso cuidado.» Do mesmo modo, lemos na Regra de 1891: «No divino Sacramento da Eucaristia, os irmãos podem beber as ricas graças do Espírito Santo do mesmo Coração de Jesus, pois Ele diz de si mesmo: «Eu sou o Pão da vida que desceu do céu» (Jo 6,51)» (nº 55).<sup>219</sup>

A terceira prática que Arnaldo viveu foi esta:

“Ser alimentado pelo Sagrado Coração, como o ramo extrai sua vida do caule, permitindo que todo o seu ser receba d'Ele sua força. Jesus é o único canal de vida da Santíssima Trindade, particularmente das graças do Espírito Santo. A Oração de Quartos de Hora de Arnaldo obedece ao propósito de fazer da nossa jornada algo eternamente vivido n'Ele, com Ele e por Ele.”<sup>220</sup>

Arnaldo também nos deixou como herança a sua profunda compreensão do Sagrado Coração “como a melhor escola para uma vida cristã.”<sup>221</sup> O Evangelho de Mateus bem nos diz: «Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração» (11,29b). Dividiu esta escola, para uma vida cristã, em três partes: a primeira é a escola das virtudes, a segunda é a escola da oração e a terceira é a escola do sofrimento. Compreendeu assim a primeira parte desta escola:

“O Espírito é derramado sobre nós, desde Cristo, para nos transformar de homens egoístas em outros Sagrados Corações, que vivem como Ele uma existência de amor ao Pai e a todos os homens. O Espírito nos faz participar da vida do Senhor Ressuscitado (Rm 8,9) e nos ajuda a viver como Cristo, com «o Espírito de Cristo» (Fl 2,5). Isto reflete-se na nossa prática das virtudes de Cristo: «O Espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo e suas santas virtudes» (1898, Regra nº 6.3). A mesma secção (regra 15, nº 21) nos fornece dezassete estatutos, sobre as virtudes do Sagrado Coração, que nós,

---

<sup>219</sup> *Ib.* p. 118.

<sup>220</sup> *Ib.* p. 118.

<sup>221</sup> *Ib.* p. 119.

membros da SVD, devemos imitar. Na Regra de 1885, quatro virtudes são mencionadas como especialmente importantes: «De entre as piedosas jaculatórias guardemos em honra particular os atos de fé, esperança, amor e humildade; façamos estes atos gostosamente, ao toque do quarto de hora, como é costume na Congregação» (nº 400). Estas ‘virtudes teologais’ comportam a verdadeira medula da vida cristã. Amor e humildade eu considero acima de tudo, não em relação com Deus, mas com os homens.”<sup>222</sup>

Ao falar do serviço humilde, diz-nos:

“Façamos da humildade o fundamento de todas as nossas virtudes. Sejam humildes no modo de vestir, no trato com os outros, não desprezando ninguém, mas preferindo pôr os outros em primeiro lugar (Estatuto 11, 1898). A Regra de 1885, citando Mt 20,26-28, também nos impele a servir os outros. Nossa vocação, como Missionários do Verbo Divino, é um chamamento a seguir Cristo no seu humilde serviço ao próximo. (...). Deveríamos converter-nos verdadeiramente em «Missionários de toalha e água», como expressara João (13,15), imitando o exemplo do Verbo Encarnado, «cuja vida foi de amor e serviço» (Const 125).”<sup>223</sup>

Continuando a falar de humildade, Arnaldo deixou um belo testemunho a respeito da Ir. Helena Stollenwerk: “Que maravilhoso exemplo de humildade deu, quando recusou a dignidade de Superiora Geral para ser uma simples noviça na comunidade de clausura. O gesto, de dramática humildade, seguramente o aprendeu entre panelas e vasilhas da cozinha!”<sup>224</sup> A respeito de amar os outros,

“a Regra de 1891, nº 63, explica do seguinte modo: «Que todos se amem com verdadeiro amor fraterno, como filhos de Deus, quem assim espera sinceramente deles. Que antes se neguem a si mesmos que faltar ao amor fraterno». Vivamos «unidos como irmãos no Sagrado Coração no amor do Espírito Santo».”<sup>225</sup>

Neste Sagrado Coração, a melhor escola para uma vida cristã, nesta segunda parte, aprende-se a orar. É aqui que se aprende a ser homens e mulheres orantes nesta escola

---

<sup>222</sup> *Ib.* p. 119.

<sup>223</sup> *Ib.* p. 119.

<sup>224</sup> *Ib.* p. 120.

<sup>225</sup> *Ib.* p. 120.

da oração, que já tratamos no terceiro ponto, do primeiro capítulo. Quero deixar apenas aquilo que Arnaldo compreendia desta escola do amor: Coração trespassado do Senhor. “Para Arnaldo, a lição ideal, o modelo para rezar, é o Sagrado Coração, pois significa a realidade interior do Filho, por inteiro, dirigida ao Pai. Nos Evangelhos, esta relação com o Pai se reflete em sua vida de oração.”<sup>226</sup> O segundo Superior Geral do Verbo Divino, P. Blum destacou “três aspetos caraterísticos da vida espiritual de Arnaldo: uma sólida confiança em Deus, sua profunda vida de oração. Ambas as caraterísticas se destacam claramente, e a terceira, «sua singular sinceridade e humildade».”<sup>227</sup> Por isso, “devemos ser homens de oração, cheios de fé e esperança, e procurar constantemente a íntima união com Deus (Const. 124).”<sup>228</sup> Por sua vez, o antigo Superior Geral da Congregação do Verbo Divino, ao falar da oração, veio reforçar esta ideia da íntima união com Deus, desta forma: “A devoção ao Sagrado Coração, que põe a ênfase na íntima união com Jesus, concede à nossa vida de oração «calor e intimidade humana». Esse modo de oração deveria dar-nos a suficiente confiança nas nossas dificuldades.”<sup>229</sup>

Depois de compreender a importância da oração aprendida na escola do Coração trespassado, vamos abordar a terceira parte desta escola. Esta terceira parte, a escola do sofrimento, a Congregação do Verbo Divino recebeu-a como herança do seu Fundador. Todo o missionário do Verbo Divino é chamado “a pregar o Cristo Crucificado (1 Cor 1,23); vamos pregar a cruz e o amor do Coração de Jesus, plenamente manifestado na cruz.”<sup>230</sup> Percebemos que “desde o tempo de Arnaldo (e a Regra de 1898 recomenda-o expressamente), a Cruz Missionária se entregava aos Missionários que partiam.”<sup>231</sup> Mais adiante,

“no Capítulo Geral de 1958 decidiu-se entregá-la a todos os SVDs, no final da sua formação porque a Cruz não só significa a nossa mensagem, mas nos recorda, pessoalmente, que os inevitáveis padecimentos e dores da nossa obra missionária devem ser sofridos em união com Cristo, «partilhando os seus sofrimentos» (Rm 8,17).”<sup>232</sup>

---

<sup>226</sup> *Ib.* p. 128.

<sup>227</sup> *Ib.* p. 131.

<sup>228</sup> *Ib.* p. 131.

<sup>229</sup> *Ib.* p. 131.

<sup>230</sup> *Ib.* p. 131.

<sup>231</sup> *Ib.* p. 131.

<sup>232</sup> *Ib.* pp. 131-132.



As nossas Constituições tratam o mesmo tema, do seguinte modo:

“Nós participamos da vida e missão daquele que se aniquilou a si mesmo e se fez escravo (Fl 2,7), que deu a sua vida pela paixão e morte de cruz (AG, 24). Estamos convencidos de que é precisamente nos trabalhos e angústias, nas incompreensões e perseguições, na solidão e nas decepções onde mais se encontra a bênção de Deus nos nossos trabalhos apostólicos. Somente quando o grão morre, produz abundante colheita (Jo 12,24) (Const. 121).”<sup>233</sup>

A Constituição 413 diz: «Como o Apóstolo dos gentios, levamos em nossos corpos os sofrimentos de Cristo, para que a sua vida possa ser eficaz para todos os homens aos quais somos enviados. Se o grão de trigo não morre, fica só (Jo 12,24). Com espírito missionário, cada um de nós suporta pacientemente as contrariedades da nossa vida apostólica diária. Tratamos de nos fazer tudo para todos (1 Cor 9,22), perseverando em nosso trabalho, sendo pacientes na solidão e impertéritos nos fracassos». Deste modo, ao receber a cruz missionária, cada missionário do Verbo Divino é recordado a olhar constantemente para o Coração trespassado do Senhor. No calvário, na cruz, o soldado abriu com uma lança o Sagrado Coração de Jesus, já morto. Por isso, os missionários do Verbo Divino, recebendo a cruz missionária, vão continuar a contemplar o Coração trespassado do Senhor, com olhar fixo.

Terminamos aqui o segundo capítulo. Procurei tratar neste capítulo três pontos: no primeiro ponto tratei dos passos da devoção ao Sagrado Coração, um olhar sobre a história da devoção ao Sagrado Coração e a voz da Igreja, por meio dos seus Pastores, sobre esta devoção. No segundo ponto procurei apresentar tudo aquilo que significou esta devoção na vida de Arnaldo e suas consequências na vida deste homem. No terceiro ponto apresentei toda a herança de Arnaldo sobre o Sagrado Coração de Jesus. No próximo capítulo vou procurar aprofundar a teologia do Sagrado Coração de Jesus, nos ensinamentos de Arnaldo. Tratarei este capítulo em três pontos, mas cada ponto terá mais dois sub-pontos.

---

<sup>233</sup> *Ib.* p. 132.

## CAPÍTULO 3

### **A teologia do Sagrado Coração de Jesus nos ensinamentos de Arnaldo**

Neste capítulo vou procurar apresentar a teologia do Sagrado Coração de Jesus presente nos ensinamentos de Arnaldo. Este capítulo será tratado em três pontos e cada ponto terá mais dois sub-pontos. O primeiro ponto está centrado na relação do Sagrado Coração com o Verbo Encarnado. Vou procurar aprofundar este ponto com dois sub-pontos: 1) Verbo Encarnado e Sagrado Coração, as afirmações de Arnaldo sobre esta relação e 2) Sofrimento, Ressurreição e Sagrado Coração. O segundo ponto deste capítulo estará centrado nos ensinamentos da Igreja sobre o sofrimento, a morte e a ressurreição, ou a vida nova. Este ponto terá os seguintes sub-pontos: 1) Ensino da Igreja sobre a experiência da Cruz e a morte, e 2) Ensino da Igreja sobre a vida nova. Por fim, o terceiro ponto estará centrado na visão de Arnaldo e possíveis conclusões. Este ponto estará dividido nos seguintes sub-pontos: 1) como deve um cristão viver a morte e a ressurreição, à luz da devoção ao Sagrado Coração. E 2) como deve um missionário do Verbo Divino viver a morte e a ressurreição, à luz dos ensinamentos de Arnaldo, sobre a devoção ao Sagrado Coração.

Arnaldo desde cedo compreendeu a importância do Sagrado Coração de Jesus na vida da Igreja, na vida dos santos e na sua própria vida. E, desde muito cedo, foi aprofundando o seu conhecimento e a sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Para isso, como ajuda, teve acesso aos documentos da Igreja, às histórias de grandes devotos do Sagrado Coração e à leitura profunda da Sagrada Escritura. Além disso, fez leitura profunda da *Summa Theologica* de santo Tomás e “dos escritos de Scheeben, particularmente de *Mysterien des Christentums* (Mistérios do Cristianismo). É a única obra teológica que aconselhou aos seus leitores católicos num dos seus folhetos da época docente de Bocholt.”<sup>234</sup> O Apostolado de Oração também o ajudou a estar preparado pessoalmente para ajudar os outros a crescer na devoção ao Sagrado Coração. Arnaldo compreendeu o profundo sentido do coração como a Bíblia nos apresenta. Neste sentido, “a Bíblia apresenta-se-nos como o «livro do coração», no sentido em que Deus e o homem são revelados através do coração: Deus é coração; o homem vale o que

---

<sup>234</sup> K. J. RIVINIUS (dir.), svd, o. c., p. 224.

vale o seu coração; Deus revela-Se ao coração do homem.”<sup>235</sup> A palavra coração é muito utilizada na Bíblia. “Aparece 853 vezes na Sagrada Escritura. Destas, cerca de 814 referem-se ao homem.”<sup>236</sup> O termo hebraico (e o aramaico) que é utilizado para o coração “é *leb* e o seu equivalente *lebab*.”<sup>237</sup> “No NT, a palavra coração aparece 159 vezes; destas citações, 91 são dos escritos de S. Paulo.”<sup>238</sup> O termo grego utilizado para o coração, no NT, é *kardía*.

“No livro dos Salmos, em que o homem reza e fala a Deus do interior do seu ser, a expressão «coração» aparece 147 vezes. De todo o conjunto das citações, só duas falam do órgão no aspeto fisiológico, todas as outras apresentam um sentido simbólico cheio de riqueza e de diversos matizes.”<sup>239</sup>

Quando a Bíblia fala do homem, “coloca as suas diversas dimensões e capacidades no «coração». Assim, o «coração» é sinónimo do interior, da personalidade, da espiritualidade, origem das funções espirituais e psíquicas.”<sup>240</sup> Deste modo, a Bíblia também

“coloca no «coração» a vida afetiva, os sentimentos, a vontade. Por isso, é o coração que geme, que se alegra, que se angustia. Quando quer dizer que alguém está a viver esse estado interior, coloca-o no «coração» (cf. Sal 37,9; Sal 34,19; Gen 6,6; Prov 13,12; Rom 9,2; Is 7,4; Lc 24,32). Por outro lado, as funções do conhecimento, da capacidade intelectual, aparecem 400 vezes, colocadas no «coração», pois, segundo a Bíblia, é este que pensa, que é sábio, que é inteligente (Dt 29,3; Is 6,10; Mt 13,15; Jo 12,40; Mc 7,21; Ef 1,18; Sal 90,12; Ecl 1,16; Dan 7,28). E, por outro lado, todas as dimensões morais, éticas, também se centram no «coração». A Bíblia não diz: este homem é orgulhoso, mas este homem tem um «coração orgulhoso», altivo, manso, humilde, impuro, duro, reto, bom. Podemos ler neste sentido as palavras de Jesus: «Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração» (Mt 11,29; cf. Ez 3,7; Ex 10,20; Sal 94,8; Prov 6,14; Jer 17,9; Mt 5,8; Rom 1,24; Mt 5,28; Jer 49,16; Deut 8,14; Is 38,3).”<sup>241</sup>

---

<sup>235</sup> P. D. PEDROSO, S.J., o. c., p. 28.

<sup>236</sup> *Ib.* p. 28.

<sup>237</sup> G. RAVASI, *O que é o Homem?*, Editora Paulinas, Prior Velho, 2012, p. 18.

<sup>238</sup> P. D. PEDROSO, S.J., o. c., p. 28.

<sup>239</sup> *Ib.* p. 28.

<sup>240</sup> *Ib.* p. 28.

<sup>241</sup> *Ib.* p. 29.

Deste modo, também se compreende que

“o amor bíblico é atividade do «coração»: amarás com todo o teu coração. A decisão da vontade, a opção livre de amar encontra-se no «coração». Ser bom significa ter um «coração bom», um «coração de oiro», diríamos nós hoje. Ser mau significa ter um «coração de pedra». Daí a promessa de Deus em Ezequiel: «Mudar-vos-ei o coração de pedra em coração de carne», significando a conversão, a mudança do homem, a sua nova dimensão de adesão a Deus e ao seu amor.”<sup>242</sup> Assim

“o homem é coração, ou seja, ao coração se aplicam todas as dimensões, todos os fenómenos da pessoa humana. E Deus não é outra coisa senão «coração». É a capacidade de amar, e não forçosamente a inteligência, que torna o homem mais semelhante a Deus. E Deus comunica-Se ao «coração» do homem, encontra aí o lugar do diálogo, da intimidade, da união mais profunda, mais mística. Deus quer conquistar o «coração» do homem, quer seduzi-lo pelo «coração», quer habitar o seu «coração».”<sup>243</sup>

Deste modo, Deus quer habitar no meio da humanidade. Por isso declara a Salomão: «Esta casa que tu me construístes, Eu a consagrei a fim de nela colocar o meu nome para sempre; os meus olhos e o meu coração aí ficarão eternamente» (1Rs 9,3). Assim “Cristo entra em cena com estes sentimentos de amor e de proximidade em relação a quem o procura e a todos os que o rodeiam.”<sup>244</sup> Ele é a presença viva de Deus Pai misericordioso no meio da humanidade. Por um lado, “diz-se nos Atos dos Apóstolos (1,24 e 15,8) que Deus é *kardiognóstes*, isto é, «conhecedor dos corações», das consciências, do íntimo mais secreto do homem.”<sup>245</sup> Por outro lado, “Jesus Cristo mostra o seu próprio íntimo à humanidade e revela-o marcado pela mansidão e humildade, isto é, pela bondade e pela ternura, pela compreensão e pela partilha.”<sup>246</sup>

Assim foi a compreensão que Arnaldo teve do Sagrado Coração de Jesus. E apresenta-nos do seguinte modo *as riquezas do Coração Divino de Jesus*:

---

<sup>242</sup> *Ib.* p. 29.

<sup>243</sup> *Ib.* p. 29.

<sup>244</sup> G. RAVASI, o. c., p. 25.

<sup>245</sup> *Ib.* p. 26.

<sup>246</sup> *Ib.* p. 26.

“Assim como o coração é a sede da alma e por quanto a divindade de Jesus estava unida à sua humanidade, através da sua alma, assim o Coração de Jesus também é a morada da segunda Pessoa da divindade. Mas não é só da segunda Pessoa (...).

Em consequência, toda a Santíssima Trindade vive no Coração de Jesus: a onipotência do Pai, a formosura e sabedoria do Verbo eterno, o amor da entrega e as riquezas do Espírito Santo. Eles vivem aí num coração humano. Que milagre de santidade! O Coração de Jesus é, e segue sendo sempre, um coração humano, criado. E, enquanto criatura, também ele está situado num plano infinitamente inferior ao do Criador, e é um ser inferior, frente a ele.”<sup>247</sup>

Afirma ainda:

“Desde os começos da sua existência humana, o Verbo eterno viveu em união pessoal (hipostática) no sacratíssimo Coração de Jesus, tal foi a indizível bondade de Deus misericordioso, derramada gratuitamente sobre a sagrada humanidade de Jesus, que durante toda a sua vida a retribuiu com um mar de gratidão e humildade. Mas esta não foi a única graça que recebeu. A esta havia de se lhe agregar outra: Jesus, em sua humanidade, devia ser a recompensa pelos sofrimentos e humilhações que padeceu em sua natureza humana. Devia constituir-se no marco de todos os tempos, o único Mediador, caminho e guia aos céus, em direção ao sol da graça, para todos os tempos.”<sup>248</sup>

E continua adiante,

“e com quanta eficácia vive Deus, três vezes santo, no Coração de Jesus! Contemplemos o sol. Contém em si a plenitude de toda a luz e calor, mas não para si mesmo, mas para os derramar em todos os tempos e espaços. Daí brota toda a vida sobre a terra! Sem o sol, a terra não seria senão um grande tímpano. Eis aqui uma imagem do Coração de Jesus. Este encerra a graça divina, que ilumina o entendimento e comunica calor à vontade, mas a contém numa plenitude tal que, tal como o sol, pode derramá-la sobre todos, sem sofrer perda pessoal. Jesus mereceu, através dos seus santos padecimentos, o poder de derramar sobre o mundo graças da sua própria plenitude e converter-se no reino da graça, como o sol é no reino da natureza.

Após a Ascensão de Jesus aos céus, depois de seus padecimentos, derramou sobre a terra a graça do Espírito Santo. Mas essa efusão de graça, proveniente do Sacratíssimo Coração de Jesus, foi uma comunicação de graças com que Jesus favoreceu o mundo

---

<sup>247</sup> K. J. RIVINIUS (dir.), svd, o. c., p. 225.

<sup>248</sup> *Ib.* pp. 225-226.

desde a plenitude da sua própria graça. Ignoramos se esta doutrina se tem expressado com frequência na forma exposta, mas em todo o caso trata-se duma verdade segura. O grande mestre de todos os mestres, santo Tomás de Aquino, já a expôs em sua *Summa Theologica*, um livro que bem poderia denominar-se o manual da Igreja porque, durante séculos, tem servido de fundamento de todo o ensino em todas as escolas católicas. Ali expõe expressamente que a graça que Cristo derrama sobre toda a Igreja não é outra senão a graça que pessoalmente possuía (*S. Theol.*, 3, q. 8, a. 5). E como não se dá outra graça, se não através de Cristo, também não há graça nenhuma se não a de Cristo.

No Coração de Jesus vivem, em união com o Verbo eterno, o poder e o amor do Pai e a graça e a força do Espírito Santo. Louvemos toda a Santíssima Trindade, mas em especial aquela bendita terceira Pessoa, por meio de quem, no dizer dos santos, Deus imenso nos imprime o beijo amoroso do Criador, do Pai e até do Esposo, ao entregar-se inteiramente a nós na graça santificante. Esta união é certamente sublime, e tem sua causa exemplar naquela união, naturalmente mais sublime, da segunda Pessoa da divindade com a santa humanidade de Jesus (...).<sup>249</sup>

Por fim, Arnaldo termina a sua compreensão do Sagrado Coração, rezando:

“Oh Espírito, que dás a bem-aventurança eterna, procedente do amor do Pai e do Filho e enviado à terra por seu amor, e que nos amas não por nossos méritos, mas por tua própria plenitude de amor! Tu, que não nos dás alguma dádiva alheia a ti, mas a ti mesmo, qual máximo dom pela graça santificante! Tu, que vens a dobrar o rígido, a dar calor ao gelado, a purificar o manchado de culpas e a transformar os filhos do pecado e da desgraça em filhos da luz e do amor!

Faz que com grande diligência te adoremos, junto com o Pai e o Filho, e com tua máxima riqueza e incomensurável amor, no manso Coração de nosso divino Mestre, a fim de que nós, sedentos da graça divina, a possamos receber em abundância desde esse sagrado recetáculo.

Rogamos-te então que, por teu sagrado sangue, por tuas virtudes, méritos e amor, pelos insondáveis tesouros da tua divindade, te compadeças de nós pecadores e nos mostres a tua misericórdia pelos séculos dos séculos.

Compadece-te de todas as condições e estados de vida do povo cristão. Santifica os sacerdotes. Dá paciência aos trabalhadores e aos casais; sabedoria aos pais e aos superiores, pureza e obediência aos adolescentes e jovens. E a todos concede-lhes um autêntico e sincero amor a ti, de maneira que colaborem a cumprir teus anseios pela

---

<sup>249</sup> *Ib.* pp. 226-227.

salvação e santificação das almas, e a difundir sobre o orbe teu santo reino, o reino da verdade e do amor, e a santificar-se a si mesmos por tua causa. *Ámen.*”<sup>250</sup>

### **3.1. Sagrado Coração e o Verbo Encarnado: que relação?**

Desde cedo, Arnaldo compreendeu e viu bem que o Sagrado Coração de Jesus é realmente a sede do Verbo Encarnado. É aí que não só habita o Verbo Encarnado mas toda a Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. É assim que Arnaldo vê a relação do Sagrado Coração com o Verbo Encarnado. A partir do Prólogo do Evangelho de João, escreveu: “O Verbo (Palavra) de Deus, que habita no Sacratíssimo Coração de Jesus, é a luz que ilumina todo o homem que chega a este mundo. (*O Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus*, 1875, 39).”<sup>251</sup> Arnaldo olha para este Verbo Encarnado para o seguir.

“Na excelsa Trindade é nossa intenção seguir com especial afeto o Verbo Divino, que habita em nós no tabernáculo do docíssimo Coração de Jesus, e que deseja benignamente dar-se a nós para habitar em nossos corações e deleitar-se plenamente em nossas almas. Este Verbo (Palavra) é a luz que ilumina todo o homem que chega a este mundo, e é também a sabedoria incriada.”<sup>252</sup>

E reza esta breve oração: “Ante a luz do Verbo e o Espírito da graça dissipem-se as trevas do pecado e a noite da incredulidade.”<sup>253</sup> Esta oração é completada com... «E viva o Coração de Jesus nos corações dos homens.» Desde a casa paterna, enamorado pelo Verbo Encarnado, compreendemos e,

“com a máxima claridade pode-se comprovar até que ponto o pensamento da inabitação do Deus Trino dominava o nosso fundador, se considerarmos seu conceito cristológico totalmente condicionado por aquele. Aqui se percebe a original piedade de Arnaldo. Com efeito, ele adora no Sagrado Coração, primordialmente, as três Pessoas Divinas.”<sup>254</sup>

---

<sup>250</sup> *Ib.* pp. 227-228.

<sup>251</sup> *Ib.* p. 241.

<sup>252</sup> *Ib.* p. 241.

<sup>253</sup> *Ib.* p. 242.

<sup>254</sup> *Ib.* p. 242.

Já desde os tempos em que era o diretor diocesano do Apostolado de Oração afirmava: “Em consequência, este Sagrado Coração é integralmente celestial e divino e temos de o contemplar como o mais profundo e arcano tabernáculo de Deus entre os homens... É habitado em plenitude pelo Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho.”<sup>255</sup>

Compreendemos ainda mais claramente esta relação do Coração de Jesus e o Verbo Encarnado, pelo que escreveu mais tarde, dizendo assim: “No Coração de Jesus veneramos a plenitude do Espírito Santo, enviado na sua humanidade pelo Pai e pelo Verbo (...) (Const 1885,134).”<sup>256</sup> Assim, chegamos a compreender e penetrar o pensamento teológico de Arnaldo sobre a relação do Sagrado Coração e o Verbo Encarnado. É coração humano do Verbo Encarnado, de Jesus homem, do Verbo (Palavra) feito carne. É coração do Filho unigénito de Deus Pai. É o mesmo coração que foi trespassado no calvário. E percebemos bem claramente que este Sagrado Coração é do Verbo Encarnado. Ao mesmo tempo também é habitado por Deus Pai e pelo Espírito Santo. É tabernáculo da Santíssima Trindade. Também compreendemos que onde está o Filho (Verbo Encarnado), também aí estão o Deus Pai e o Seu Espírito Santo. Deste modo cada homem e mulher, ao participar na filiação divina pelo batismo, são chamados a ser também, à maneira do Sagrado Coração de Jesus, a morada e tabernáculo da Santíssima Trindade. Cada ser humano deve tornar-se a habitação do Deus Uno e Trino: Pai, Filho e Espírito Santo.

### **3.1.1. Verbo Encarnado e Sagrado Coração: afirmações em Arnaldo**

Ao longo da sua vida, Arnaldo proferiu palavras eloquentes e cheias de profundidade a respeito do Verbo Encarnado, o Verbo de Deus e do seu Sagrado Coração (Divino). Deu à sua obra missionária o nome de «Congregação do Verbo Divino». Arnaldo vê no Verbo Divino “a sabedoria divina, o esplendor do Pai, o doador do Espírito Santo, a luz que ilumina cada pessoa que vem a este mundo.”<sup>257</sup> E pede aos seus missionários, com insistência, que o Verbo Encarnado

---

<sup>255</sup> *Ib.* p. 242.

<sup>256</sup> *Ib.* p. 242.

<sup>257</sup> P. H. FISCHER, svd, *Sois Templo de Deus*, Gráfica Planeta, Ponta Grossa, 1997, p. 116.



“seja o ardor da nossa veneração, a nossa força, o nosso amor, a nossa luz, que os nossos mestres consigam sabedoria e os missionários as palavras acertadas e a força para propagar o Reino e o amor de Deus no meio das trevas do paganismo, o reino sem amor nem luz, o reino dos maus espíritos.”<sup>258</sup>

Expressa da seguinte forma a razão de ter dado este nome à sua obra missionária:

“Dentre as pessoas da Santíssima Trindade o Verbo Divino (=Palavra Divina) deve ser cultuado de modo muito particular. É ele o protótipo segundo o qual a alma santificada deve ser configurada, fazendo-nos seus irmãos pela graça santificante. É ele a Pessoa do Divino Salvador, a quem devemos seguir no caminho da doação a Deus no trabalho apostólico. Ele é a luz que brilha para todos, em quem o missionário deve confiar, sabendo que a sua palavra só terá força pela ajuda do Verbo Divino, Palavra que produziu o céu e a terra. Ele é a sabedoria encarnada, da qual deriva toda a ciência humana e, como tal, os nossos mestres o devem venerar de modo particular.”<sup>259</sup>

Compreendemos também que desde os primeiros tempos “a devoção ao Sagrado Coração de Jesus foi, cronologicamente, a primeira a ocupar um lugar preponderante na vida devocional de Arnaldo, e a que o conduziu a aprofundar a devoção ao Verbo Divino.”<sup>260</sup> Arnaldo vê claramente uma relação profunda e íntima entre o Verbo Encarnado e o Sagrado Coração. E, para crescer na devoção ao Verbo Encarnado, Arnaldo afirma: “Sobretudo queira vir em nossa ajuda o Verbo Divino, Aquele que habita no Sagrado Coração e que é a Sabedoria divina, a Imagem do Pai, o que nos enviou o Espírito Santo (...).”<sup>261</sup>

Mais tarde, chegou a colocar uma questão aos seus missionários: “Porque é que a nossa Congregação, que venera tanto o Divino, não veio a chamar-se o título do Espírito Santo, e sim do Verbo Divino?”<sup>262</sup> Ele próprio respondeu, do seguinte modo: “Este nome significa ao mesmo tempo a nossa tarefa principal da difusão da Palavra Divina e do Evangelho.”<sup>263</sup> Afirmou ainda: “O Verbo humanado, com a sua obediência e paixão,

---

<sup>258</sup> *Ib.* p. 116.

<sup>259</sup> *Ib.* p. 116.

<sup>260</sup> P. McHUGH, svd, o. c., p. 53.

<sup>261</sup> *Ib.* p. 53.

<sup>262</sup> P. H. FISCHER, svd, o. c., p. 116.

<sup>263</sup> *Ib.* p. 116.

tem merecido a vinda do Espírito Santo, enviado pelo Pai”<sup>264</sup>. Mais adiante aparece bem claro, na Regra de 1885, o porquê deste nome:

“A Palavra do Pai é a segunda Pessoa da divindade, portanto, é o Deus Filho. A Palavra do Filho de Deus em sua santa humanidade é o santo Evangelho de Cristo. A Palavra do Espírito Santo é a Sagrada Escritura em todo o seu conjunto, e de modo especial subordinado à palavra sacerdotal ao ensinar e exortar os fiéis, ao agir por ordem e no espírito da santa Igreja.”<sup>265</sup>

Assim, interiorizamos e compreendemos neste nome “um programa para nós, os missionários, para imitar e seguir o Verbo Encarnado, estimulando a todos para partilharem unidos a vida de Cristo.”<sup>266</sup> Arnaldo afirma:

“A Jesus Cristo, como nosso modelo supremo, queremos adorar, amar e seguir, pois Ele próprio é o caminho, a verdade e a vida. Em louvor da Palavra humanada, os confrades, assim que rezarem «e o Verbo fez-se carne», que façam genuflexão, gravando no íntimo do coração como que uma imagem do Sagrado Coração de Jesus com o Espírito Santo a pairar por cima. Em oportunidades solenes, por ex., na abertura de um Capítulo, seja cantado o início do Evangelho de S. João.”<sup>267</sup>

Arnaldo afirma ainda: “Como veneração ao Verbo Divino, tenhamos em alta estima o início do Evangelho segundo S. João.”<sup>268</sup> Continua adiante:

“Todos os raios da revelação contidos nos livros sagrados, concentram toda a força da luz num único foco. O Apóstolo-virgem, em sua majestosa revoada de águia, proclama a divindade eterna do Filho; chama-o de criador do universo, eleva-o, qual luz incriada, vida e fonte de toda a luz sobrenatural e da vida, e é, como o autor da ordem da graça. A seguir, dá testemunho da sua encarnação, e enaltece o Verbo humanado como o unigénito do Pai, nele tornando-se visíveis aos homens a glória da divindade e a atividade divina de Nosso Senhor; mostra como toda a bênção da criação e da redenção dele procede.”<sup>269</sup>

---

<sup>264</sup> *Ib.* p. 116.

<sup>265</sup> *Ib.* p. 117.

<sup>266</sup> *Ib.* p. 117.

<sup>267</sup> *Ib.* p. 117.

<sup>268</sup> *Ib.* p. 118.

<sup>269</sup> *Ib.* p. 118.

Para adorar e venerar o Verbo Encarnado, Arnaldo formulou a seguinte oração:

“Adoramos e bendizemos a tua suprema majestade, ó eterno Filho de Deus! Que todas as pessoas te venham a conhecer e amar na eternidade. Nós te adoramos, Filho infinito do infinito Pai. Do seu infinito seio, desde toda a eternidade, antes da estrela-d’alva, Ele Te gerou, ao contemplar e ao expressar a sua sabedoria profundissimamente misteriosa. Estás diante d’Ele como imagem e resplendor da sua imponderável beleza, poder, sabedoria e santidade. A palavra humana é a expressão do pensamento humano; tu, ó Palavra Divina, és a expressão do pensamento do teu Pai, que na sua expressão te comunica plenamente o ser da sua divindade. É eternamente atual a tua proveniência do Pai. Por isso Ele te diz com infinito amor: «És Meu Filho, hoje Eu te gerei!» Eis porque nós te adoramos como o unigénito Filho de Deus, o excelso resplendor da majestade de teu Pai, o eterno Rei!”<sup>270</sup>

Arnaldo vem expressar como o Verbo eterno nos torna filhos de Deus e seus irmãos.

Diz:

“O Verbo eterno às criaturas racionais quer transmitir o dom supremo, a saber, a sua divindade, na medida em que tenham aptidão para partilhar. Isto opera-se mediante a graça santificante. Assim seremos transformados no Verbo eterno, tornando-nos filhos de Deus e seus irmãos. Esta transfiguração é obra do Espírito Santo. A in-habitação do Filho de Deus em nossa alma pela graça e glória é tão carinhosa e tão íntima, que a alma é envolvida em máximo gozo.”<sup>271</sup>

Arnaldo reforça esta ideia de sermos filhos de Deus e irmãos do Verbo Encarnado expressando-se do seguinte modo: “O Verbo eterno entrou em nosso caminho, para nos conduzir para a glória, fazendo-nos seus irmãos. Sim, o Filho de Deus tornou-se nosso irmão!”<sup>272</sup> E, sobre a humildade do Filho de Deus, diz-nos: “O exemplo mais perfeito para nós é o Verbo Encarnado Jesus Cristo, Nosso Senhor, que se doou a nós em amor sem restrição. Não podemos agradar a Deus se também não nos tornarmos bem pequenos (...).”<sup>273</sup> Continua ainda «se não vos tornardes como crianças, não podereis

---

<sup>270</sup> *Ib.* p. 120.

<sup>271</sup> *Ib.* p. 120.

<sup>272</sup> *Ib.* p. 127.

<sup>273</sup> *Ib.* p. 127.

entrar no céu» (Mt 18,3). “Aquele, porém, que sempre se conservar humilde como esta criança, há de ser o maior no Reino do Céu.”<sup>274</sup> Arnaldo ainda apresenta eloquentemente a humildade do Menino de Belém. Na sua reflexão diz-nos:

“Quão grandioso e dignificante exemplo nos deu o Salvador ao ingressar no mundo! Não optou por esplendor nem riqueza, como lhe competia; decidiu-se pela pobreza e pela rejeição. Enquanto qualquer bebé encontra um bercinho aconchegante, o Senhor do céu e da terra preferiu um presépio, uma manjedoura rústica, em que o gado se alimenta. Os anjos caíram por causa da pretensão soberba, e nossos protoparentes pecaram por presunção. E o augusto Filho de Deus veio ensinar-nos a não escolher o lugar mais distinto, mas o inferior. Imaginemos bem isso ao rezarmos junto ao presépio e compenetremo-nos profundamente no seu exemplo, seguindo e vivendo a sua humildade.”<sup>275</sup>

Arnaldo convida-nos a ser colaboradores do Menino Jesus em atrair as suas bênçãos sobre os outros. E diz-nos: “Que superabundância de bênçãos espirituais e corporais nos trouxe o Menino Jesus! Sejamos-lhe agradecidos e colaboremos por atrair, também sobre outros, a sua bênção divina.”<sup>276</sup> Deste modo, tocados pela bênção divina, sejam todos salvos pelo Verbo eterno de Deus.

### **3.1.2. Sofrimento, Ressurreição e Sagrado Coração**

Mais que nunca, tanto no passado como no presente, vemos e testemunhamos diariamente muitos sofrimentos, perseguições e mortes de muitos cristãos e pessoas inocentes no nosso mundo. Há cada vez mais violência e morte no mundo do séc. XXI. O mundo de hoje tem avançado muito no desenvolvimento da vida dos seres humanos. Mas também testemunhamos todos os dias muitos sofrimentos causados pela maldade dos próprios seres humanos fanáticos e gananciosos, e pelas doenças graves e incuráveis, e pelas calamidades naturais. Sempre surgirão grandes clamores cheios de porquês e para quês dos sofrimentos dos inocentes... Quem nos poderia responder com clareza e convincentemente a estes porquês e para quês dos sofrimentos neste mundo de hoje? Os sofrimentos e a morte de Jesus sem o seu amor e perdão pela humanidade não

---

<sup>274</sup> *Ib.* p. 131.

<sup>275</sup> *Ib.* pp. 131-132.

<sup>276</sup> *Ib.* p. 132.

teriam grande sentido. O amor de Jesus e do seu querido Deus Pai para a humanidade revelou-se por completo na cruz pelo próprio Coração trespassado de Jesus. É o Coração dilacerado e trespassado do Senhor que nos mostra quanto Deus ama esta humanidade. A cruz, o sofrimento e o Sagrado Coração de Jesus estão intimamente unidos. E só assim os podemos compreender e interiorizar melhor. Arnaldo expressa-se do seguinte modo:

“Quão gloriosa e de valor salvífico é a união com Cristo no sofrimento! É demonstração do amor de Deus ao homem. Pensemos nas cinco chagas de Nosso Senhor. Moisés, com um bastão, feriu o rochedo, e irrompeu uma fonte de água viva. No corpo de Cristo foram abertas fontes das quais emanam alegria, luz e honra para Ele e para todo o céu. Unamo-nos estreitamente a Cristo, nosso doce Salvador. Padeceu por nosso amor, depois de tornar o sofrimento purificador e santificador para nós. Em tudo difundiu o suave aroma de sua castíssima humanidade.”<sup>277</sup>

Arnaldo, tendo uma veneração especial pelos santos mártires, junta o sofrimento deles com o sofrimento do Senhor. E diz: “Preciosa é a morte dos santos mártires, pois de modo distinto tornaram-se semelhantes ao Deus-homem crucificado.”<sup>278</sup> Desta maneira, podemos e devemos compreender melhor os sofrimentos dos cristãos e dos inocentes à luz da cruz, do sofrimento e do Sagrado Coração de Jesus. Ao associar o sofrimento do cristão e do inocente com a cruz, com o sofrimento e com o Sagrado Coração, aí começa a aparecer o sentido profundo dos sofrimentos de tantos cristãos e inocentes no mundo de hoje.

No calvário, na cruz

“o Coração trespassado pela lança denota as duas dimensões do seu amor: amor ao seu Pai, a entrega completa da sua vontade e seu Coração ao Pai. A oração de Cristo: «Eis que venho para fazer, ó Deus, a tua vontade», (Heb 10,5-7) cumpre-se em seu sacrifício. Nesta entrega de amor, do homem Jesus, revela-se a nível muito mais profundo, o amor que o une ao Filho eterno com o Pai, no mistério da Santíssima Trindade.”<sup>279</sup>

---

<sup>277</sup> *Ib.* p. 142.

<sup>278</sup> *Ib.* p. 142.

<sup>279</sup> P. McHUGH, svd, o. c., p. 104.

A segunda dimensão do seu Coração trespassado é “o seu amor por nós, os homens. Humilhou-se a si mesmo por nós (Fl 2,8) e esta *kenosis* de Jesus não dispõe de um símbolo mais eloquente que o seu Sagrado Coração. Cristo não deu demasiadas explicações sobre o porquê de sofrer de tal forma! Era, simplesmente, a vontade de seu Pai.”<sup>280</sup> O P. Peter McHugh, svd, responde do seguinte modo ao porquê do sofrimento de Jesus:

“A resposta encontra-se, em parte, no mistério da maldade do pecado, e em outra parte (mais decisiva) no seu plano de se identificar por inteiro com a humanidade. Unicamente através da cruz podia reclamar a assimilação plena com a nossa pobre natureza humana. Se tivesse levado uma vida de conforto e refinamento, teria deixado um vazio impossível de encher a respeito dos homens provados na amargura e no fracasso. Apesar disso, é impossível supor situação humana mais amarga que a sua: vinha com uma mensagem vital para o seu povo, e terminou em fracasso, não sofrendo a morte de um mártir, um herói mas dum homem vulgar, abandonado pelos seus amigos e condenado oficialmente por sua nação, como traidor, executado por uma potência estrangeira da forma mais humilhante e dolorosa, então conhecida. O Sagrado Coração comporta o mais sublime símbolo dessa total identificação. Verdadeiramente representa a Palavra Encarnada em sua condição mais humana. Na cruz, seu Sagrado Coração pendente fala uma linguagem claríssima de amor. «Mas é assim que Deus demonstra o seu amor para conosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós» (Rm 5,8).”<sup>281</sup>

Assim, compreendemos melhor as grandes questões dos sofrimentos, dores e mortes dos inocentes causados pelos homens violentos, fanáticos e gananciosos, pelas calamidades naturais e pelas doenças graves. Ontem como hoje, os meios de comunicação trazem-nos constantemente aos ouvidos e à vista muitas notícias de sofrimentos, tragédias e desgraças que passam pelo mundo. Uma vez, alguém visitou Auschwitz (o lugar do holocausto dos judeus) com os seus amigos. E, “um companheiro dele tinha perdido a fé num Deus pessoal. Esse companheiro perguntou: «Onde estava o teu Deus quando se enforcavam os homens na forca?» A resposta foi simples e profunda: «O meu Deus também esteve enforcado com eles».”<sup>282</sup> Desta maneira, compreendemos que Nosso Senhor do Coração trespassado participa e torna-se um com

---

<sup>280</sup> *Ib.* p. 104.

<sup>281</sup> *Ib.* p. 104.

<sup>282</sup> *Ib.* p. 107.

os que sofrem e morrem inocentemente. Os sofrimentos dos outros tornam-se os seus sofrimentos e sofre por amor e para perdoar. Assim

“no Coração de Jesus, Deus pôs-se em condições de sofrer, e sofreu: «Coração trespassado pela lança, oprimido por verdadeiro temor, dessangrado até à última gota, vítima da morte. No Coração de Jesus está o significado do que é o amor desinteressado, que excede toda a imaginação, o amor vitorioso no fracasso, que triunfa quando se despojou de todo o poder, que torna à vida quando foi morto. Amor e Deus são o mesmo» (K. Rahner).”<sup>283</sup>

Arnaldo soube expressar de modo mais simples: “O Verbo eterno não ficou contente com amar-nos como Deus; quis amar-nos também numa humanidade assumida no Sagrado Coração de Jesus.”<sup>284</sup> Arnaldo também nos deixa a sua compreensão sobre o sofrimento. Diz-nos: “Nada de medo do sofrimento! «Confiai no Senhor, pois Ele é bom, e aos que amam a Deus tudo sai bem». Deus ama os que lhe agradecem ao sofrer. O sofrimento é o sal para temperar as alegrias eternas. Quanto mais sofrimentos suportados por amor de Deus tanto maior glória. Sofrimentos são graças, e Deus procura almas dignas para esposá-las.”<sup>285</sup> Aqui, devemos recordar e animar os enfermos com doenças graves e os cristãos perseguidos no médio oriente (Iraque, Síria, Damasco, Palestina, etc.) por causa da fé cristã. Devemos ajudá-los com a nossa oração constante e a ajuda monetária. Arnaldo continua:

“Admirável é a força do amor que tem o gosto de preferir aquilo que os outros detestam, de não evitar o que faz arrepiar a sua natureza. Ó profundidade misteriosa das nobres almas ancoradas em Deus, que não aguentam a vida sem sofrerem pelo objeto do seu amor, e que do sofrimento sabem tirar vida, força, resistência e crescimento espiritual! Jesus triunfa em seus servos. Mas esses triunfos passam pelo caminho espinhoso da cruz. Quem é covarde, que se espanta com a cruz, que fique sentado aí. Esse não foi feito para realizar coisas grandes por Deus e pela sua Igreja!

Como tem vivido bem aquele que deu a sua vida por Deus! Quem reflete sobre a brevidade da sua vida terrestre e a duração da eternidade, vai desejar vender bem caro a sua vida por Deus, e conquistar não um lugar insignificante, mas uma posição bem destacada na magnificência celeste. O Cristianismo tem seus cavaleiros e vencedores de

---

<sup>283</sup> *Ib.* p. 108.

<sup>284</sup> *Ib.* p. 108.

<sup>285</sup> P. H. FISCHER, svd, o. c., p. 170.

dragões, bem como heroínas esplêndidas que adoram a Jerusalém celeste. São esses que continuamente formam o cortejo do Cordeiro, os e as acompanhantes do grande herói de Judá que no madeiro do patíbulo derrotou a antiga asquerosa serpente, e abriu de par em par os portões da salvação.”<sup>286</sup>

Arnaldo também conforta e anima os seus missionários para os sofrimentos. Diz-nos: “Os nossos confrades estejam lembrados de se terem prontificado como vítimas, perante a majestade divina. Diariamente renovem este sacrifício, não somente com palavras mas com atos e, em verdade, em união com aquela vítima divina, Jesus Cristo, o qual cada dia, no Espírito Santo, se sacrifica ao Pai.”<sup>287</sup> Arnaldo acrescenta ainda: “Ser vítima do Senhor, nisso é que consiste a dignidade do estado religioso. Somente esse, vem a ser um verdadeiro religioso e padre, sim, somente quem chega à maturidade da vida e da atividade, ao serviço de Deus, quem chega a entender as três grandezas: ter paciência, renunciar, suportar.”<sup>288</sup> Ao falar de sacrifício, Arnaldo expressa-se assim:

“Está muito enganado quem julga que os antigos eremitas punham a perfeição toda na mortificação. Muito bem sabiam eles que a mortificação interior, o domínio da própria vontade são o sacrifício mais grato a Deus. Nós, porém, infelizmente, procuramos estabelecer tanto a diferença entre mortificação interna e externa, que corremos o risco de menosprezar uma e outra.”<sup>289</sup>

Diz ainda Arnaldo: “Quanto maior o sacrifício tanto maior a felicidade, a graça e a bem-aventurança. Sem dor e sofrimento cá em baixo, não é possível amar verdadeiramente a Deus. Deus ama os que lhe são gratos por sofrerem.”<sup>290</sup> Aqui surge uma ideia clara que Cristo sofre com os que sofrem por amor, justiça e verdade.

“O alto preço do sacrifício suportado por Nosso Senhor, e do sofrimento como tal, depende da íntima união e semelhança com Cristo. Os cristãos, que por amor a Deus se sacrificam, se penitenciam, padecem, neles sofre o próprio Cristo; são eles membros do corpo místico e, neles, Cristo continua a sofrer e a morrer até ao fim do mundo.”<sup>291</sup>

---

<sup>286</sup> *Ib.* p. 170.

<sup>287</sup> *Ib.* p. 170.

<sup>288</sup> *Ib.* pp. 170-171.

<sup>289</sup> *Ib.* p. 171.

<sup>290</sup> *Ib.* p. 171.

<sup>291</sup> *Ib.* p. 171.



Por esse motivo, Arnaldo teve uma grande consideração pelos doentes especialmente “pelos estigmatizados/as. Via neles membros preferidos de Cristo, agraciados com as chagas do sacrifício e disposição do coração.”<sup>292</sup> Para reforçar o seu apreço pelos doentes e seus sofrimentos, fala-nos de Ana Catarina Emmerich, da Alemanha, que “crucificada com Jesus, uma incansável operária na vinha do Senhor, quase sempre em vigilância, a rezar, a ajudar e a imolar-se.”<sup>293</sup>

Arnaldo, compreendendo a importância e o valor do sofrimento, diz-nos: “Ficai sabendo que o exercício do sofrimento é algo tão nobre e precioso, que o Verbo Divino, embora estivesse a gozar dos mais valiosos tesouros de alegrias paradisíacas no seio do Pai eterno, apesar disso, por não estar revestido com a túnica do padecimento, desceu à terra para arrematar esse adorno.”<sup>294</sup> Arnaldo continua a falar do sofrimento constante de Jesus, do Coração trespassado. E desabafa: “Coração Divino desprezado por vossas criaturas! Coração do Salvador, esquecido pelos que salvastes! Vós clamáis, e nós não vos atendemos. Vós bateis, e nós não abrimos. Ofereceis os vossos tesouros, e não lhe damos atenção, mas antes escolhemos a morte.”<sup>295</sup> Arnaldo chama a nossa atenção para a voz do Coração trespassado, que continua a chamar e a pedir a todos os homens, dizendo: “Meu filho, dá-me o teu coração! É a voz de Jesus. Tanto O abandonaram, traíram, e por mera brincadeira bandearam-se para seus inimigos. Não deve ser isso uma convocação para os seus amigos se organizarem mais ao redor, do seu melhor mestre, seu terníssimo irmão, amigo, consolador e amante das almas?”<sup>296</sup> Com estas e outras palavras semelhantes, Arnaldo recorda-nos a grande ingratidão e sofrimento que o Coração de Jesus recebeu e recebe em troca do seu amor, por parte de muitas pessoas. Ao mesmo tempo, Jesus de Coração trespassado, é paciente e continua a convidar todos à fiel adesão ao seu amor. E Arnaldo diz: “Jesus, porém, abre seu Coração de amor e de graças a seus fiéis filhos. Abre-O como outrora naquela Última Ceia, na qual permitiu que João se recostasse no seu peito, e a todos os apóstolos inundou com seu amor.”<sup>297</sup> Com esta confiança no Coração trespassado, Arnaldo pede: “Ó santo amor de Jesus

---

<sup>292</sup> *Ib.* p. 171.

<sup>293</sup> *Ib.* p. 172.

<sup>294</sup> *Ib.* p. 172.

<sup>295</sup> *Ib.* p. 172.

<sup>296</sup> *Ib.* p. 172.

<sup>297</sup> *Ib.* p. 173.

imolado na cruz! Vinde e cresci sempre mais nos corações dos homens. A maldade ficará arrasada e o Reino de Deus há de florescer em novo esplendor. Assim seja.”<sup>298</sup>

### **3.2. Ensinamentos da Igreja sobre o sofrimento, a morte e a ressurreição ou a vida nova**

Ao longo de toda a sua história, a Igreja procurou sempre entender o sofrimento, a morte e a ressurreição, ou a vida nova, à luz da própria Sagrada Escritura e da própria Pessoa de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Desde os primeiros tempos da sua existência, e até aos dias de hoje, a Igreja sofreu grandes perseguições e foi martirizada muitas vezes, nos seus membros, pelo nome do Senhor. Para compreender e aprofundar melhor toda esta temática, vou ter como base os documentos da Igreja, como o *Catecismo da Igreja Católica*, o Vaticano II, a Carta Apostólica do Papa S. João Paulo II, *Salvifici Doloris* e a Encíclica do Papa Bento XVI, *Spe Salvi*. Estes documentos, que são a viva voz da Igreja, ajudam-nos a compreender e interiorizar melhor estes grandes temas da vida dos homens de ontem, de hoje e do futuro. É sempre muito complicado e complexo compreender por completo e interiorizar toda a forma do sofrimento, a morte e a vida nova. Surgem sempre muitas interrogações na cabeça e no coração dos homens a respeito destes temas concretos, porque tocam o seu ser profundo e a sua pessoa. Mas quem acredita em Deus e segue a Jesus Cristo terá que ter sempre capacidade de interiorizar estes assuntos concretos e vivê-los diariamente. E Deus sempre dá respostas concretas ao homem de fé, pelo seu silêncio, ou por acontecimentos diários, quer na vida do próprio homem quer por meio da toda esta criação que é obra querida de Deus. Procuramos então interiorizar aquilo que a Igreja ensina sobre estes temas relacionados com a vida do homem.

#### **3.2.1. Ensino da Igreja sobre a experiência da Cruz e a morte**

A Igreja compreende e ensina a experiência da cruz e da morte do Senhor. A Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, do Vaticano II sobre a Igreja no mundo atual apresenta deste modo o ensinamento da Igreja sobre a morte:

---

<sup>298</sup> *Ib.* p. 174.

“É em face da morte que o enigma da condição humana mais se adensa. Não é só a dor e a progressiva dissolução do corpo que atormentam o homem, mas também, e ainda mais, o temor de que tudo acabe para sempre. Mas a intuição do próprio coração fá-lo acertar, quando o leva a recusar a ruína total e o desaparecimento definitivo da sua pessoa. O germe da eternidade que nele existe, irredutível à pura matéria, insurge-se contra a morte. Todas as tentativas da técnica, por muito úteis que sejam, não conseguem acalmar a ansiedade do homem: o prolongamento da longevidade biológica não pode satisfazer aquele desejo duma vida ulterior, invencivelmente radicado no seu coração.

Enquanto, diante da morte, qualquer imaginação se revela impotente, a Igreja, ensinada pela revelação divina, afirma que o homem foi criado por Deus para um fim feliz, para além dos limites da miséria terrena. A fé cristã ensina, além disso, que a morte corporal – de que o homem teria sido isento se não tivesse pecado – será vencida, quando o homem for, pelo onipotente e misericordioso Salvador, restituído à salvação, que por sua culpa perdera. Com efeito, Deus chamou e chama o homem a unir-se a Ele com todo o seu ser na perpétua comunhão da incorruptível vida divina. Esta vitória, alcançou-a Cristo ressuscitado, libertando o homem da morte com a sua própria morte. Portanto, a fé, que se apresenta à reflexão do homem apoiada em sólidos argumentos, dá uma resposta à sua ansiedade acerca do seu destino futuro; ao mesmo tempo oferece a possibilidade de comunicar em Cristo com os irmãos queridos que a morte já levou, fazendo esperar que eles alcançaram a verdadeira vida junto de Deus” (nº 18).

Este número deixa-nos bem claro como a morte terrena aflige o ser humano, deixando-o cheio de ansiedade. Mas, ao mesmo tempo, esta morte é vencida pelo Senhor, pela sua própria morte. O homem, que perdeu a verdadeira vida do paraíso por sua culpa, tem agora a possibilidade de receber essa verdadeira vida divina que o Salvador veio dar a todos. Ele convida a todos a entrar nessa comunhão com Deus e a viver essa vida divina para sempre. Há uma alusão aos nossos irmãos falecidos que já receberam a vida divina de Deus, que vivem em comunhão com Deus.

O *Catecismo da Igreja Católica*, no segundo capítulo, nos números 616 e 618, apresenta-nos o pensar da Igreja sobre a cruz e a morte. O nº 616 diz:

“Na cruz, Jesus consuma o seu sacrifício. É o «amor até ao fim» (Jo 13,1) que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos a todos no oferecimento da sua vida. «O amor de Cristo

exerce pressão sobre nós, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram» (2 Cor 5,14). Nenhum homem, ainda que fosse o mais santo, estava em condições de tomar sobre si os pecados de todos os homens e de se oferecer em sacrifício por todos. A existência, em Cristo, da Pessoa Divina do Filho, que ultrapassa e ao mesmo tempo abrange todas as pessoas humanas e O constitui cabeça de toda a humanidade, é que torna possível o seu sacrifício redentor por todos.”

Aqui, neste número, percebemos que é o amor fiel, verdadeiro e gratuito, que O leva a morrer pelos outros, para os salvar gratuitamente. E como se não bastasse, deixou rasgar o seu Sacratíssimo Coração, uma vez para sempre, símbolo do amor de Deus pela humanidade. O nº 618, sobre

“A nossa participação no sacrifício de Cristo», diz: A cruz é o único sacrifício de Cristo, «mediador único entre Deus e os homens» (1 Tm 2,5). Mas, porque, na sua Pessoa Divina encarnada, «Ele uniu-Se, de certo modo, a cada homem» (GS 22,2), «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um só conhecido modo de Deus» (GS 22,5). Convida os discípulos a «tomarem a sua cruz e a segui-Lo» (Mt 16,24) porque «sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos» (1 Pe 2,21). De facto, Ele quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários. Isto realiza-se, em supremo grau, em relação a sua Mãe, associada mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor: «Fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao Céu» (Santa Rosa de Lima).”

Comprendemos, por estas palavras, que cada discípulo é chamado a associar-se e a participar no sofrimento e na cruz do Senhor, a exemplo de Maria, sua Mãe. Deste modo, o discípulo também terá força e coragem para encarar e carregar o seu sofrimento e a sua cruz de cada dia e ir atrás do Senhor. Também percebemos que a cruz do Senhor se tornou o símbolo redentor para a humanidade.

Encontramos ainda mais clareza e melhor compreensão sobre o sentido cristão do sofrimento humano na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, do papa S. João Paulo II. Nesta carta o papa procura responder a todas aquelas questões dos porquês e para quês de todo o tipo de sofrimento, à luz da Palavra de Deus. Esta carta passa por todo o AT, destacando o livro de Job. Também salienta a figura do Servo Sofredor do Deutero-

Isaías, onde se encontra o pré-anúncio da paixão de Jesus. E leva-nos para o NT, ao sofrimento salvífico de Jesus. É no sofrimento salvífico de Jesus que encontramos a resposta ao mal, à dor, ao sofrimento, ao pecado e à morte. Ao longo de todo este tempo, esta carta tem sido resposta concreta e convincente da Igreja ao problema e ao mistério do sofrimento para o homem de ontem e de hoje. Esta carta está dividida em trinta e um pontos, tem cinco subtítulos, uma introdução e uma conclusão. Os subtítulos são os seguintes: O mundo do sofrimento humano; Em busca da resposta à pergunta sobre o sentido do sofrimento; Jesus Cristo; O sofrimento vencido pelo Amor; Participantes nos sofrimentos de Cristo; e, por último, o Evangelho do sofrimento. O segundo parágrafo, do nº 13 desta carta, diz-nos: “O Amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem, na Cruz de Jesus Cristo.” É na Cruz que Jesus, com sua paixão, morte e ressurreição, consegue vitória sobre o mal que aflige o homem. O primeiro parágrafo do nº 16 desta carta mostra-nos que Jesus estava

“próximo do mundo do sofrimento humano. «Passou fazendo o bem» (32), e adotava este seu modo de proceder em primeiro lugar para com os que sofriam e os que esperavam ajuda. Curava os doentes, consolava os aflitos, dava de comer aos famintos, libertava os homens da surdez, da cegueira, da lepra, do demónio e de diversas deficiências físicas; por três vezes, restituiu mesmo a vida aos mortos. Era sensível a toda a espécie de sofrimento humano, tanto do corpo como da alma.”

De facto, Jesus viu e experimentou todo o sofrimento humano na sua própria pessoa. E por isso deu a sua vida, gratuitamente, em sacrifício, na cruz, para que os outros tivessem a vida, e a vida em abundância.

No último parágrafo do nº 18 desta carta percebemos que toda a Escritura se cumpre na pessoa e missão de Jesus neste mundo. Diz-nos assim o texto:

“O Sofrimento humano atingiu o seu vértice na paixão de Cristo e, ao mesmo tempo revestiu-se de uma dimensão completamente nova numa ordem nova: ele foi associado ao amor, àquele amor de que Cristo falava a Nicodemos, àquele amor que cria o bem, tirando-o mesmo do mal, tirando-o por meio do sofrimento, tal como o bem supremo da Redenção do mundo foi tirado da Cruz de Cristo e nela se encontra perenemente o seu princípio. A Cruz de Cristo tornou-se uma fonte da qual brotam rios de água viva (52).”

Já que a Redenção do mundo acontece no calvário, na Cruz, por amor, todos são chamados a tomar as suas cruces e ir atrás do Senhor. Diz o último parágrafo do nº 19 desta carta: “Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de Redenção. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, se podem tornar participantes do sofrimento redentor de Cristo.” Deste modo, compreendemos que assim como os homens do passado foram participantes do sofrimento redentor de Cristo, também os homens de hoje e do futuro podem tornar-se participantes do mesmo sofrimento redentor de Cristo. Foi o que a nossa Igreja experimentou ao longo de toda a sua história: os santos mártires e os cristãos perseguidos participaram no sofrimento redentor e salvífico de Cristo. E a Igreja continua a experimentar isso no tempo de hoje, nos seus membros, em diversas partes do mundo. É atual a palavra de S. Paulo: «Agora, alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja» (Cl 1,24). Isto tornou-se verdadeiro na própria vida do papa S. João Paulo II, autor desta carta, que participou por completo no sofrimento redentor e salvífico de Cristo. O papa permaneceu fiel ao seu Mestre, até ao fim da sua vida, no sofrimento que suportou no seu corpo.

O sub-título: O Evangelho do sofrimento desta carta está elaborado em três números: 25, 26 e 27. O nº 25 dá realce importantíssimo à pessoa de Maria, Mãe de Jesus. Ela participou por completo na missão e no sofrimento salvífico do seu Filho Jesus Cristo. Ela, a Mãe dolorosa, a Senhora das Dores, a quem uma espada trespassou a alma, no calvário, na cruz, com a morte do seu Filho primogénito. E cumpriu-se a profecia do velho Simeão. No calvário ela fica trespassada no coração e na alma à maneira do seu Filho. Ela permanece junto do seu Filho, fiel até ao fim. E ali é entregue pelo seu Filho Jesus, a João, o filho humano e representante de todos os outros filhos humanos. Assim percebemos que Maria é o protótipo da Igreja mãe.

O papa Bento XVI também salienta a pessoa de Maria na sua carta encíclica *Spe Salvi* e dedica-lhe dois números: 49 e 50. Nestes números, Bento XVI apresenta Maria como estrela da esperança. Reforça a profecia de Simeão, já referida: «O seu coração ficará trespassado por uma espada». Na cruz, Maria recebe também a nova missão de ser mãe de todos os crentes e seguidores do seu Filho. É ela que completa na sua carne, nos seus

filhos humanos de todos os tempos, como diz S. Paulo, «aquilo que falta aos sofrimentos de Cristo». Este número da carta também realça as marcas profundas do sofrimento que o Senhor suportou no seu corpo para salvação da humanidade. O texto diz: “Cristo conserva no seu corpo ressuscitado os sinais das feridas causadas pelo suplício da Cruz: nas suas mãos, nos seus pés e no seu lado” (nº 25). O sofrimento salvífico do Senhor na cruz, sofrido por amor, foi tão forte que os sinais do sofrimento ficaram para sempre. E o Senhor, depois da sua ressurreição mostrou sempre esses sinais profundos aos seus Apóstolos, discípulos e seguidores para os tornar homens crentes, perseverantes e fiéis até ao fim. Por sua vez, o papa Bento XVI na sua carta encíclica *Spe Salvi* (nº 3) apresenta-nos o exemplo duma santa africana, Josefina Bakhita, que se encontrou pela primeira vez com Deus. Desde pequena foi muito mal tratada e espancada. Foi vendida cinco vezes como escrava. Recebeu 144 cicatrizes no seu corpo. Por fim, encontrou o seu verdadeiro Patrão, «paron», o Deus vivo, o Deus de Jesus Cristo. A este Patrão ela permaneceu fiel até ao fim. Antes dela, Ele também sofreu flagelação e recebeu cinco chagas profundas no seu corpo. Ontem como hoje, o Senhor crucificado e ressuscitado continua a convidar todos a olhar e contemplar o sinal mais importante: o seu Coração trespassado. É símbolo do seu perdão e amor misericordioso pela humanidade.

O papa S. João Paulo II, no nº 30, da sua carta, vem salientar a importância do amor misericordioso e compassivo que aparece na parábola do Bom Samaritano. Perante o sofrimento do próximo, o Bom Samaritano não fica indiferente nem passivo. Reage de imediato. Percebemos que esta parábola «está em profunda harmonia com o comportamento do próprio Cristo» e reflete claramente o programa messiânico do Senhor apresentado pelo profeta Isaías. (61,1-2; Lc 4,18-19) Também é importante perceber que Cristo se identifica por completo com os que sofrem. É o que Ele nos diz em Mateus 25,40: «Em verdade vos digo que tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim o fizestes.» E «tudo o que não fizestes a um destes pequeninos, a mim o deixastes de fazer» (25,45). Deste modo, “Ele próprio está presente em quem sofre, pois o seu sofrimento salvífico foi aberto de uma vez para sempre a todo o sofrimento humano. E todos os que sofrem foram chamados, de uma vez para sempre, a tornarem-se participantes «dos sofrimentos de Cristo» (98).”

Ao olhar para o nosso mundo de hoje, encontramos muita gente solidária, sempre pronta para prestar ajuda ao seu próximo. Encontramos muitos bons samaritanos que continuam a ajudar os mais necessitados, por meio de muitas instituições humanitárias e da Igreja. A instituição *Ajuda à Igreja que Sofre* tem feito um trabalho meritório por todo o mundo, angariando ajuda monetária para chegar aos mais necessitados, como é o caso, atualmente, da Síria e do Iraque. Por sua vez o Papa Francisco tem desafiado constantemente os governantes do mundo para não ficarem indiferentes aos grandes problemas do nosso mundo atual.

### **3.2.2. Ensino da Igreja sobre a vida nova**

A Igreja apresenta a sua compreensão e o seu ensinamento sobre a vida nova na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Vaticano II. O nº 2 diz:

“O Pai Eterno, por decisão inteiramente livre e misteriosa da Sua sabedoria e da Sua bondade, criou todo o universo, e decidiu elevar os homens à participação da Sua vida divina; não os abandonou quando pecaram em Adão, antes lhes proporcionou sempre os auxílios necessários à salvação, em atenção a Cristo Redentor, que é imagem de Deus invisível, o primogénito de toda a criatura (Cl 1,15). A todos os eleitos, que o Pai de antemão conheceu, também os predestinou para serem uma imagem idêntica à do Seu Filho, de tal modo que Ele é o primogénito de muitos irmãos (Rm 8,29). Aos que acreditam em Cristo, deliberou convocá-los para a santa Igreja, a qual, tendo sido prefigurada já desde o princípio do mundo e admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na antiga Aliança, foi constituído, no «fim dos tempos», e manifestada pela efusão do Espírito Santo, e será gloriosamente consumada no fim dos séculos. Nessa altura, como escreveram os santos Padres, todos os justos, desde Adão, «desde o justo Abel até ao último eleito», se encontrarão reunidos na Igreja universal, junto do Pai.”

Aqui se recorda e afirma claramente que Deus Pai bondoso e misericordioso toma a iniciativa de convidar os homens a participar na Sua vida divina. E a vida nova é esta vida divina de Deus, que nos convida a participar nela e a vivê-la em comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e com todos os justos, nossos irmãos.



O nº 4 desta Constituição vem reforçar a vivência desta vida nova pela missão que o Pai confia ao seu Filho:

“Consumada, pois, a missão que o Pai confiara ao Filho para realizar na Terra (cf. Jo 17,4), foi o Espírito Santo enviado, no dia do Pentecostes, para santificar continuamente a Igreja e assim dar aos crentes a possibilidade de, por Cristo e no mesmo Espírito, terem acesso ao Pai (cf. Ef 2,18). Ele é o Espírito da vida, ou a fonte da água que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4,14; 7,38-39); por Ele, o Pai dá vida aos homens mortos pelo pecado, até que ressuscitem em Cristo os seus corpos mortais (cf. Rm 8,10-11). O Espírito Santo habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19); neles ora e dá testemunho da adoção de filhos (cf. Gl 4,6; Rm 8,15-16.26). O Espírito Santo conduz a Igreja ao conhecimento da verdade total (cf. 16,13), une-a na comunhão e no ministério, enriquece-a e dirige-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos, e embeleza-a com os seus frutos (cf. Gl 4,11-12; 1Cor 12,4; Gl 5,22).”

Deste modo, compreendemos que a vida nova é a vida eterna. É a vida vivida em comunhão com a Santíssima Trindade e com todo o povo de Deus. A Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, no terceiro parágrafo do nº 22, diz:

“Cordeiro inocente, pelo seu sangue voluntariamente derramado, mereceu-nos a vida e n’Ele Deus nos reconciliou consigo e conosco, libertou-nos da escravidão do diabo e do pecado, de tal modo que cada um de nós pode dizer com o Apóstolo: o Filho de Deus «amou-me e entregou-se a si mesmo por mim» (Gl 2,20). Padecendo por nós, não nos deu somente o exemplo para seguirmos os seus passos, mas rasgou um caminho que, ao segui-lo, a vida e a morte tornam-se santas e adquirem um sentido novo.”

Assim se afirma claramente que Jesus, pela sua paixão, morte e ressurreição, que assumiu por amor e pela salvação da humanidade, nos promete a vida eterna, a vida nova, a vida de ressurreição com Ele. Para que, pela sua paixão, morte e ressurreição, tenhamos a vida e a vida em abundância. É assim que a Igreja nos ensina sobre a vida nova, a vida em Deus.

Também o *Catecismo da Igreja Católica*, nos números 1026 e 1027 do artigo 12, se refere ao mesmo assunto, a vida nova:

“Pela sua Morte e Ressurreição, Jesus Cristo «abriu-nos» o Céu. A vida dos bem-aventurados consiste na posse, em plenitude, dos frutos da redenção operada por Cristo, que associa à sua glorificação celeste aqueles que n’Ele acreditaram e permaneceram fiéis à sua vontade. O Céu é a comunidade bem-aventurada de todos os que estão perfeitamente incorporados n’Ele.

Este mistério de comunhão bem-aventurada com Deus e com todos os que estão em Cristo ultrapassa toda a compreensão e toda a representação. A Sagrada Escritura fala-nos por imagens: vida, luz, paz, banquete, núpcias, vinho do Reino, casa do Pai, Jerusalém celeste, paraíso: o que «nem os olhos viram, nem os ouvidos escutaram, nem jamais passou pelo pensamento do homem, o que Deus preparou para aqueles que O amam» (1 Cor 2,9).”

Pois todos aqueles que são fiéis ao Senhor e permanecem fiéis até ao fim, já antecipam de certa forma a vida em Deus, a vida divina, aqui na terra. O próprio Jesus nos revela: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim» (Jo 14,6). Deste modo, acreditando e seguindo Jesus, vivemos a verdadeira vida e Jesus guia-nos até ao Pai. Assim entramos em comunhão com Deus, a fonte de toda a vida divina, a vida nova.

Por sua vez, o papa S. João Paulo II, na sua Carta Apostólica: *Salvifici Doloris*, no nº 25, último parágrafo, convida todos os cristãos a não terem medo das perseguições, sofrimentos e tribulações neste mundo. Porque o Senhor Jesus venceu definitivamente o mundo com a sua paixão, morte e ressurreição. Portanto, o cristão também deve permanecer fiel até ao fim, neste mundo. Assim, depois da sua morte, terá a vida nova, a vida da ressurreição no Senhor. No nº 30, parágrafo 3, desta carta, o papa também salienta “na perspectiva da vida eterna, o «parar», como fez o Bom Samaritano, junto do sofrimento do seu próximo, o ter «compaixão» dele, e por fim, ajudá-lo.” Pois, para ter acesso à vida eterna, é preciso fazer como fez o Bom Samaritano perante o sofrimento do seu próximo. É preciso ter entranhas de compaixão e misericórdia junto dos que sofrem. Procurar fazer aquilo que nos compete como o Bom Samaritano. Nas mãos de Deus deixamos o resto, pois Ele faz a sua parte.

O papa Bento XVI, no nº 27 da sua carta encíclica *Spe Salvi*, vem dizer-nos em que consiste a vida eterna e como é vivida, destacando sobretudo a relação. Citando: «a vida eterna consiste nisto: Que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste» (Jo 17,3). Diz-nos ainda:

“A vida, no verdadeiro sentido, não a possui cada um em si próprio, sozinho, nem mesmo por si só: aquela é uma relação. E a vida, na sua totalidade, é relação com Aquele que é a fonte da vida. Se estivermos em relação com Aquele que não morre, que é a própria Vida e o próprio Amor, então estamos na vida. Então, «vivemos»” (nº 27).

O «parar» e o ter «compaixão», como fez o Bom Samaritano, é destacado pelo papa S. João Paulo II, na sua carta *Salvifici Doloris*. Ainda o papa Bento XVI, no nº 28 da *Spe Salvi*, salienta «para todos» e o «ser para...». E cita: «Cristo morreu por todos, para que os viventes não vivam para si, mas para Aquele que morreu por todos» (2Cor 5,15). Deste modo, compreendemos que ninguém vive para si mesmo, nem morre para si mesmo e nem se salva a si mesmo. Tudo acontece por Cristo, com Cristo e em Cristo. Assim, pela sua morte e ressurreição, ficamos envolvidos por Ele e entramos em comunhão com Ele e com os outros irmãos. A vida nova é esta vida de comunhão que somos chamados a viver com a Santíssima Trindade e com os nossos irmãos e irmãs. Para reforçar este aspeto da vida «para todos» e «ser para», Bento XVI cita santo Agostinho, sobre o que é

“uma vida totalmente nova: «Corrigir os indisciplinados, confortar os pusilânimes, amparar os fracos, refutar os opositores, precaver-se dos maliciosos, instruir os ignorantes, estimular os negligentes, travar os provocadores, moderar os ambiciosos, encorajar os desanimados, pacificar os litigiosos, ajudar os necessitados, libertar os oprimidos, demonstrar aprovação aos bons, tolerar os maus e [ai de mim!] amar a todos». É o Evangelho que me assusta – aquele susto salutar que nos impede de viver para nós mesmos e que nos impele a transmitir a nossa esperança comum” (cf. *Spe Salvi*, nº 29).

É assim que se deve viver a vida que Deus nos deu: procurar viver para os outros, amando, para bem dos nossos irmãos. Quando é vivida deste modo, a vida torna-se a vida nova, a vida divina.

### **3.3. A visão de Arnaldo e possíveis conclusões**

Arnaldo tem uma visão clara e integral da vivência do sofrimento, morte e ressurreição, à luz da devoção ao Sagrado Coração. Os seus dois lemas programáticos estão bem

claros: «Viva o Coração de Jesus nos corações dos homens» e «Viva Deus Uno e Trino em nossos corações!». De facto, Arnaldo procurou viver intensamente estes dois lemas durante toda a sua vida. E ajudou também os seus missionários e missionárias a viver o mesmo nas suas vidas. O Sagrado Coração de Jesus foi o objeto de toda a sua devoção. Neste Sagrado Coração de Jesus, Arnaldo encontrou a morada da Santíssima Trindade e também a morada de toda a humanidade. O Coração trespassado de Jesus é o símbolo do seu amor e perdão para toda a humanidade. O Senhor Jesus sofre, morre e ressuscita por amor pela humanidade. Depois de morrer, deixou aberto o seu Coração para que todos encontrem neste Sacratíssimo Coração a fonte de todas as bênçãos, perdão, graças, e a salvação de Deus. Este Coração trespassado é prova e símbolo de que Deus ama toda a humanidade. Por isso, estas marcas da prova do seu amor pela humanidade, ficaram para sempre no Senhor Jesus. E o Senhor Jesus ressuscitado mostrou e convidou os seus discípulos a serem contemplativos do seu Coração trespassado. Aí, os homens encontrarão tudo que é essencial para a sua vida diária. Os homens abatidos, tristes, desanimados e sofredores encontrarão o repouso, o conforto, o alívio, a força, o ânimo, o amor e a ternura. Encontrarão também a certeza de que Deus ama a todos e não abandona ninguém. Deus convida todos os homens a entrarem neste Sacratíssimo Coração e assim entrarem na comunhão com a Santíssima Trindade. Arnaldo convida toda a gente a confiar no amor do Coração trespassado de Jesus.

### **3.3.1. Como deve um cristão viver a morte e a ressurreição, à luz da devoção ao Sagrado Coração**

Um cristão, na sua vida diária, é chamado a fazer experiência do amor de Deus no Sagrado Coração de Jesus. Ao conhecer o Sagrado Coração de Jesus e o seu amor, um homem ou uma mulher crente deve viver a sua vida com mais confiança. A devoção ao Sagrado Coração deve ajudar o cristão a encarar com mais confiança o sofrimento e a morte. Quer na compreensão de Arnaldo, quer nos ensinamentos da Igreja, está bem claro como o cristão deve viver a morte e a ressurreição, à luz da devoção ao Sagrado Coração. Segundo Arnaldo, o homem crente deve viver a morte e a ressurreição à maneira dos mártires. Eles permaneceram fiéis ao Senhor do Coração trespassado até ao fim. Com as suas mortes não só participaram na paixão, morte e ressurreição de Jesus do Coração trespassado, mas também deram um testemunho eloquente do amor misericordioso de Deus. Neste Coração trespassado encontraram o seu refúgio. Uniram-

se por completo e entraram em comunhão no Sagrado Coração, com a Santíssima Trindade. Tornaram-se um com a Santíssima Trindade. Portanto, um cristão deve permanecer firme em todo o tempo no Senhor do Coração trespassado. Porque o próprio Senhor Jesus pediu e convidou os seus discípulos dizendo: «permanecei no meu amor!» (Jo 15,9). Os discípulos participaram no banquete de amor preparado pelo Senhor. E “beberam do sangue do seu Coração e do seu amor”<sup>299</sup> que os levou a permanecer fiéis no mesmo amor. Fizeram experiência da vida pública, da paixão, morte e ressurreição do seu Mestre e Senhor do Coração trespassado. Por isso, também quiseram fazer a mesma experiência do seu Senhor nas suas próprias vidas, uma vez fortalecidos pelo Espírito Santo, o dom do Senhor Ressuscitado. Desde início quiseram viver nas pequenas ou grandes comunidades eclesiais e fazer a experiência do Senhor Jesus do Coração trespassado. Por seu lado o Senhor Jesus do Coração trespassado animou-os a estar e a viver em comunidade. Assim, procurou salientar e indicar a Comunidade e a Comunhão ideal da Santíssima Trindade. Em duas passagens dos evangelhos se realça a importância de estar e viver em comunidade e em comunhão: a experiência do Apóstolo S. Tomé (Jo 20,27-29), que na comunidade fez experiência profunda do Senhor Jesus Crucificado e Ressuscitado, a quem o Senhor convidou a tocar nas suas santas chagas (o Coração aberto) e a ser um homem crente e contemplativo, ajudando-o assim a mergulhar no seu Sagrado Coração, para entrar na verdadeira comunidade e comunhão da Santíssima Trindade; e a experiência dos dois discípulos de Emaús (Lc 24,13-35): «Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém e encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros...» (v. 33).

Por isso, à luz destas experiências dos Apóstolos e discípulos do Senhor, o cristão nunca deve viver isolado e sozinho. Sempre deve procurar viver numa comunidade, numa paróquia com outros irmãos cristãos. Também deve procurar fazer experiência da paixão, morte e ressurreição do Senhor, como os Apóstolos e os discípulos, com outros irmãos e irmãs da mesma fé em Cristo. O cristão é sempre uma pessoa crente que vive a sua fé numa comunidade crente. Ao olhar e contemplar o Sagrado Coração, fonte de todo o amor e de todas as graças, o cristão também compreende que o verdadeiro amor não morre nunca. Permanece sempre com chagas abertas, sofridas por amor dos pecadores até depois da ressurreição. E pela sua principal santa chaga, o Sagrado

---

<sup>299</sup> *Ib.* p. 180.

Coração continua a convidar todos a entrar e mergulhar no seu amor e viver em comunhão com a Santíssima Trindade, eternamente. Com este amor do Sagrado Coração o cristão também chega a compreender que é morrendo que se vive para a vida eterna, para a ressurreição. Bem diz S. João, no seu Evangelho (12,24): «Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas, se morrer, dá muito fruto». Assim, à maneira do grão de trigo lançado à terra, o cristão, morrendo para o seu orgulho, para o seu egoísmo e para a sua vida de pecado, começa a viver para o Senhor, e é então que dá muito fruto. E dando muito fruto, vive eternamente com outros irmãos que também deram muito fruto. Deste modo o Sagrado Coração torna-se a morada para todos aqueles que seguem o Senhor Jesus Crucificado e Ressuscitado. E que um dia o cristão possa dizer, à maneira do Apóstolo dos gentios: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2,20). Que a Sua vida seja a vida de cada cristão que vive neste mundo. Quando o cristão está consciente deste grande dom da vida de Cristo em si, então ele já não vive para si mesmo, mas vive para os outros. Dá a sua vida para os outros irmãos, à maneira de Jesus do Coração trespassado «para que tenham a vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10b).

Durante a sua vida, Arnaldo sempre suplicou ao Coração divino: “Inflamai todos os corações com o vosso santo e doce amor!”<sup>300</sup> Arnaldo queria que o Coração divino contagiasse, com o seu amor, todos os cristãos. E que os cristãos vivessem como o Coração divino que amou e continua a amar todos. Assim como Ele ama ardentemente seu Pai, que todos os cristãos aprendam a conhecer e a amar também o Pai. O Coração divino revelou-nos o amor do Pai para com a humanidade. Neste amor do Pai aparece bem clara a sua própria vontade: “Jesus devia assumir, com amor, a salvação do género humano como sua tarefa. Quão grandioso e adorável foi sempre esse amor de Cristo aos pecadores, e como continua sendo sempre o mesmo!”<sup>301</sup> Este amor pelo Pai e pelos pecadores O inflamava. O “seu Coração ansiava pela expiação e satisfação, e, pelo sacrifício e paixão, procurou afastar para longe toda a abominação e ultraje ao Pai.”<sup>302</sup> Por isso padeceu, tomando sobre si a culpa e o castigo dos pecadores, para eliminar e liquidar por completo o mal. De facto,

---

<sup>300</sup> *Ib.* p. 180.

<sup>301</sup> *Ib.* p. 180.

<sup>302</sup> *Ib.* p. 180.

“o Coração de Jesus estava doente de tanto amor pela causa do Pai e dos pecadores. Uma santa tristeza o envolvia, e ardia de desejo para ajudar. Esse amor sofredor e compassivo, esse amor de expiação e de penitência do Coração divino deve compenetrar-nos e forçar-nos a reagir. Isso faz parte do seguimento de Jesus e da prática da devoção ao Coração divino. Quanto sofreram as almas amantes de Deus por causa de ultrajes ao Criador e a desgraça dos pecadores! Lembremo-nos das almas imoladas nos claustros, que dia e noite se consomem, padecendo de amor em santa tristeza, em zelo penitente e em reparação. «Cáritas patiens est» - sim, o amor é padecimento, como Cristo padeceu de amor.”<sup>303</sup>

Assim o cristão, sendo um verdadeiro seguidor de Cristo, deve procurar viver a morte e a ressurreição à luz da devoção ao Sagrado Coração. Os sentimentos do Sagrado Coração devem ser os seus sentimentos. E que procure vivê-los trabalhando pela honra ao Pai e pela salvação dos pecadores, à maneira do Coração divino. Desse modo, os cristãos, aqui na terra, como os santos, no céu, chegam a ser efetivamente filhos no Filho Primogénito de Deus Pai. Assim, todos podem viver juntos em comunhão com a Santíssima Trindade.

Por esse motivo, Arnaldo dizia: “Oxalá os homens, em vez das caducas quinquilharias e fúteis bagatelas, se decidissem pelo amor a Nosso Senhor! Como seriam felizes! Sempre famintos e sequiosos, e não obstante, saturados pela matéria, na certa, achariam um indescritível consolo e paz já aqui na terra, e garantia para a eternidade.”<sup>304</sup> É isso que os cristãos de hoje têm de testemunhar no mundo. Que vivam decididos pelo amor do Senhor do Coração trespassado e n’Ele permaneçam para sempre. Porque Jesus venceu a morte uma vez, para sempre permanece fiel ao seu Pai com o seu Coração aberto, mostrando que Deus ama a todos hoje e sempre. Que os cristãos tenham coragem e confiança em “penetrar no amor do Coração divino de Jesus, magnânimo, sacrificado, atuante, lutador, penitente, cruento, agonizante e triunfante.”<sup>305</sup> Desta forma, cada cristão é chamado a renovar e a pôr em prática os dois lemas programáticos de Arnaldo, quer na sua vida, quer na vida dos homens e mulheres do mundo de hoje e de amanhã: «Viva o Coração de Jesus nos corações dos homens!» E «Viva Deus Uno e Trino em nossos corações!» Arnaldo compreendeu profundamente “como o amor

---

<sup>303</sup> *Ib.* p. 180.

<sup>304</sup> *Ib.* p. 181.

<sup>305</sup> *Ib.* p. 181.

divino se difundiu generoso no Coração de Jesus, assim, por este e deste Coração, quer inundar os corações dos homens, fazendo-os bons como Deus é bom!”<sup>306</sup> Assim os cristãos se tornam verdadeiros filhos do Pai que é Deus bom. Assim os cristãos também se tornarão sacrários do Sagrado Coração e moradas de Deus Uno e Trino: a Santíssima Trindade. Esta será a grande missão que cada cristão terá que cumprir enquanto viver neste mundo: que seja um sacrário do Sagrado Coração e morada da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo.

### **3.3.2. Como deve um missionário do Verbo Divino viver a morte e a ressurreição à luz dos ensinamentos de Arnaldo sobre a devoção ao Sagrado Coração**

Desde cedo, Arnaldo introduziu grandes práticas da devoção ao Sagrado Coração que ele próprio viveu intensamente, ao longo de toda a sua vida. Nós, os Missionários do Verbo Divino, também devemos procurar viver as mesmas práticas que o nosso fundador introduziu da devoção ao Sagrado Coração. Essas práticas ajudariam o missionário a viver da melhor maneira a morte e a ressurreição. Arnaldo afirma:

“Junto com o amor a Deus devemos amar o próximo, «assim como Cristo nos amou». O sumo efeito desse amor é a salvação das almas. Todos os confrades devem vibrar com todas as suas fibras pela salvação das almas. Não há obra mais elevada e mais sublime, nenhuma é mais necessária nem abrangente do que salvar almas. Para realizá-la o Verbo eterno se encarnou. O vermelho do nosso cingulo nos deve lembrar o amor do Coração divino, assim como o seu sangue derramado e o sangue dos mártires, lembrando que cada um esteja pronto a dar seu sangue por Nosso Senhor. A nossa oferta, apresentamos ao Coração de Jesus que deve servir para realizar os anelos desse Coração, para se cumprirem os seus santos desejos na salvação e santificação das almas.”<sup>307</sup>

Por isso, um missionário do Verbo Divino é chamado a ser um constante colaborador do Sagrado Coração de Jesus na salvação e santificação das almas. É esta grande missão que um missionário do Verbo Divino deve realizar enquanto viver neste mundo. É morrendo pela salvação dos irmãos, por amor, que se vive para a vida eterna. Portanto, um missionário do Verbo Divino não deve ter medo da sua missão, nem do sofrimento (a cruz), nem da morte. Em certa altura “um dos nossos missionários de Papua Nova

---

<sup>306</sup> *Ib.* p. 181.

<sup>307</sup> *Ib.* p. 181.



Guiné comentou, após um começo miseravelmente desconfortante: «O que me fez seguir adiante foi o facto de eu me sentar cada noite na minha cama e contemplar a minha cruz missionária». Eis aqui a fonte da nossa força.<sup>308</sup> Compreendemos mais profundamente aquilo que S. Paulo diz e procura conhecer de Jesus: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2,20). «Assim, posso conhecê-lo a Ele, na força da sua ressurreição e na comunhão com os seus sofrimentos, conformando-me com Ele na morte» (Fl 3,10).

Encontramos esta mesma compreensão num dos antigos gerais dos Missionários do Verbo Divino, o P. Schütte. Quando estava na prisão, na China, escreveu uma nota em que diz: “A Cruz de Cristo deve ser o livro que lerei e voltarei a ler. Neste livro meditarei; dia e noite tê-lo-ei aberto diante dos meus olhos. Dele tirarei forças tratando de me santificar.”<sup>309</sup> É aqui, neste livro da Cruz, que um missionário do Verbo Divino compreenderá profundamente o sofrimento, a morte e a ressurreição do Senhor. É aqui, nesta Cruz, que terá acesso ao Sagrado Coração de Jesus, cheio de amor pela humanidade. É aqui, também, que compreenderá melhor os lemas programáticos de Arnaldo. Por isso, à maneira dos perseguidos e dos mártires, um missionário do Verbo Divino deve permanecer firme todo o tempo no Senhor Jesus Crucificado e Ressuscitado do Coração aberto, no sofrimento e na morte. Desde o começo da Congregação do Verbo Divino, Arnaldo introduziu a celebração da eucaristia, na 1ª sexta-feira de cada mês, em honra e pelas intenções do Sagrado Coração de Jesus. Esta prática ainda hoje é vivida seriamente pelos missionários do Verbo Divino, por todo o mundo. Também para isto chamam a atenção as Constituições dos Missionários do Verbo Divino (Const. 405.2). Em todas as casas da Congregação do Verbo Divino se vivia intensamente o mês de junho, o mês do Sagrado Coração de Jesus. Os missionários seguiam as grandes práticas como a adoração ao Santíssimo Sacramento, a novena em honra do Sagrado Coração, antes da festa, etc. Desde o tempo de Arnaldo e depois, durante muitas décadas, rezava-se fervorosa e regularmente, em todas as casas, as orações dos Quartos de Hora, os lemas programáticos já referidos, transformados em oração, etc. Assim se notou o crescimento de vocações na Congregação, fruto da oração. A Congregação continua a acolher o fruto da intensa oração e do labor missionário. Contudo, os missionários do Verbo Divino de hoje e de amanhã têm de

---

<sup>308</sup> P. McHUGH, svd, o. c., p. 132.

<sup>309</sup> *Ib.* p. 132.

renovar a sua vida de oração e o compromisso missionário, à maneira do seu fundador. Têm de ser homens de joelhos diante de Deus e homens de intenso trabalho, como o seu fundador.

Portanto, um missionário do Verbo Divino, na sua vida diária, deve procurar pôr em prática os ensinamentos do seu fundador sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Arnaldo experimentou a tripla prática sobre a devoção ao Sagrado Coração que cada missionário do Verbo Divino também deve experimentar na sua vida. A primeira é “de se unir intimamente a Jesus e encerrar-se em seu Sagrado Coração.”<sup>310</sup> Isso, Arnaldo experimentava na sua vida diária. De facto, Arnaldo vivia desta forma, numa íntima união com o Sagrado Coração de Jesus e, por meio do Sagrado Coração, em íntima união e comunhão com a Santíssima Trindade. Nesta união e comunhão com o Sagrado Coração, Arnaldo também tinha presente, toda a sua obra missionária, sobretudo todos os seus missionários. A segunda prática é “de beber do Coração de Jesus as águas da graça do Espírito Santo.”<sup>311</sup> Tomando o texto do profeta Isaías 12,3: «Tirareis água com alegria das fontes da salvação», afirmou nas suas conferências: “O Coração de Jesus é esta fonte, este rio transbordado do Salvador.”<sup>312</sup> Aqui, aparece um claro convite, da parte de Arnaldo: cada missionário do Verbo Divino deve ir saciar a sua sede nesta fonte: o Sagrado Coração. Também se nota aqui “o cumprimento da promessa formulada a santa Margarida Maria; não porei medida ou limites às minhas graças, àqueles que as procuram no meu Coração.”<sup>313</sup> Ao mesmo tempo, a Regra do Verbo Divino de 1885, (nº 216) também expressa a mesma compreensão:

“... o Coração de Jesus, pelo Espírito Santo que vem d’Ele, vivifica-nos e nos une com Ele. Daí, voltemos a este grande sacrário de graças e amor para beber ali as águas das graças do Espírito Santo para nós e para toda a Igreja, em especial para aqueles que têm sido postos sob o nosso cuidado.”<sup>314</sup>

A Regra de 1891 retoma a mesma ideia das afirmações anteriores, dizendo: “No Sacramento da Eucaristia, os irmãos podem beber as ricas graças do Espírito Santo do mesmo Coração de Jesus, pois Ele diz de si mesmo: «Eu sou o Pão da vida que desceu

---

<sup>310</sup> *Ib.* p. 118.

<sup>311</sup> *Ib.* p. 118.

<sup>312</sup> *Ib.* p. 118.

<sup>313</sup> *Ib.* p. 118.

<sup>314</sup> *Ib.* p. 118.

do céu» (Jo 6,51) (Nº 55).<sup>315</sup> Nestas afirmações de Arnaldo, um missionário do Verbo Divino compreende com clareza que no Sagrado Coração de Jesus encontrará as graças do Espírito Santo e ao mesmo tempo encontrará o próprio Espírito Santo, dador de todas as graças. Portanto, os Missionários do Verbo Divino devem procurar esta íntima união com o Sagrado Coração de Jesus na sua vida diária.

Por fim, a terceira prática que Arnaldo incentivava a cada um dos seus missionários é

“de ser alimentado pelo Sagrado Coração, como o ramo extrai a sua vida do caule, permitindo que todo o seu ser receba d’Ele a sua animação. Jesus é o único canal de vida da Santíssima Trindade, particularmente das graças do Espírito Santo. A oração dos Quartos de Hora, de Arnaldo, obedece ao propósito de fazer da nossa jornada algo inteiramente vivido n’Ele, com Ele e por Ele.”<sup>316</sup>

Assim, fica bem claro para um Missionário do Verbo Divino que a sua vida terá mais sentido se estiver unida e alimentada pelo Sagrado Coração de Jesus. Por isso, um missionário do Verbo Divino tem de ser um homem comunitário. Tem de ser um homem de comunhão e união. Tem de procurar entrar cada vez mais e mais no Sagrado Coração para poder entrar na união e comunhão com a Santíssima Trindade. Um missionário, vivendo na sua comunidade religiosa, e ao fazer o trabalho missionário e pastoral, também deve ajudar os que estão confiados ao seu cuidado a entrar e viver no Sagrado Coração, fonte de todas as graças. E sobretudo deve ajudar a todos a chegar a esta união e comunhão com a Santíssima Trindade e a viver eternamente com Deus Uno e Trino.

Termino aqui este último capítulo, no qual tratei e aprofundei a teologia do Sagrado Coração de Jesus, nos ensinamentos de Arnaldo. Dividi este terceiro capítulo em três pontos: 1º) Sagrado Coração e Verbo Encarnado (sua relação); 2º) Ensinamentos da Igreja sobre o sofrimento, a morte e a ressurreição ou a vida nova; 3º) Visão de Arnaldo e possíveis conclusões.

---

<sup>315</sup> *Ib.* p. 118.

<sup>316</sup> *Ib.* p. 118.

Aprofundei cada um destes pontos. Quanto ao terceiro, (visão de Arnaldo e conclusões) concluí que um cristão, uma pessoa crente, ou um missionário do Verbo Divino, deve procurar ser uma pessoa de comunhão e de união, à maneira de Arnaldo. Pela sua profunda devoção ao Sagrado Coração de Jesus, Arnaldo não só encontrou a sua morada n'Ele mas também a morada de todos os homens crentes. Ainda mais: não só descobriu no Coração de Jesus a fonte de todas as graças mas, sobretudo, o Sacrário da Santíssima Trindade. Por isso, cada cristão, cada missionário, é convidado constantemente a entrar no Coração de Jesus para viver em comunhão e união com a Santíssima Trindade, para sempre. Assim, cada cristão, cada missionário, será um homem comunitário. Seguindo esta lógica, Arnaldo fundou três congregações religiosas: os Missionários do Verbo Divino, as Missionárias Servas do Espírito Santo e as Missionárias Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua. Incentivou os seus missionários a viver em comunidade em todos os lugares de missão. Deste modo, quis salientar que a vida dum cristão ou dum missionário é uma vida comunitária-trinitária, cujo fundamento é a própria Santíssima Trindade, que tem a sua sede no Sagrado Coração de Jesus.

Concluo este capítulo, e este trabalho de tese, dirigindo o convite a cada cristão e a cada Missionário do Verbo Divino, para serem homens comunitários e, sobretudo através do Sagrado Coração, a entrarem numa relação de comunhão e união com a Santíssima Trindade.

## CONCLUSÃO

Ao finalizar este trabalho de investigação sobre o tema do Sagrado Coração de Jesus na vida de Arnaldo Janssen, gostava de apresentar aqui algumas conclusões que considero pertinentes e oportunas.

Arnaldo teve um ambiente familiar muito bom, no qual os seus pais o ajudaram a crescer na confiança total, na oração e reverência para com Deus, seu Criador. Esta confiança total dos seus pais ajudou Arnaldo desde cedo a ter confiança total em Deus. Depois de aceitar o trabalho do Apostolado de Oração, a sua vida foi mudando. Ao longo do tempo, Arnaldo soube discernir a vontade de Deus e realizar na sua vida aquilo que Deus esperava dele. A confiança em Deus levou-o a fazer muitas coisas. Pelo Apostolado de Oração veio a contactar com muitas pessoas. Do contacto com o mundo missionário lhe veio a inspiração e o convite para fundar a casa missionária. Dessa casa missionária surgiu a Congregação dos Missionários do Verbo Divino. E mais tarde, surgiram duas Congregações femininas: Missionárias Servas do Espírito Santo e Missionárias Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua. À volta destas três Congregações ficaram envolvidos muitos leigos e benfeitores, através da revista *O Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração*, de calendários, postais, retiros, conferências, etc. Arnaldo levou uma vida de profunda oração, de total confiança em Deus e de incansável trabalho. Um cristão ou missionário/a também deve procurar viver nesta confiança total em Deus, que ama a todos e não abandona ninguém.

Ao longo da história da Igreja, em cada época, homens e mulheres crentes tiveram um convite especial feito pelo Sagrado Coração de Jesus. Uns foram convidados a repousar no Sagrado Coração. Outros foram convidados a contemplar com um olhar fixo no Coração aberto do Senhor. Outros ainda foram convidados a entrar no Sagrado Coração e a viver com Ele em íntima união. E ainda outros foram convidados a receber revelações e a divulgar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus por todo o mundo. Outros encontraram no Sagrado Coração o amor, o perdão, a compaixão, a ternura e todas as graças necessárias para as suas vidas. Hoje também o Sagrado Coração de Jesus continua a convidar a todos para estar com Ele e a encontrar n'Ele as graças necessárias para cada um.

Arnaldo sentiu a inspiração de se encerrar no Sagrado Coração e aí descobriu a morada da humanidade e, sobretudo, a sede da Santíssima Trindade. Pela sua intensa devoção, Arnaldo adentrando e mergulhando no Sagrado Coração, aí encontrou os seus tesouros: a habitação da Santíssima Trindade, o Sagrado Coração é do Verbo Eterno. E o Sagrado Coração também é «a alma de Cristo». Por fim, o Sangue do Sagrado Coração é precioso porque está impregnado pelo Espírito Santo e enche-nos com o seu alento. Com esta interiorização, Arnaldo também compreendeu que uma pessoa crente deve procurar ser na sua vida a morada do Sagrado Coração. E através do Sagrado Coração de Jesus, também deve procurar ser a morada da Santíssima Trindade. Por isso, desde o início da fundação da Congregação do Verbo Divino, Arnaldo elaborou dois lemas programáticos para os seus missionários: «Viva o Coração de Jesus nos corações dos homens!» e «Viva Deus Uno e Trino em nossos corações!» No passado, desde o tempo do fundador, os missionários rezavam várias vezes por dia estes dois lemas em forma de oração. Hoje também procuram fazê-lo; mas é um desafio para cada missionário rezar estes lemas e ajudar outros fazerem o mesmo. Mais que isso, um missionário do Verbo Divino deve procurar fazer tudo para que estes dois lemas se tornem realidade na sua vida e na vida de todos aqueles que estão confiados ao seu cuidado.

Outro desafio que se coloca a cada missionário do Verbo Divino é a tríplice prática da devoção ao Sagrado Coração de Jesus que Arnaldo viveu. Esta tríplice prática teve um significado singular na vida de Arnaldo. A primeira é unir-se a Jesus intimamente e encerrar-se no seu Sagrado Coração. Arnaldo cumpria esta prática diariamente na missa; e, antes de deixar o altar, encerrava-se a si mesmo no Sagrado Coração. A segunda é beber do Coração de Jesus as águas da graça do Espírito Santo (Is 12,3). Esta prática levou-o a aprofundar a devoção ao Espírito Santo que já vinha a interiorizar desde a casa paterna. Por fim, Arnaldo pôs em prática ser alimentado pelo Sagrado Coração diariamente, comparando a sua vida com um ramo que está ligado à videira (Jo 15,5), da qual recebe a vida e a força. Deste modo, Arnaldo desafia e convida os missionários a pôr esta tríplice prática nas suas vidas. Assim se sentirão envolvidos no amor de Deus e viverão a vida de Deus, produzindo fruto abundante, enquanto viverem neste mundo.

Na sua herança sobre o Sagrado Coração de Jesus, Arnaldo deixou mais um desafio para os seus missionários. Ele compreendeu o Sagrado Coração «como a melhor escola para uma vida cristã». Esta escola é apresentada em três partes: a primeira é a escola de

virtudes; a segunda, a da oração; a terceira, a do sofrimento. Como herdeiros desta herança de Arnaldo, cada missionário do Verbo Divino, na sua vida diária, deve procurar pôr em prática as virtudes que ele próprio viveu: a virtude da humildade e as virtudes teologais. Pedia aos seus missionários que fizessem da humildade o fundamento de todas as virtudes. Bem disse alguém que a humildade é mãe de todas as virtudes. Ela é porta por onde entram todas as virtudes na vida do homem. Um missionário do Verbo Divino é chamado a seguir Cristo no seu humilde serviço ao próximo. É preciso tornar-se um missionário «de toalha e água», como expressa João no seu Evangelho (13,15), imitando o exemplo do Verbo Encarnado, «cujas vida foi de amor e serviço» (Const. 125).

A segunda parte desta escola é serem homens orantes. Segundo Arnaldo, o homem aprende a rezar do Sagrado Coração, que de facto é a realidade interior do Filho, inteiramente, dirigida ao Pai. Esta relação orante do Filho com o Pai está bem patente nos Evangelhos. Cada missionário é desafiado a entrar na escola do Sagrado Coração para aprender a entrar nesta relação orante do Filho com o Pai. Os missionários, ao longo da sua vida, devem procurar ser filhos no Filho na relação com Deus Pai. Ao longo do seu viver, Arnaldo passou o seu tempo a orar e a trabalhar. Rezava muitas vezes prostrado ou de joelhos, às vezes longas horas durante a noite. E colheu fruto abundante pela sua vida de oração profunda. Cada missionário está desafiado a ser homem de joelhos, de oração, à maneira do seu fundador.

Na terceira parte da escola do Sagrado Coração aprende-se a aceitar o sofrimento. Arnaldo pede que os seus missionários preguem Cristo Crucificado. Cada missionário deve procurar pregar a cruz e o amor do Coração de Jesus, plenamente revelado na cruz. Por isso na Congregação do Verbo Divino há a chamada cerimónia da cruz missionária e do envio. Arnaldo introduziu esta prática na Congregação. E chegou a enviar muitos missionários com a cruz missionária para as missões no mundo. Nesta celebração, cada um dos novos missionários, sacerdotes recém-ordenados e irmãos professos, recebe a cruz missionária. E são enviados em missão com esta cruz missionária de Cristo. Essa cruz recorda aos missionários a paixão, a morte, o Coração aberto e a ressurreição do Senhor. Deste modo, o missionário está desafiado constantemente a seguir Jesus Crucificado e ressuscitado, na sua missão diária. O missionário deve saber aceitar os sofrimentos, contrariedades e perseguições inerentes à sua missão. Não pode andar a

fugir dos sofrimentos e perseguições, de um lugar para outro. Tendo optado por seguir Cristo, precisa de encarar tudo o que aparece com paciência, como Jesus do Coração trespassado. Assim, ao levar a cruz missionária ao peito, o missionário também é desafiado a participar na missão salvífica de Cristo na sua vida quotidiana.

Por fim, Arnaldo deixa bem claro, nos seus ensinamentos sobre o Sagrado Coração de Jesus, como deve ser a vida de um cristão ou de um missionário. Pelos seus ensinamentos sobre o Sagrado Coração, Arnaldo propõe a todos uma vida comunitária e trinitária. Aquela vida comunitária e trinitária que é a vida que a própria Santíssima Trindade vive na íntima comunhão e união no Sagrado Coração de Jesus. O Sagrado Coração é o Coração do Verbo Encarnado. E onde está o Verbo Encarnado aí também estão presentes o Pai e o seu Espírito Santo. De facto, a Santíssima Trindade é o Modelo para todas as comunidades humanas. O Senhor Jesus, depois de ressuscitar dos mortos, também convidou, constantemente, os seus Apóstolos e discípulos a viverem em comunidade. Apresentou-se muitas vezes no meio deles, em comunidade, como Senhor ressuscitado. E convidou-os a serem suas testemunhas até aos confins do mundo. Antes da sua paixão, morte e ressurreição, também enviou os seus discípulos dois a dois em missão. Assim dá para perceber a importância da vida comunitária. Esta vida comunitária e esta íntima união e comunhão da Santíssima Trindade no Sagrado Coração são desafios, para um cristão ou para um missionário, a viver da mesma maneira que vive a Santíssima Trindade. Por isso, desde início Arnaldo propôs para os seus missionários a vida em comunidade. Graças a Deus, os missionários do Verbo Divino levaram a sério a proposta do seu fundador, continuando a viver nas missões em comunidade.

O grande desafio que se coloca à vida dos missionários é viver à maneira da Santíssima Trindade e sobretudo da Santíssima Trindade no Sagrado Coração de Jesus. Hoje, como no passado, os grandes problemas do homem continuam no mundo. Esses problemas são: sofrimentos, dores, doenças graves e incuráveis, perseguições, injustiças, calamidades naturais, violências, guerras e mortes. Aparecem visíveis todos os dias. O homem fica perplexo perante tudo isto. Um homem cristão e devoto do Sagrado Coração terá mais capacidade de compreender tudo isto à luz dos ensinamentos de Arnaldo sobre o Sagrado Coração de Jesus. Quando a vida diária é vivida na relação de constante comunhão e união com a Santíssima Trindade, a pessoa já começa a viver na



terra a vida da eternidade. Mas quando não há esta comunhão e união com a Santíssima Trindade, o homem terá sempre dificuldade em compreender o verdadeiro sentido da sua vida. Há aqui um desafio para o missionário do Verbo Divino na sua missão: vivendo ele próprio a vida comunitária e trinitária, procurar ajudar as pessoas a viver também esta vida comunitária e trinitária com a Santíssima Trindade.

Pela sua devoção ao Sagrado Coração, Arnaldo chegou a entrar bem dentro da vida trinitária da Santíssima Trindade. E compreendeu que a vida tem de ser vivida por, em e com a Santíssima Trindade na íntima comunhão e união no Sagrado Coração de Jesus. É esta espiritualidade trinitária que Arnaldo propôs para os seus filhos e filhas espirituais das três Congregações que fundou. O grande desafio para cada missionário e missionária é dar continuidade a esta espiritualidade, crescendo em compreensão e vivência diária. Ao mesmo tempo, ajudar os outros que estão confiados aos seus cuidados, a viver a mesma espiritualidade no Sagrado Coração de Jesus. Espero que este trabalho de investigação me ajude pessoalmente a crescer mais nesta espiritualidade trinitária. E que eu possa ajudar os outros a crescer na mesma espiritualidade.

Ao terminar, fica diante do missionário mais um desafio de procurar aprofundar o seu conhecimento do Mistério da Santíssima Trindade na vida de Arnaldo e ajudar aos demais a compreender melhor e interiorizar este grande Mistério de Deus. Também deve procurar aprofundar o conhecimento do Mistério da Santíssima Trindade na sua própria vida e assim crescer no amor para com a Santíssima Trindade. Deve ainda procurar aprofundar o conhecimento do Espírito Santo na vida de Arnaldo e dá-lo a conhecer aos outros, sobretudo aos leigos missionários, aos benfeitores, aos paroquianos e aos Amigos dos Missionários do Verbo Divino. Será um trabalho muito importante ajudar os outros a crescer no amor à Santíssima Trindade e devoção ao Espírito Santo. Se o Espírito Santo transformou a vida de Arnaldo, também pode transformar a vida dos que estão abertos à inspiração e aos desígnios do Espírito Santo. Por isso, o mais importante será conhecer e amar em profundidade o Espírito Santo e estar aberto à sua inspiração na vida quotidiana. Cada um se interrogará a si mesmo: o que Deus quer de mim... o que Deus espera de mim... o que posso e devo fazer para Deus para que a sua vontade seja feita na minha vida e na vida dos outros...

Que Arnaldo continue a interceder pelos seus filhos e filhas espirituais junto de Deus Pai, para que os faça para sempre sua morada à semelhança do Sagrado Coração de Jesus. Que a Santíssima Trindade encontre uma morada digna no coração de cada cristão e de cada missionário. Que todos eles tenham a coragem de entrar à maneira de Arnaldo no Sagrado Coração de Jesus e encontrem na Santíssima Trindade uma fonte de vida e felicidade eterna.

## BIBLIOGRAFIA

- ALT, Josef, *Journey in Faith. The Missionary Life of Arnold Janssen*, APUD COLLEGIUM VERBI DIVINI, Roma, 2002.
- ALT, Josef, *El mundo en un meson. Vida y Obra misionera de Arnaldo Janssen (1837-1909)*, Verbo Divino, Cochabamba, 2002.
- ALT, Josef (ed.), *Cartas de Arnaldo, SVD a América del Sur: Tomo I*, Verbo Divino, Estella, 1992.
- ALT, Josef (ed.), *Cartas de Arnaldo, SVD a América del Sur: Tomo II*, Verbo Divino, Estella, 1993.
- ALT, Josef (ed.), *Cartas de Arnaldo, SVD a América del Sur: Tomo III*, Verbo Divino, Estella, 1994.
- ALT, Josef (ed.), *Cartas de Arnaldo, SVD a los Estados Unidos de América*, Verbo Divino, Estella, 1999.
- ANDUEZA, Jesús (trad.), *Arnaldo Janssen. Una vida al servicio de la Iglesia Universal*, Città di Castello, Italia, 2003.
- BENASSI, Vincenzo, *Um santo de ontem, para a Igreja de hoje*, Sociedade Propagadora Esdeva, Belo Horizonte, 1999.
- BORNEMANN, Fritz, *Arnaldo Janssen Fundador de los Misioneros del Verbo Divino*, Verbo Divino, Estella, 1971.
- BORNEMANN, Fritz (ed.), *Historia de Nuestra Congregación*, Salesiana, Santiago – Chile, 1983.
- Constituições da Congregação do Verbo Divino*, Tadinense AG, Braga, 2014.
- FISCHER, Hermann, *Sois Templo de Deus*, Gráfica Planeta, Ponta Grossa, 1997.
- HUMMELER, *Louco ou Santo*, Esdeva Empresa Gráfica, Juiz de Fora, 1981.
- JERÓNIMO, HIPÓLITO José, *Orar 15 dias com Santo Arnaldo Janssen*, Paulus, Lisboa, 2010.
- KUYLE, Aleberto, *Pe. Arnaldo Janssen*, Verbo Divino, S. Paulo, s.d.
- MCHUGH, Peter, *Espiritualidad de Nuestra Congregación. Una Visión Teológica*, Guadalupe, Buenos Aires, 1980.
- Missionários do Verbo Divino, *Vademecum. Um livro de orações para os membros da Congregação do Verbo Divino e seus colaboradores*, Papelmunde, SMG, Lda, - V. N. Famalicão, 2012.
- REHBEIN CAROLINA Franziska, *La Viña y El Lagar*, Steyl, Tegelen, 2000.

- REUTER, Jakob, *Proclaiming the Word in the power of the Spirit*, Apud Collegium Verbi Divini, Roma, 1994.
- REUTER, Jakob, *Arnaldo Janssen Cativado e Enviado pelo Espírito*, Livraria A. I., Braga, 2008.
- RIVINIUS, J. Karl (dir.), *Arnoldo Janssen, ayer y hoy*, Verbo Divino, Estella, 1988.
- SANDKAMP, Germano, *A Espiritualidade de Nosso Fundador P. Arnaldo Janssen*, Santa Maria, Porto Alegre, 1953.
- VALLIMONT, Judith (dir.), *Precious is the Life Given for Mission*, Città di Castello, Italia, 2010.
- ALBERTO FELICIDADE, Luís Sezinando, *Peregrinos de Cristo Rei de Almada*, Paulus, Lisboa, 2009.
- COELHO, José António (org.), *Documentos da Igreja sobre o Coração de Jesus*, A. O., Braga, 2004.
- JÁUREGUI MADDOZ, Vicente, *Vivir la muerte La muerte y el morir*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2015.
- MARTÍNEZ-GAYOL, Nurya (dir.), *Retorno de Amor. Teología, historia y espiritualidad de la reparación*, Sígueme, Salamanca, 2008.
- PEDROSO, Dário, *Acreditar no Amor. Espiritualidade e história da devoção ao Coração de Jesus*, A. O., Braga, 2003.
- PEDROSO, Dário, *O Coração do Bom Pastor*, A. O., Braga, 1999.
- RAVASI, Gianfranco, *O que é o Homem?*, Paulinas, Prior Velho, 2011.
- SALES, Lorenzo, *O Coração de Jesus ao Mundo*, Paulinas, Lisboa, 2003.
- SOLANO, Jesús, *Teología y vivencia del culto al Corazón de Cristo*, Edapor, Madrid, 1979.
- URRUTIA, José Luis de, *Espiritualidad Actualizada del Sagrado Corazón*, Universidad de Comillas, Madrid, 1969.
- URRUTIA, José Luis de, *Espiritualidad Actualizada del Sagrado Corazón de Jesus Hoy*, Salesianos Atocha, Madrid, 1986.
- D. CLETO MAMEDE, Albino (Or.), *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Lda., Libreria Editrice Vaticana, 1993.
- MARQUÊS, Valentim (Co.), *Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares, Constituições, Decretos, Declarações e Mensagens Conciliares*, Gráfica de Coimbra, Lda., Libreria Editrice Vaticana, 1998.
- BENTO XVI, *Carta Encíclica: Spe Salvi*, A. O., Braga, 2007.

FRANCISCO, *Exortação Apostólica do Sumo Pontífice, Evangelii Gaudium*, Paulus, Lisboa, 2013.

JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica: Salvifici Doloris*, Libreria Editrice Vaticana, Roma, 1984.